

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**A Dinâmica calvinista aplicada na
Igreja escocesa do século XVII- Exemplos práticos**

Victor Rodrigues Barreto

MESTRADO EM ENSINO

Ensino da História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada,
orientado pelo Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro

2021

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Aquilles e Valcilene e ao meu irmão, Gabriel

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, queria agradecer aos meus pais. Pelos esforços e dedicação nunca interrompidos que me permitiram prosseguir os meus estudos e enveredar pelo curso de História que sempre atraiu a minha preferência.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer ao meu irmão pelo seu afeto, sempre indesmentido.

Ao Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro que me apresentou o mestrado em ensino destacando as potencialidades do mesmo e apoiando todos os meus esforços na medida em que me abriu sempre novas perspectivas. Também me aconselhou sempre e apontou caminhos novos. Foi um prazer tê-lo como orientador não só do ponto de vista científico, mas também humano.

À professora cooperante Luísa Oliveira que me mostrou o que é ser professor nas suas diversas vertentes: elaboração de testes e fichas, planificações de aulas e de trabalhos, modo de tratar os alunos, a forma de os esclarecer sobre o seu relacionamento comigo. Agradeço-lhe também a generosidade com que partilhou a sua longa experiência docente alertando-me para os obstáculos que teria que enfrentar e vencer.

Aos professores do Mestrado que me ensinaram os modelos teóricos da história da educação, a psicologia da educação destacando os nomes mais marcantes desta área de estudo tais como: Piaget, Erickson, Ausubel, Carl Rogers e outros. Também me esclareceram sobre as várias aplicações digitais que podem ser usadas na sala de aula.

Aos meus colegas de estágio pela camaradagem que sempre me demonstraram assistindo às minhas aulas, fazendo críticas justas e apropriadas bem como sugestões sobre diversos aspetos a considerar e melhorar.

Por último gostaria de agradecer à Professora Maria da Conceição Pereira que foi uma grande ajuda na minha caminhada universitária pondo à minha disposição, a sua biblioteca e os conhecimentos e experiência adquiridos como professora do ensino secundário. Também lhe agradeço o interesse com que reviu tudo o que escrevi, esclarecendo-me sobre o porquê das suas correções.

ÍNDICE GERAL

Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Índice Geral	iv
Índice de anexos	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Introdução	1
PARTE 1 – Contexto escolar	3
1. Contexto escolar	4
1.1. História da Escola Secundária Cacilhas-Tejo	4
1.2. Projetos educativos	4
1.3. Descrição da Turma 11ºD	6
1.4. Descrição da Turma 11ºE	8
1.5. Atividades em que estive presente antes das aulas	10
PARTE 2 – Modelos pedagógicos	14
1. Modelos Pedagógicos	15
1.1. Teoria Psicocognotivista	17
1.2. Teoria Sociocognotivista	18
PARTE 3 – Dinamismo da sociedade calvinista	19
1. Reforma Protestante	20
1.1. Lutero e a Reforma	28
1.2. João Calvino	31
1.3. Henrique VII e Reforma na Inglaterra	34
1.4. Lutero e a Liberdade Cristã	38
2. Institutas da Religião Cristã	42
3. John Knox e a sociedade calvinista escocesa dos séculos XVI e XVII	52

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

3.1. Isabel I e as bases do Anglicanismo e os puritanos	52
3.2. John Knox e a sociedade calvinista escocesa dos séculos XVI e XVII	57
PARTE 4 – Descrição das aulas lecionadas	66
1. Descrição das aulas lecionadas	67
1.1. Primeira aula	67
1.2. Segunda aula	78
1.3. Terceira aula.....	82
1.4. Quarta aula	86
1.5. Quinta aula	90
1.6. Sexta aula	93
1.7. Sétima aula.....	95
1.8. Oitava aula	97
1.9. Nona aula	99
1.10. Décima aula.....	102
2. As minhas opiniões acerca das aulas lecionadas	109
Considerações finais	114
Bibliografia	116

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexos	118
Anexo 1 - Planificação Reforma Protestante	119
Anexo 2 – Planificação Reforma Protestante Calvinismo e Anglicanismo	121
Anexo 3 – Planificação Restauração Portuguesa	123
Anexo 4 – Planificação Sociedade Portuguesa do século XVII	125
Anexo 5 – Planificação Absolutismo Joanino	128
Anexo 6 – Planificação visita virtual ao Palácio Convento de Mafra	130
Anexo 7 – Planificação Recusa do absolutismo na sociedade inglesa	132
Anexo 8 – Linha Conceptual Reforma Protestante.....	134
Anexo 9 – Linha conceptual Restauração	135
Anexo 10 – Linha conceptual Absolutismo Joanino -	141
Anexo 11 – PowerPoint Reforma Protestante.....	142
Anexo 12 - PowerPoint Restauração Portuguesa.....	145
Anexo 13 – PowerPoint A sociedade portuguesa do século XVII.....	150
Anexo 14 - PowerPoint Absolutismo Joanino	152
Anexo 15 – PowerPoint Palácio Convento de Mafra	156
Anexo 16 - PowerPoint Recusa do absolutismo na Inglaterra-	159
Anexo 17 – Teste Critérios de Avaliação	161
Anexo 18 - Teste sumativo	168
Anexo 19 – Ficha de avaliação-	184

RESUMO

O presente relatório final de estágio pretende apresentar a dinâmica calvinista na igreja escocesa no século XVII. Por isso, para compreender melhor este tema, é necessário explicar a estrutura deste relatório final de estágio, que está dividido em três partes.

A primeira é a apresentação e descrição de forma geral da Reforma Protestante, de modo a compreender, o nascimento da igreja Calvinista. Este processo inicia-se com a apresentação da pessoa de Martinho Lutero e a afixação das noventa e cinco teses na Catedral de Wittenberg , facto que vai permitir uma reforma religiosa na Cristandade europeia com o surgimento das três principais igrejas protestantes: a Igreja Luterana com bases na teologia e pensamento de Martinho Lutero, a Igreja Calvinista com bases na teologia de João Calvino e a Igreja Anglicana que nasce através de uma questão política entre o monarca Inglês , Henrique VIII e o papado. O rei pretendia divorciar-se e como esse desejo foi contrariado pelo papa, ele iniciou a rutura que lhe permitiu tornar-se o chefe máximo da igreja anglicana.

O segundo ponto que constitui este relatório final é o aprofundamento da teologia Calvinista. Como o tema deste trabalho reside na análise da dinâmica calvinista na igreja escocesa do século XVII, torna-se importante apresentar o pensamento teológico de João Calvino através da análise das Institutas da religião cristã, uma das suas obras.

O terceiro ponto deste relatório final consiste na apresentação da igreja escocesa e aborda o nascimento da igreja presbiteriana de pensamento calvinista, e também o surgimento de outro grupo religioso, também de base calvinista, os puritanos. Será mostrado de que forma esta dinâmica religiosa era diferente do calvinismo de João Calvino e como conseguiu expandir-se para outras áreas geográficas, como a Inglaterra, que era um reino anglicano, mas terá como governante um puritano, como Oliver Cromwell. Outra corrente do pensamento religioso surge associada a John Knox que levou para a Escócia a sua visão pessoal do calvinismo.

No que se refere à prática letiva, além de abordar a Reforma Protestante nas suas origens, razões e correntes, também apresentei o Absolutismo português no período de D. João V e a Recusa do Absolutismo na Inglaterra.

Palavras chaves: Calvinismo, Luteranismo, anglicanismo, igreja presbiteriana, puritanismo

ABSTRACT

This final internship report aims to present the Calvinist dynamics in the Scottish church in the 17th century. Therefore, to better understand this topic, it is necessary to explain the structure of this final internship report, which is divided into three parts.

The first is the presentation and general description of the Protestant Reformation, in order to understand the birth of the Calvinist church. This process begins with the presentation of Martin Luther and the posting of the ninety-five theses in Wittenberg Cathedral, a fact that will allow a religious reform in European Christianity with the emergence of the three main Protestant churches: the Lutheran Church based on Martin Luther's theology and thought, the Calvinist Church based on John Calvin's theology, and the Anglican Church, which was born through a political issue between the English monarch, Henry VIII and the papacy. The king wanted to get divorced and as this desire was opposed by the pope, he started the rupture that allowed him to become the maximum head of the Anglican church.

The second point that constitutes this final report is the deepening of Calvinist theology. Since the theme of this paper lies in the analysis of Calvinist dynamics in the seventeenth-century Scottish church, it becomes important to present the theological thought of John Calvin through the analysis of the Institutes of the Christian Religion, one of his works.

The third point of this final report consists in the presentation of the Scottish church and addresses the birth of the Presbyterian church of Calvinist thought, and also the emergence of another religious group, also Calvinist-based, the Puritans. It will be shown how this religious dynamic was different from the Calvinism of John Calvin and how it managed to expand to other geographical areas, such as England, which was an Anglican kingdom, but had as ruler a Puritan, such as Oliver Cromwell. Another stream of religious thought arises associated with John Knox who took his personal view of Calvinism to Scotland.

As far as teaching practice is concerned, besides dealing with the Protestant Reformation in its origins, reasons and currents, I also presented the Portuguese Absolutism in the period of King John V and the Refusal of Absolutism in England.

Keywords: Calvinism, Lutheranism, Anglicanism, Presbyterian church, Puritanism

INTRODUÇÃO

O relatório de Prática de ensino supervisionada está inserido no âmbito da unidade curricular Iniciação à prática profissional III, integrado no quarto semestre do segundo ano do Mestrado em ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Secundário do Instituto de Educação integrado na Universidade de Lisboa. Este trabalho engloba o segundo do mestrado orientado pelo Professor Doutor Miguel Correa Monteiro e pela professora cooperante Luísa Oliveira na Escola Secundária Cacilhas Tejo.

Esta introdução analisará os seguintes tópicos: a História da Escola, as descrições de turmas, os modelos pedagógicos em que me inspirei para dar as aulas, as atividades em que estive presente antes das aulas que lecionei, o conteúdo científico que dá título a este relatório, para que em seguida seja demonstrada as descrições de aula. Finalmente será apresentada a minha opinião sobre as aulas dadas acompanhadas com a bibliografia e os anexos.

Descendo agora ao particular apontaremos os aspetos concretos de cada um destes tópicos: História da Escola. Referimos o início da mesma como estabelecimento de ensino independente após a aquisição de autonomia face à Escola Anselmo de Andrade. Destacarei que ela possui projetos educativos próprios que individualização na sua atuação pedagógica.

Em seguida abordaremos as descrições das turmas de décimo primeiro ano. Destacando as diversas origens sociais dos alunos e a relação que podem ter tido com os comportamentos a nível da sala de aula e fora dela com o surgimento da epidemia.

Passando aos modelos pedagógicos referir-nos-emos os autores que influenciaram a elaboração das estratégias destinadas a captar a atenção e interesse dos alunos.

Passando às atividades que estive presente antes das aulas que lecionei pretendemos demonstrar que elas permitiram os primeiros contactos com os alunos necessários à criação de um clima de confiança mútua que muito favoreceu a aprendizagem

Seguidamente referir-nos-emos ao conteúdo científico cujo tema principal é o Dinamismo calvinista na sociedade escocesa do século XVII. Neste ponto serão abordados três tópicos fundamentais que são: primeiro, a Reforma Protestante de forma geral. Destacando as principais figuras do movimento protestante, tal como, Lutero, João Calvino e Henrique VIII. No segundo ponto será analisado a obra de João Calvino, “As Institutas

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos da Religião Cristã”. O terceiro ponto será a apresentação da sociedade calvinista nos séculos XVI e XVII destacando a importância de John Knox como principal figura do calvinismo escocês. Além disso referiremos a importância da junção das duas coroas, a inglesa e a escocesa na pessoa de Jaime VI da Escócia que se tornou Jaime I de Inglaterra após a morte de Isabel I. Analisaremos igualmente o confronto da coroa com outro grupo religioso calvinista, os puritanos.

Após esta referência ao conteúdo científico serão feitas as descrições das aulas dadas às duas turmas de décimo primeiro ano, 11ºD e 11ºE.

Seguidamente referiremos as nossas opiniões em relação às dadas, quer quanto a conteúdos quer no que respeita à progressão das mesmas.

Seguir-se-ão as considerações finais que integraram a conclusão. Esta será seguida pela bibliografia e anexos. Nestes últimos serão incluídos as planificações de aula, fichas e testes e os PowerPoint.

Parte I- Contexto Escolar

1.1 História da Escola

A Escola Secundária Cacilhas Tejo para se tornar o que veio a ser hoje precisou de passar por certas mudanças.

A primeira referência feita à escola surge nos anos 80, quando ainda existia uma escola secundária chamada Cacilhas Tejo. Esta era uma escola criada provisoriamente como um anexo da Escola Anselmo de Andrade, cujas instalações não foram da melhor qualidade, pelo que se tornou necessário proceder a reformas estruturais logo nos primeiros anos.

Em 1985, a escola passa a ter uma Comissão Instaladora.

Devido às falhas estruturais como já foi mencionado, a escola teve que passar por várias obras para que houvesse condições mínimas de trabalho quer para os professores quer para os alunos.

Ainda nos anos 80, a escola começa a dar os seus primeiros passos para a sua autonomia e consegue receber a designação de Escola Secundária de Cacilhas, que nos anos 90 foi alterada para Escola Secundária de Elias Garcia Cacilhas, Almada.

Em 1994 - 95, a escola conseguiu construir um pavilhão definitivo. O processo de reformas estruturais continuou a ser imposto nos anos 90 e início dos anos 2000. Em 2000 é lançado um projeto de construção da Escola, que foi aprovado e dois anos depois, as obras estavam completas e deu origem à Escola Secundária Cacilhas – Tejo.

1.2 Projetos educativos

A escola tem neste ano letivo dois projetos educativos. O primeiro chama-se Novos Tempos para aprender. Consiste basicamente num projeto para todas as escolas de Agrupamento ou não da zona de Almada. Um dos principais objetivos é o desenvolvimento de novas estratégias pedagógicas com base nas Aprendizagens Estruturantes e no Perfil do Aluno à saída da Escolaridade obrigatória.

O projeto começa com a mudança do Calendário Escolar, que divide o ano letivo em dois semestres visto que se pensa ser assim possível maior organização e coerência do tempo.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

O projeto tem quatro objetivos que são: 1 - Melhorar a qualidade e o sucesso educativo de todos os alunos; 2- Diversificar práticas pedagógicas; 3- Garantir que, pelos menos, 50% das práticas avaliativas assentam na avaliação formativa e na diversidade dos instrumentos de avaliação (são as medidas presentes no projeto).

O segundo projeto é o da Escola Secundário Cacilhas Tejo que vai de 2019 até 2022 e é chamado de Escola para a Vida. Tem o desejo de mostrar que a escola não é apenas um lugar de convívio social, de encontros de amigos e professores, mas sim um polo de conhecimento, de aprendizagem e respeito pelas outras culturas. O projeto tem três áreas de intervenção: 1 - A aprendizagem consistente dos alunos, em toda a oferta formativa necessária à comunidade em que se integra; 2- As relações entre toda a comunidade escolar assentes no respeito pelo outro, pelas suas ideias e formas de estar na sociedade; 3- O reconhecimento de que a escola pode e deve ser o espaço de crescimento em que o estudante se torna um cidadão mais consciente e participativo (presente no projeto educativo).

1.3 Descrição da turma 11ºD

Esta turma é muito diversificada. Os alunos não só diferem nos seus conhecimentos, mas também nas suas mentalidades e culturas. É de destacar que esta turma sofreu alteração desde o ano passado. Primeiro, alguns alunos chumbaram e outros entraram, entre os quais muitos têm boas notas. A qualidade desses novos colegas permitiu que houvesse uma evolução nas notas gerais e também na participação. Claro que ainda há os que se destacam através das notas que tiram nas avaliações, mas a entrada destes novos alunos permitiu a existência de uma “competência amigável” entre eles, pois existe uma disputa para ver quem tem o melhor resultado no teste. De facto, a necessidade de competição faz bem aos alunos. Permite que se esforcem mais e que tenham mais atenção e participação na aula. O exemplo de um aluno pode incentivar o outro. Se um colega mostrar interesse pode incentivar outro a atuar de forma semelhante.

Neste ano letivo também senti uma evolução na maturidade dos alunos. Muitos deles, quando entraram no ensino secundário, ainda eram infantis e não sabiam o que queriam fazer no seu futuro profissional. Alguns escolheram o curso de humanidades porque acreditavam que era mais fácil do que o curso de ciências e economia. Tinham o desejo de fugir a matemática e pensavam que teriam mais sucesso em português e história. Aliás houve o caso de dois alunos que fizeram um ano em ciências e mudaram para humanidades. Também tinham dificuldade em saber como deveriam dirigir-se ao professor de forma correta, tendo sido a turma chamada à atenção por esse problema. Havia alunos que eram participativos e outros que nem tanto. E por último havia aqueles que não falavam nada.

Exatamente neste ponto respeitante à participação é que houve uma grande alteração. Grande parte da turma não participava ou tirava apontamentos nas aulas e isso foi algo que foi sendo desenvolvido com os alunos. Outro aspeto que também se manifestou relevante com a outra turma, foi a dificuldade em interpretar e escrever corretamente. Os alunos não foram postos a trabalhar a partir de textos no ensino básico. Por isso, logo no décimo ano, a professora Luísa Oliveira teve a preocupação e a responsabilidade de ajudá-los. Além disso, eu e os meus colegas de estágio também auxiliamos nesta questão. Muitos deles não sabiam o significado de palavras simples, demonstrando falta de vocabulário. Por isso, face a certas questões que eram colocadas na aula ou em testes, estes tinham dificuldades na interpretação. Porém, isso mudou bastante neles este ano. Certamente ainda possuem certas dificuldades nesta área, mas ao fazermos uma comparação com o

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

ano passado entre o modo como pensavam e escreviam e a forma como participavam, percebe-se uma grande evolução.

É uma turma que, como já foi dito anteriormente, é bastante diversa, tendo alunos descendentes de africanos, de europeus de leste e de chineses.

No total, houve três alunos que se transferiram para esta turma, sendo eles muito bons em termos de nota. Percebi ao longo do período em que fiz estágio que a turma evoluiu bastante. Muitos deles mostraram esforço para aprender e evoluir. Também ganharam mais maturidade e respeito pelo docente; além disso como em história é permitido o debate de ideias e pensamentos tal facto fez com que os alunos adquirissem maior pensamento crítico. Apesar de alguns possuírem dificuldades na matéria, algo que pode acontecer com qualquer aluno, têm agora mostrado interesse pelo conteúdo e o desejo de melhorar. Além disso, muitos destes alunos que no décimo ano não sabiam que curso queriam fazer na faculdade, agora já o sabem. Na questão do português verificou-se uma melhoria, conforme verifiquei tendo recebido e visto trabalhos bem escritos pelos alunos.

1.4 Descrição da turma 11ºE

Se na descrição da turma 11ºD disse que esta era uma turma diversificada, agora terei de dizer que a turma E ainda o é mais. Porém é preciso destacar que é uma diferença na questão cultural. Muito dos alunos tem ascendência africana, e alguns são brasileiros. Poucos ali são portugueses. Dentro da aula é visível a diferença entre culturas e pensamentos. Alguns moram em bairros mais perigosos; por isso depositam a sua esperança no futebol, acreditando que é o melhor caminho para ascender socialmente. Outros já têm dificuldade com a língua. No décimo ano, havia uma aluna na turma que era chilena e não sabia falar português, o que dificultava a sua integração no processo de aprendizagem. Nos testes tinha de usar um dicionário para a auxiliar, senão teria dificuldades na sua realização. No caso dos alunos brasileiros, no décimo ano só havia um. Mas já no décimo primeiro ano entrou uma nova aluna da mesma nacionalidade. A principal dificuldade que tinham era a utilização de certos termos, mas com as amizades que foram formando com os colegas de turma passaram a compreender melhor as coisas. Um dos alunos brasileiros que tinha chegado a Portugal há poucos meses, tinha melhores notas do que muitos dos seus colegas.

Exatamente neste ponto da questão cultural, a turma tinha muitas dificuldades em relação ao comportamento. Como já referido anteriormente, alguns alunos vivem em bairros mais problemáticos e acabam por levar a sua cultura para a escola. Muitos deles no décimo ano não sabiam o que queriam fazer; acreditavam que o curso de humanidades era mais fácil do que os outros cursos. Também muitos não queriam ir para o curso profissional, e muitas vezes os seus interesses profissionais ligavam-se a essas áreas de estudo. Para os alunos que se interessavam pela via futebolística, o ensino era considerado como algo obrigatório, um fardo pesado sem interesse.

Neste ano letivo entraram novos alunos: dois portugueses, uma aluna brasileira e outra aluna cabo Verdiana. O mesmo processo de uma “competição saudável” que ocorreu na turma D, também aconteceu aqui. Os quatro não sabiam muito sobre história, mas tinham mais conhecimentos do que muitos colegas. É de referir também que esta turma tem uma aluna nascida no Luxemburgo, mas que chumbou a história no décimo ano.

Esta turma apresenta os mesmos problemas que a outra, porém não mesma escala. Estas dificuldades surgem no comportamento e nas notas. Neste ano, no entanto, a turma de uma forma geral melhorou o seu comportamento. No décimo ano, os alunos tinham

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

muitas dificuldades neste ponto, mas estas foram sendo trabalhadas. Houve vários alunos que por vezes tinham de sair da sala por mau comportamento. Era a turma que mais apresentava casos de faltas disciplinares. Também não sabiam como deveriam falar com os professores. No caso das notas percebia-se também muitas dificuldades. Além de não saberem falar e escrever bem português, não sabiam quase nada sobre história. Algo que foi muito trabalhado com eles foi a questão da periodização histórica. Muitos deles não sabiam quando começou o período medieval, o moderno ou o contemporâneo. Numa ficha de diagnóstico houve um aluno que não sabia localizar a França no mapa da Europa. As estratégias e os modelos que foram utilizadas para esta turma vão ser explicadas mais adiante no relatório.

Porém, os alunos melhoraram muito este ano. Com a situação provocada pelo covid, todos eles, ficaram em casa e perceberam o valor da escola e da educação como meios de crescimento social. O respeito pelos professores mudou bastante, passando os alunos a respeitar mais a sua autoridade. Muitos deles já começaram a pensar no seu futuro profissional, pelo que uma aluna mudou de curso.

Portanto, houve uma alteração de atitude e pensamento da turma do décimo ano para o décimo primeiro. Isso deveu-se aos esforços dos alunos e dos professores.

1.5 Atividades em que estive presente antes das aulas lecionadas

Todos os semestres, a minha orientadora pede que eu e o meu colega de estágio nos empenhemos no máximo de atividades possíveis e por isso eu estive presente em algumas atividades com a turma ou realizei outras com eles.

De facto, numa avaliação de longo prazo é necessário que os alunos tenham o máximo de atividades a fazer para que as aulas se tornem mais interessantes a fim de os ajudar a reter a matéria. Para isso peço-lhes que façam certas tarefas pois assim o aluno estuda melhor. Tento levar a cabo o máximo de atividades possíveis para proceder por fim à avaliação do aluno sendo esta uma avaliação sumativa, ou seja, a longo prazo, visto demonstrar a evolução dele. Com efeito não são somente um ou dois testes que definem a caminhada do aluno, mas sim o que este fez ao longo dos semestres.

No meu caso, como estive encarregado de um bloco didático cujo tema foi o Absolutismo português e a recusa do absolutismo na sociedade inglesa, queria implementar o máximo de meios e atividades que promovessem a discussão, o interesse, o debate dentro da sala de aula. Foquei igualmente num outro bloco a Reforma Protestante.

Porém neste texto queria destacar que não vou somente apresentar as atividades que fiz nas aulas, mas também aquelas em que participei ou ajudei a concretizar, como sejam os testes ou fichas e respetiva correção.

A primeira atividade em que estive presente, logo no início do semestre foi a receção, dos alunos do primeiro ano na escola ato em que participei com a minha orientadora e o meu colégio de estágio. Foi uma experiência divertida porque eu estava na posição de uma pessoa com mais experiência a dar aulas e que conhecia melhor as turmas. A professora mostrou a escola para os novos colegas e eu e o meu colega demos-lhes alguns conselhos para que tudo corresse bem. A professora Luísa disse aos novos colegas que dentro de pouco tempo eu ia dar aulas e que seria muito interessante se eles estivessem presentes. O curioso é que eles faziam perguntas que eu já tinha feito no primeiro ano de estágio, sobre como lidar com os alunos, como se deveriam posicionar, como deveriam controlar o nervoso antes das aulas. Também pretendiam saber se eu ficava nervoso antes das aulas e eu respondia contando a minha experiência. Foi um momento novo para mim porque agora estava a ajudar os novos colegas do primeiro ano.

Mas, como já foi dito, a minha orientadora gosta que estejamos no máximo de aulas possíveis e numa aula em que só estava eu e ela e foi um caso que aconteceu antes

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

da recepção aos alunos do primeiro ano, a professora Luísa chamou -me de surpresa para continuar a dar o resto da matéria.

A minha orientadora estava a dar a matéria sobre os descobrimentos e a expansão do império português, embora não fosse uma rubrica que estivesse no programa de História. Era algo que as turmas não sabiam, embora fosse espectável que conhecessem visto que no oitavo ano se falou do assunto. Neste caso particular, foi a turma E que mostrou desconhecimento. Como os alunos não sabiam, a professora deu uma breve síntese desta matéria, focando a importância dos instrumentos náuticos, e dos novos conhecimentos relativos à representação do mundo. Falou sobre essa matéria durante a primeira hora de aula, mas na segunda hora, a professora foi ter comigo e disse que tinha uma coisa importante para resolver na direção pelo que eu deveria continuar a dar a matéria. O mais interessante é que a professora falou alto para que a turma ouvisse e dessa forma não havia como fugir. Foi uma situação engraçada. Como é uma matéria de que eu gosto bastante, falei da expansão portuguesa a partir de 1415, algo que os alunos não recordavam e fiquei uns vinte minutos a analisar textos do manual com eles e a explicar a expansão portuguesa. Quando a professora chegou à sala de aula disse que estava a correr muito bem e que deveria continuar porque a turma estava muito interessada. Com efeito, no início, já eles estavam muito curiosos para saber como eu ia dar a matéria.

Após a aula, a minha professora disse que quando chama uma pessoa de surpresa para dar a matéria faz isso porque confia nessa pessoa. Neste caso, confiava em mim e isso deixou-me bastante alegre.

Outra atividade em que também estive presente juntamente com os meus colegas de estágio foi na avaliação de duas apresentações orais; uma com a professora Luísa sobre arte renascentista e outra nas aulas do Tiago Vitorino (colega do segundo ano) sobre Absolutismo Francês.

Foi muito interessante porque havia muitos alunos com medo de apresentar, o que é normal, tendo em conta que não é algo comum para todos e muitos têm vergonha, enquanto outros me surpreenderam pois demonstraram um à vontade considerável nas suas apresentações. As duas turmas foram diferentes, mas as apresentações que eu vi foram na turma D. Não vi nenhuma da turma E. No que diz respeito ao meu caso pessoal foi uma experiência muito agradável pois tive a oportunidade de analisar a postura, o conteúdo científico e a qualidade da apresentação, que foram os critérios utilizados.

Outra atividade em que também estive presente foi a criação e correção de um teste.

Como dei aulas sobre a Reforma Protestante, a professora fez um teste que incluía a expansão portuguesa, a arte renascentista e por fim a Reforma Protestante, que estava ligada à pergunta de desenvolvimento. Foi uma experiência nova fazer um teste e ajudara a criar os critérios de avaliação, tarefa que fiz com a minha orientadora.

Estive presente, no dia que eles fizeram o teste e vigiei para que ninguém copiasse. Depois corriji-os com os meus colegas e seguidamente fi-lo sozinho com a minha orientadora. É engraçado ver algo que criei, o que foi muito bom, mas também é preciso paciência para corrigir os testes porque ao corrigir percebe-se quem estudou ou não, avalia-se a dificuldade ou a facilidade em escrever. Por vezes fazia pausas para conseguir corrigir estando constantemente atento e responsável.

A professora elaborou uma ficha sobre a recusa do absolutismo na Inglaterra, matéria que eu tinha dado. Por isso também ajudei na correção. Previamente participou na elaboração deste trabalho tendo dado opiniões quando solicitado.

Outro trabalho que eu pedi à turma D foi um texto de desenvolvimento, cujo tema era “Da Restauração ao Absolutismo Joanino”. Foi uma forma de avaliar o que a turma tinha aprendido sobre a matéria. De facto, foi muito compensador porque houve textos muito bons. Alguns alunos demonstraram uma evolução apreciável que deu para perceber que progrediram quer a nível da expressão escrita quer nos conteúdos científicos.

Esta turma tem alunos que são muito bons e numa aula eu dei os tópicos de resposta, o que para eles não ajudou muito porque não entenderam o alcance do que eu pretendia. Com efeito eles usaram os tópicos não como ponto de partida para um texto único mas como pretexto para falar de realidades separadamente. Enquanto a proposta era a produção de um texto de desenvolvimento que entrosasse todos os tópicos, o que muitos redigiram pareciam vários textos separados como “mantas de retalhos”, o que eu salientei na nota que dei aos trabalhos que ia desde o negativo ao muito bom. A nota mais baixa que dei foi um seis e a nota mais alta que atribuí foi um dezassete. Houve alunos que me entregaram textos com sete páginas, mas uma das alunas que teve dezassete escreveu duas páginas, mas com toda a informação e cumpriu a proposta.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Eu avaliei com base em três critérios o texto de desenvolvimento: primeiro, se cumpriam a proposta de trabalho, porque como já foi dito muitos abordaram os tópicos de forma individual. O segundo aspeto foi o conteúdo científico e em último, a comunicação em história. Eu escrevi os pontos que eles deviam melhorar e aqueles que atingiram muito bom nível. E avaliei este trabalho e no final mostrei os resultados à professora para certificar que estava tudo correto.

De facto, estive presente em diversas atividades com os alunos. Sobre todas as matérias que lecionei, houve uma ficha, um texto de desenvolvimento e um teste que estava ligado às aulas que dei. E não só, também dei uma aula supressa, estive em apresentações orais, assisti às aulas do meu colega do segundo ano, ou seja, muitas atividades, porém é algo que eu tive prazer em fazer.

Parte 2 – Modelos Pedagógicos

2. Modelos Pedagógicos

Durante os dois anos de estágio estive perante vários autores e modelos pedagógicos. Todos eles muito interessantes, mas quando estava perante as turmas não somente um modelo, mas sim vários. As aulas devem ser atrativas aos alunos e o professor deve procurar meios para cativar a atenção da turma para a matéria, principalmente a aquelas que consideram como “aborrecidas”. Além disso, o professor deve explicar a matéria que abrange todos os alunos. Para que todos consigam compreender o que está a ser transmitido. Portanto, o docente pode também utilizar outros meios como os instrumentos tecnológicos para enriquecer a sua aula.

Ensinar é um desafio que o professor deve ter em conta em todas as aulas que dá, por isso é necessário que conheça bem os alunos para que possa aplicar modelos pedagógicos de acordo com a turma. No meu caso, como a minha professora cooperante tinha duas turmas de décimo primeiro ano e os alunos são diferentes uns dos outros, portanto não podia a mesma estratégia com a turma D que utilizava com a turma E. Eram turmas diferentes, com alunos também diferentes, visto ser preciso utilizar outro modelo. Claro quando lecionei uma aula não pensava numa ideia educacional ou tinha-a marcado, foi algo que depois de estudar estes pensamentos que percebi que houve influência por parte destes autores da educação.

Diante dos modelos teóricos sobre a educação, Yves Bertrand destaca existe vários pensamentos sobre este tema que são: a espiritualista, a personalista, a psicocognitiva, tecnológica, sociocognitiva, social e académica. E essas ideias destacam quatro elementos das reflexões das teorias educacionais: o sujeito, neste caso o aluno, depois são os conteúdos, em seguida a sociedade e por fim as interações pedagógicas entre os três polos¹.

O sujeito nesta lista ocupa o primeiro lugar, ou seja, o aluno é o centro das atividades e do ensino. Pelo facto de reter e aplicar o conhecimento transmitido em sala de aula. Não como uma máquina que é simplesmente apresentado a matéria e depois decorado tudo para o teste. Quando há uma estratégia educacional, o aluno deve ver em primeiro lugar visto ser o principal interessado neste assunto. Por isso deve-se ter atenção à cultura, o meio que o aluno veio, o conhecimento que possui sobre determinado assunto.

¹ Bertrand, Yves, Teorias contemporâneas da educação, 2ª edição, 2001, Horizontes pedagógicos, p13

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Porque os alunos não são iguais e não aprendem de igual modo. Portanto é necessário que o professor tenha isso presente. Que deve montar planos que possam ajudar alunos com mais dificuldade e desafiar a evoluir a aqueles que tem mais facilidade. Porém se este não demonstrar interesse, deve seguir o segundo tópico que são a elaboração dos conteúdos.

Os conteúdos também são fundamentais porque a forma como o professor prepara a matéria que vai ser explicada aos alunos pode causar a curiosidade e atenção da turma ou não. Portanto, a partir do momento que o professor se preocupa com a forma que vai transmitir a informação pode arranjar estratégias que pode ligar com outras matérias para que a turma possa aprender mais.

Em terceiro ponto vem a sociedade e isso é algo importante. Dependendo do local que o aluno venha pode influenciar na sua aprendizagem. A cultura seja ela artística, teatral, literária podem ser fatores essenciais na retenção de informação da matéria lecionada. Visto que nas duas turmas que dei aula, havia muitos alunos estrangeiros ou de famílias de outras nacionalidades que tem a sua cultura e pensamento.

Por último vem as interações pedagógicas que estão ligadas a três polos que são: o docente, as tecnologias e a comunicação. Atualmente, a tecnologia tem vindo a crescer nas estratégias pedagógicas, vistos ser útil e pratico. É um novo meio de atrair a atenção dos alunos.

Os autores que mais me influenciaram foram Ausubel e Piaget. Estes autores fazem parte de um modelo chamado Teoria Psicocognotivista, que também abordam a teoria construtivista.

2.1 Teoria Psicocognotivista

“A ignorância é uma forma de conhecimento! O sábio não vê, diz ele, que a ignorância é um tecido de erros positivos, tenazes, solidários. Não se dá conta de que as trevas espirituais têm uma estrutura e nestas condições, qualquer experiência objetiva correta deve determinar sempre a correção de um erro subjetivo. No entanto, não se destrói os erros um a um assim com facilidade. Estão coordenados. O espírito científico só pode constituir-se destruindo o espírito não científico. Com demasiada frequência, o sábio confia numa pedagogia fracionada, ao passo que o espírito científico deveria visar uma reforma subjetiva total.”²

Piaget elaborou e fez conhecido a teoria construtivista. A ideia de que o professor deve construir o conhecimento com o aluno. O professor neste caso é um guia, um orientador que promove a matéria à turma.

Muitas vezes o aluno entra na sala de aula com ideias pré-concebidas sobre determinado assunto o que por vezes pode estar incorreto. A fonte de pesquisa não era a mais indicada ou viu numa série ou num vídeo jogo. Por isso, o professor deve “destruir” essa ideia e construir uma nova e correta. Portanto todas as ideias podem ser utilizadas de forma a apresentar o conhecimento correto à turma sobre a matéria que esteja a ser lecionada. Mesmo que o aluno não saiba nada, isso também pode ser aproveitado pelo professor para contruir esse conhecimento.

O aluno também é fundamental neste processo porque é quem recebe a informação e faz uma assimilação de tudo que está a ser transmitido. Por isso, o professor deve conhecer os seus alunos, em que parte que sabem mais e aquelas que sabem menos. A partir daí, construirá o conhecimento com a turma. Porque também sabe que o conhecimento é um ato de constante construção.

Com estas turmas, muitas ideias que eles tinham pré-concebido foi sendo destruídas e construídas com base no nível de conhecimento a respeito à matéria. Se não soubessem nada, então contruía a informação desde o seu início

² Idem, p 67

2.2 Teoria Sociocognotivista

Certamente gostei da teoria construtivista, mas também percebi que na sala de aula, as turmas eram diversas em termos de origens e pensamentos.

Como já dito, os alunos das duas turmas são diferentes vem de lugares diferentes e tem uma cultura diferente. Por isso, é preciso atenção a esse detalhe, visto que todos os alunos não são iguais e o muito que estes vivem é transportado para a sala de aula. Então não deve ser somente dado prioridade às questões como Bruner vai dizer que é necessário dar mais importância aos processos mentais do que os processos sociais que o aluno está inserido³. Cada vez mais percebe-se que filhos de emigrantes estão nas escolas portuguesas. Portanto numa sala de aula, o professor principalmente de História consegue abordar temas que toca em assuntos culturais e sociais.

No caso da matéria de História, o aluno estrangeiro pode ver a história de Portugal de outra forma. Vê-se mais esta problemática na questão da matéria sobre os Descobrimentos e a expansão do Império Português quando é abordado com alunos provenientes das antigas colónias.

Além disso, visto que em História tem conceitos específicos, é necessário que o professor tenha isso em consideração. Deve ajudar o aluno a utilizar uma outra linguagem que não seja do meio que vive.

A escola é um espaço social que reúne pessoas de diferentes classes sociais. Muitos alunos passam a ver o professor como exemplo. Se um aluno não tem o hábito de ler livros, o professor deve ser o exemplo que influencia o aluno a ter desejo pela leitura que conseqüentemente irá melhorar competências necessárias para a matéria. Também em relação a atribuição de tarefas o professor deve considerar a questão de que nem todos os alunos tem uma capacidade financeira para realizar o trabalho de casa.

Portanto, o professor no modelo sociocognotivista tem especial atenção ao meio social dos alunos.

³ Idem, p 115

Parte 3- Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa do século XVII

1.Reforma Protestante

Esta parte do trabalho é a explanação dos pressupostos teóricos que constituem a base do meu relatório final quer sobre a preparação das aulas quer na elaboração desta tese.

“A Reforma ocorreu na segunda e terceira décadas do século XVI porque determinado conjunto de circunstâncias criou uma situação que tornou possível e provável o seu aparecimento. Muitos dos fatores que deram origem à Reforma não eram novos, nem houve qualquer causa única que lhes desse existência. Foi uma particular correlação de acontecimentos que produziu a situação em que a doutrina dos reformadores provocou uma reação ativa (...) Ao mesmo tempo, os reformadores estavam a dar resposta a um descontentamento generalizado relativamente à religião contemporânea.”⁴

A reforma Protestante não deve ser vista como algo novo. É simplesmente a confirmação de um desejo generalizado daquela época. As críticas à igreja eram insuficientes tornava-se necessário que houvesse uma reforma no seio da igreja Católica. Por conseguinte quando o evento, foi encarado como normal em termos de pensamento.

As críticas que eram feitas à Igreja podem ser vistas como sendo orientadas por ideias centrais: a primeira é a visão da igreja como instituição e a segunda a análise da questão teológica.

A reforma Protestante veio responder a uma questão debatida desde a Idade Média: como é que o ser humano pode ser salvo? Tal resposta foi dada por um monge agostinho conhecido como Martinho Lutero. Não só a questão da atuação da igreja foi criticada como a questão da salvação foi salientada. Prova disso é o sucesso da Reforma na Europa com o surgimento de outras igrejas reformadas. Outro facto importante é que a Reforma vai dar especial destaque à vida pessoal do fiel o que não é algo novo visto que a igreja também o fazia. As novas igrejas nos seus programas tinham preocupações a nível económico, social, político e religioso. Pois a Igreja tinha de estar presente em todas as áreas da vida humana. Por estes factos percebe-se a existência de reis que eram luteranos, calvinistas e anglicanos. Além disso foi o surgimento de novas igrejas que permitiu guerras religiosas das quais mais conhecida foi a Guerra dos Trinta anos. Através da Reforma é possível perceber as diferenças das mentalidades e das sociedades dos Estados

⁴ Green, V.H.H, Renascimento e Reforma, Dom Quixote, 1984, p 123

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

que eram católicos ou protestantes. No final, a Reforma tenta replicar o que a Igreja Católica fazia, mas agora segundo a sua visão teológica.

Mais adiante veremos como a maioria dos estados reagiu na Europa e como a política utilizou a religião para os seus propósitos, sendo estes muitos visíveis no século XVII.

Para recuperar esse poder que fora sendo perdido e principalmente discutido na Idade Média, a Igreja procurou novos meios para reaver a sua autoridade não somente numa perspectiva espiritual, mas sim em todas as áreas da vida do homem. Por isso vemos um movimento de secularização da igreja católica. Com estas mudanças pode-se ver até onde tinha chegado a corrupção dentro da igreja. Claro que nem todos os clérigos eram corruptos, mas são agora visíveis da igreja como instituição e principalmente na concepção da figura do papa o que permitiu críticas à Igreja da parte de todos os que desejavam uma reforma.

Neste período é desenvolvida uma ideia de plenitude potestatis, que é basicamente a concentração de poder numa só pessoa neste caso, o papa. A sua autoridade era tão grande que não estava presente somente no seu cargo eclesiástico visto que era tido como a principal figura na sociedade, que governava em todos os sentidos. O vigário de Cristo autorreconhecia-se como a autoridade máxima em termos seculares.

Diante desta situação surgiram nesta altura diversas críticas à igreja feitas por humanistas, tais como: Erasmo de Roterdão e Savonarola. Quando é possível visualizar a quantidade de poder que o papa desejava obter, naturalmente passa haver opositores a tal ideia tendo todos o mesmo pensamento que é o retorno à essência da verdadeira religião. Por isso é necessário compreender que a igreja católica desejava ser mais influente nos assuntos seculares devido à perda de poder que tinha tido desde a Idade Média.

O primeiro evento que deve ser destacado é o Cisma do Ocidente no século XI, em 1053. Tal como o nome deixa explícito houve uma divisão dentro da igreja com um surgimento de uma nova autoridade que era o Patriarca de Constantinopla. Portanto desde a segunda metade do século XI vemos uma nova igreja que permite que haja dois líderes: o papa com a igreja com a igreja católica romana com a sede do papado em Roma e a igreja ortodoxa com a sede em Constantinopla.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Depois do Cisma de 1053 que reduziu bastante o poder da igreja, percebe-se que no seio político europeu, os principais estados como por exemplo no Sacro Império não vão desejar que o papa tivesse o poder de influenciar ou de confirma na escolha ou sucessão de um rei ou imperador. Exemplo disso é o conflito que ocorrerá no século XIV quando os príncipes eleitores não queriam a confirmação do vigário de Cristo para eleição do novo imperador⁵. O mais interessante é que o início da Reforma se dá exatamente no Sacro Império Romano Germânico.

Outro evento importante foi a publicação dos pensamentos de Marsílio de Pádua que acreditava essencialmente que a Igreja deveria estar ligada somente a problemas religiosos e não aos seculares. Isto porque o direito divino é diferente do direito civil. A igreja é um dos elementos da sociedade e não a sociedade no seu todo. Por isso, a única função da igreja deve ser ocupar-se das questões espirituais. Estas ideias vão inspirar outros críticos da igreja católica como Jan Huss e Wycliff que conseqüentemente vão influenciar os reformadores.

Como já foi salientado, com as críticas feitas à igreja percebemos que novos pensamentos vão surgir na Cristandade Ocidental. Wycliff acreditava que a Igreja deveria voltar às suas origens. Dava importância aos ensinamentos de Santo Agostinho, algo que Lutero mais à frente também fará. Traduziu a Bíblia para inglês afim de mostrar a simplicidade do cristianismo e a corrupção da igreja. Outro ponto em que Wycliff vai influenciar os reformadores será na questão da eucaristia. Vai por em causa se havia ou não transubstanciação. Se o pão e o vinho se tornavam realmente no corpo de Cristo. Acabava por haver um confronto face aos sacramentos da Igreja. Jan Huss por outro lado não concordava com a ideia de Wycliff sobre a eucaristia, mas acreditava que poderia haver uma mudança na Igreja. Criticava está última pela prática das indulgências destinadas a financiar a cruzada que o papa tencionava a financiar. Lutero também criticava a igreja pela prática das indulgências. Por isso foi considerado como herege e sentenciado à fogueira. As suas ideias tiveram vários apoiantes entre os quais os Utraquistas. Através da continuação destas críticas na Cristandade Ocidental vão ser criados novos grupos considerados heréticos que vão ser perseguidos pela Igreja. A igreja como era a tradição convocou

⁵ Grimm, Harol, Reformation Era, Dom Quixote, 1984, p 38

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Concílios para refutar as heresias e procurava novos meios de expandir o seu poder e influência visto que outro problema se instalou no seu seio: o Cisma do Ocidente⁶.

As heresias, ao contrário do que a Igreja Católica considerava não tinham como intuito de dividir a igreja quer no primeiro cisma com a igreja ortodoxa ou com a existência de dois papas, um em Roma e outro em Avinhão, o objetivo era diferente. Esta separação também envolvia questões políticas: Portugal apoiava o papa de Roma de acordo com a aliança que tinha com a Inglaterra apoiava igualmente o mesmo papa. Este evento só reforça a fragilidade que a Igreja enfrentou na transição da Idade Média para Idade Moderna. Contudo, a Igreja ainda sofreria duras críticas. Por isso desejo apresentar duas figuras que criticaram a igreja no período moderno: Savonarola e Erasmo de Roterdão. Decerto que houve outros críticos, porem estes foram que mais se destacaram. Vou começar por falar de Savonarola

Este foi um monge da ordem dos Dominicanos que fez duras críticas à Igreja e à família dos Médicis. Estava encarregado de uma igreja que pertencia aos Médicis. Acreditava que as pessoas deveriam arrepender-se do grande julgamento e por isso os seus sermões causavam terror e espanto nos fiéis. Também as suas profecias eram consideradas como verdadeiras⁷. O que permitia que tivesse por parte dos habitantes da cidade de Florença. O apoio das pessoas foi tão grande que deram liberdade a Savonarola para governar a cidade visto ter profetizado que perderia. Entrou em conflito com o papa Alexandre VI pelo que foi excomungado. Pela sua severidade, Savonarola perdeu muitos apoiantes, mas continuou a defender as suas ideias, o que resultou na sua morte. Antes disso foi torturado e confessou que as profecias que havia proferido eram mentiras. Isso não foi suficiente para livrá-lo da morte diante da qual os seus seguidores estavam ansiosos por algum milagre. De facto, Savonarola morreu em Florença queimado na fogueira. Após a sua morte foi considerado como um santo. Savonarola é destacado porque deixou bases muito importantes para os reformadores. Além de criticar a corrupção da igreja dizia que a salvação só vinha pela justificação pela fé, mas não defendia uma mudança na hierarquia eclesiástica. No entanto a ideia de justificação seria algo que Lutero iria defender e, portanto, não era uma ideia inovadora ou original dado que era algo que já havia sido transmitido pelos humanistas.

⁶ 1378- 1417

⁷ Grimm, Harold, The reformation Era, Dom Quixote, 1984

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Por outro lado, temos uma figura já referida que é Erasmo de Roterdão cujo principal objetivo era a renovação da Cristandade. De facto, dentro dos humanistas não houve quem criticasse mais a igreja do que Erasmo embora permanecesse até ao fim de sua vida⁸. Olhava para a necessidade de união e da volta da verdadeira visão do cristianismo antigo. Erasmo como humanista vai ter particularidades próprias da altura. Irá ser influenciado por ideias da filosofia grega como as de Platão algo que também ocorre com Lutero. É basicamente uma influência do pensamento clássico junto com a teologia católica. Por isso pode-se destacar no pensamento de Erasmo três pontos fundamentais: uma vida com virtudes, relações morais e sociais e o interior da religião⁹.

A sua educação teve início em Roterdão embora o não fosse o que lhe mais agradava. Neste período inicial de sua vida aprendeu latim. Ganhou um desejo grande pelos clássicos e por literatura o que só veio a usar quando entrou no seminário. Visto não ter conseguido entrar na universidade por decisão dos seus guardiães¹⁰. No seminário tinha interesse pelos clássicos, mas também por duas figuras da teologia como São Jerónimo e Lourenço Valla. Apreciava São Jerónimo pelo seu conhecimento que ele tinha das línguas em que a Bíblia foi escrita e dos clássicos. Quando a Lourenço Valla o admirava pelas suas críticas e pensamentos sobre os dogmas do cristianismo.

Através do seu seminário conseguiu entrar na universidade para tirar o curso de teologia. Teve relações de amizade com um dos filhos de Jaime II da Escócia e William Blount que se tornou tutor de Henrique VIII da Inglaterra. De facto, é interessante observar que a Escócia e a Inglaterra têm uma “ligação” com as figuras mais respeitadas na época em relação a temas e críticas de âmbito religioso. Henrique VIII será a principal figura na reforma na Inglaterra e a Escócia será um estado maioritariamente calvinista. Alias nas viagens de Erasmo a Inglaterra este acabou por conhecer os filhos de Henrique VII, neste caso Henrique VIII. Após a universidade, voltou para Paris e no século XVI começou a publicar as suas obras das quais a mais conhecida foi o Elogio da Loucura. Porém há uma obra que também demonstra o pensamento de Erasmo em relação à fé cristã e ao estado da igreja católica. Trata-se de “O Manual do cavaleiro cristão” que

⁸ Green, V.H.H Renascimento e Reforma

⁹ Grimm, Harold, Reformation Era, Dom Quixote, 1984, p 77

¹⁰ Nesta altura os seus pais haviam falecido.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

mostra as bases das éticas cristãs. Declara que na Igreja só existe a filosofia de Cristo¹¹; por isso acaba por analisar com maior profundidade o verdadeiro significado dos fundamentos da religião cristã. Reafirma que a tradição e as cerimónias não são as manifestações mais importantes para um crente, mas o que define a sua verdadeira fé é o amor e a piedade. Claramente que esta ideia vai ser utilizada pelos reformadores, visto todos eles inspiraram em grande parte nas suas ideias. Outro ponto em que os reformadores concordavam com Erasmo é a necessidade de um fiel ter conhecimento da palavra de Deus, isto vai ser fundamental para o pensamento calvinista e luterano. Para Erasmo não há necessidade de invocar santos, fazer peregrinações ou ir à igreja todos os dias. Até mesmo as indulgências não eram necessárias. O que definia realmente um verdadeiro cristão era os seus atos de amor para com o próximo. Não negava a tradição dos santos ou da tradição, mas insistia que era necessária uma reforma na igreja onde a pessoa mais importante é Cristo.

É preciso destacar que na Reforma e Contra Reforma foram para o Index, porque as suas ideias eram vistas semelhantes às dos reformadores, por exemplo durante muitos anos em Basileia que foi o palco de Zuínglio e foi preciso que mudasse de cidade para evitar qualquer polémica. Porém mesmo assim, as suas obras foram parar ao Index. Mas apesar disso, Erasmo de Roterdão em todas as críticas que faz à igreja incitando -a a voltar à simplicidade do cristianismo censurou os clérigos por se interessarem mais com o luxo do que os jejuns, o amor e a compaixão, que analisou no “Elogio da Loucura”. Mesmo apesar da relação que teve com as ideias luteranas Erasmo continuou a ser católico até a sua morte.

De facto, através da apresentação destes dois humanistas ficou demonstrado que as ideias que deram origem à reforma não eram novas, mas já tinham sido citadas por outras pessoas já aqui destacadas. A ideia de traduzir a Bíblia já era algo posto em prática o mesmo acontecendo com o combate às indulgências ou à corrupção da igreja que será melhor analisado agora.

Como já foi dito anteriormente, o poder que o papa desejava alcançar também abrangia as áreas seculares muito para além do que lhe competia. Assim pensarão os seus críticos. Mas é preciso ter em conta a situação da altura. A igreja realmente havia perdido muito com os dois cismas, no oriente e no ocidente e por isso percebia-se que dentro dela

¹¹ Grimm, Harold, Reformation Era, Dom Quixote, 1984

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

algo não estava bem. A crítica que é feita à igreja atinge principalmente aqueles que tinham os maiores cargos na hierarquia eclesiástica. Por exemplo é de destacar o papa Alexandre VI cujas ações eram do conhecimento geral como o facto de ter filhos e uma amante, algo ia contra as leis da religião. Porém não se podia fazer nada visto ser o papa. Outro papa que pode ser apresentado é Júlio II conhecido como o papa guerreiro o que mais uma vez não estava de acordo com as ideias cristãs. De facto, a importância que era dada aos papas faz com que não possa ser esquecido papa Leão X que foi criticado por Lutero ligadas à construção da Basílica de São Pedro. Devido ao Cisma do Ocidente o papa havia perdido poder sendo necessário agora recupera-lo, especialmente nos Estados pontifícios e a única forma disso acontecer seria através dos meios seculares. Uma das formas de promover o seu poder era através da venda dos seus cargos o que garantia a uma pessoa um sinal de notoriedade social além de garantir a salvação a essa pessoa, a igreja recebia grandes quantias de dinheiro. Os fiéis não viam como um estado religioso, mas sim político porque perceberam tal como os humanistas o que se passava. Claro que os humanistas viam o caso de forma mais específica.

A igreja através de Concílios tentava combater a corrupção, porém o problema não era resolvido e percebia-se cada vez mais a distância da espiritualidade a que se estava na igreja romana. Os cargos podiam ser facilmente manipulados através de subornos e um detalhe interessante é que o número de clérigos a lutar contra a corrupção era pequeno.

Outro grande problema da igreja na altura era a falta de vocações. Os clérigos não tinham capacidade de atuar nas suas funções religiosas. Além de não terem vocação ainda não gostavam de trabalhar na igreja o que pode ser caracterizado como acedia. Como explica V.H.H Green é um aborrecimento com as obrigações religiosas, portanto os clérigos não mostravam interesse pela religião. Percebe-se também que além da venda de cargos as peregrinações não tinham mais um ambiente religioso sendo considerada pelas pessoas do século XV como uma festa isenta de espiritualidade e reverência. Há registos de haver nas procissões religiosas casos de pessoas bêbadas. Um clérigo descreve que nestas peregrinações cometiam-se cerca de “dez mil pecados mortais como as bebedeiras, zaragatas, blasfémias, pragas execrandas e outras grandes e enormes pecados e maldades. Contudo demonstra o estado da igreja nos séculos XV e XVI. Não pode ser esquecido que nesta altura é evidenciado nas peregrinações o crescente gosto pela magia negra, o que mais uma vez demonstra algo berrante na cristandade.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Além disso podemos destacar outro problema da igreja que eram as indulgências. Estas não eram algo novo para a Cristandade. Tiveram o seu início no período das cruzadas. Foi algo a que a Igreja deu muito destaque porque permitia que o crente pagasse por um pecado. As indulgências era algo que só o vigário de Cristo podia determinar. Desta forma a igreja recebia grandes quantidades de riquezas dos fiéis que desejavam pagar pelos seus pecados, ou seja, um fiel confessava o seu pecado a um sacerdote que em seguida dizia-lhe o preço que tinha de pagar pelo seu pecado. Tudo isto tinha que ver com a salvação da alma. A igreja católica pregava que o crente poderia ir para três lugares: o inferno que era para pecadores relapsos, o segundo local era o céu no qual o crente viveria gozando da visão beatífica e em terceiro lugar o purgatório que era um lugar temporário no qual o fiel era purificado dos seus pecados para poder entrar no céu. Desta forma para um crente não “demorar” no purgatório pagava pelo seu pecado e diminuía assim a sua estadia. Porém uma questão pode ser levantada, como é que um fiel de um grupo social com poucas riquezas poderia pagar pelos seus pecados? De facto, foi uma questão que surgiu na altura e por isso a resposta da igreja para essa problemática foi a seguinte, quem não tem dinheiro para pagar redime os seus pecados através de orações. No livro Renascimento e Reforma demonstra que para os mais necessitados a multiplicação das orações era um meio, havia casos de um crente orar anualmente cerca de onze mil ave marias e Pai nossos, o que de certa forma era um desafio. Pode-se questionar a sua concretização, porém não devemos esquecer as recomendações da igreja; por isso podemos acreditar que os crentes poderiam de facto rezar tanto visto que a sua salvação estava em causa.

Com estas críticas à igreja percebe-se a necessidade que as pessoas tinham de mudar ou melhorar de a reformar por isso essa reforma para os crentes deveria começar pelo plano espiritual. Diante desta exigência surgem obras como Imitação de Cristo que aborda questões mais espirituais do que propriamente dogmáticas ou ligadas à tradição. A necessidade maioríssima para a igreja na altura não eram a questão económica ou social, mas a religiosa. Decerto que houve clérigos cujas grandes famílias como as dos Médicis através de suborno e influência conseguiam que o segundo ou terceiro filho fosse para a vida religiosa para ter poder na área política, social, religiosa e económica. Curiosamente estes condicionalismos contribuíram para o sucesso da reforma protestante favorecendo a sua expansão. Podemos apontar alguns exemplos concretos: o apoio dos príncipes alemães a Martinho Lutero, a rejeição por parte deles da intervenção do poder religioso na eleição imperador.

1.1 Lutero e a Reforma

Desde o início deste trabalho tenho apresentado as críticas à Igreja focando os eventos que mostraram a necessidade de uma reforma no seio da Cristandade de acordo com o pensamento da altura. Porém também se verificou que não houve grandes transformações apesar de inúmeras tentativas. Nunca devemos esquecer o objetivo de aumentar o poder do papa em todos os níveis da atividade humana. Contudo, no século XVI a forma como a crítica foi feita e o seu impacto foram diferentes e tiveram mais eficácia, por isso é preciso apresentar a figura que deu início à Reforma Protestante, ou seja, Martinho Lutero. Já foi demonstrado no decorrer do texto que a Reforma não trouxe ideias que pudessem considerar-se como novas ou originais, mas a concretização das mesmas acontecerá com Lutero quando procedeu a afixação das noventa e cinco teses. Antes de analisarmos com maior detalhe o pensamento luterano torna-se necessário compreender as razões que levaram Lutero criticar a igreja facto que permitiu a criação de outras igrejas.

O Sacro Império Romano Germânico foi o “palco ideal” para o início da Reforma Protestante. Como já foi referido anteriormente, há muito que os príncipes eleitores não desejavam a interferência da Igreja na eleição do Imperador. Também foi este Estado que não era unido, mas sim dividido em condados e ducados permitiu a expansão das ideias protestantes com maior facilidade. Outro ponto fundamental foi o surgimento de uma questão importante para Martinho Lutero que era o modo como se poderia conseguir ou alcançar a salvação. Será exatamente através dessas dúvidas que Martinho Lutero vai contestar várias ideias da igreja Católica principalmente a questão das indulgências.

Martinho Lutero, nasceu em 1483 no dia 4 de novembro. Vinha de uma família humilde. O seu pai trabalhava nas minas em Eisleben, local de nascimento de Lutero. Porém o seu pai Hans mudou com a sua família para Mansfield à procura de melhores condições de vida o que de facto aconteceu pois tornou-se magistrado da cidade. Devido à importância do pai, Lutero começou a aprender latim e a ter contacto com a escrita religiosa. Também leu os clássicos, o que era algo habitual no Sacro Império e foi também comum nos humanistas. Depois de entrar na universidade torna-se mestre em artes. O seu pai desejava que se tornasse um conselheiro de um príncipe após fazer o curso de direito¹². Porém o desejo de Hans não foi realizado visto que o seu filho havia decidido seguir a

¹² Pierre Chaunu, O tempo das Reformas, volume II, edições 70, P 78

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

vida religiosa. Não se sabe bem os motivos que levaram Lutero seguir a vida eclesiástica a não ser que se trate de dois eventos que o fizeram pensar em relação à sua salvação.

O primeiro evento ocorreu em 1503. Durante a sua viagem na Saxónia, Lutero acabou ferido e quase não sobreviveu¹³. Tal facto fez com que se questionasse em relação à vida. Interrogou-se pensando se tudo o que ele havia feito valeria a pena caso morresse ou se as suas riquezas poderiam também poder livrá-lo de algum acidente. A solução para os seus problemas seria a vida religiosa.

O segundo evento ocorreu no decorrer de uma tempestade. Mais uma vez Lutero sobrevive e então decide entrar na ordem dos Agostinhos porque durante esse momento de perigo ele prometeu que, se voltasse vivo dedicaria a sua vida à igreja.

Ao entrar para a ordem procurou através de jejuns e orações e uma disciplina exigente uma resposta para a questão da salvação. Acreditava que, apesar de tudo isso continuava a ser insuficiente o que fazia, pois, o homem era demasiado pecador para receber a vida eterna. Em 1508 foi para Wittenberg como frade e professor. Somente em 1513 é que Lutero demonstra paz em relação a este ponto. Aprendeu grego e hebraico para compreender melhor as Escrituras porque acreditava que através leitura e análise da Bíblia conseguiria encontrar a resposta que desejava. Após isso, tornou-se doutor em teologia.

Nesse mesmo ano enquanto fazia comentários à Epistola aos Romanos ao ler que o justo viveria pela fé, conseguiu a tão desejada resposta e passou a dizer que a salvação não poderia vir através das obras, mas sim pela fé. A partir daquele momento, Lutero passou a entender o significado dessa justiça. Não como algo punitivo, mas sim no sentido de misericórdia. Além de alcançar esta resposta através da Carta aos Romanos e da leitura dos escritos de outra figura que também já meditara nesta problemática mil anos antes. Tratava-se de um Doutor da Igreja, Santo Agostinho que escreveu: “Toda justificação do homem é obra exclusiva de Deus”¹⁴. Lutero ao perceber que o homem é pecador acredita que isso afeta o seu interior e o “encaminha” para o inferno. Mas o ser humano é salvo pela graça de Deus.

¹³ A Saxónia no século XVI era uma região muito perigosa, tendo-se verificado variados casos de furtos e de assaltos.

¹⁴ Idem,p98

Após esta descoberta, Lutero negou completamente a necessidade das indulgências para a construção da Basílica de São Pedro. Considerava que a indulgência era uma criação humana e não uma ordem bíblica e que pagar pelos pecados era incorreto. Por isso é necessário compreender as vantagens que as indulgências davam ao seu comprador. Primeiro, prometia que houvesse plena remissão do pecado que fora pago pelo que deixaria de ter de o fazer no purgatório. Também recebia a bênção de um clérigo sem a necessidade de confissão. Compartilhava os méritos dos santos para sempre visto que receberia a remissão dos pecados sem a necessidade da penitência.¹⁵Perante isto entende-se a oposição de Lutero face às indulgências, visto que considerava a fé como o único meio de obter a salvação.

Atendendo a esta situação, no dia 31 de outubro, perto da festa do dia de Todos os Santos, afixou na Catedral de Wittenberg as noventa e cinco teses contra as Indulgências. O primeiro ponto destacado nas teses de Lutero foi o dever do crente de fazer penitência e não só por um pecado específico pois a penitência deveria durar e ser posta em prática durante toda a vida do fiel. Ou seja, as indulgências tornam-se nulas visto que a vida e a fé do crente passam a rejeitar o pecado sem pensar em comprar o perdão. Ao dizer isso, no quinto ponto das noventa e cinco teses, Lutero afirma que o papa não tem poder para anular qualquer pena salientada no sexto ponto pois não tem poder para perdoar pecados dado que isso é algo que só Deus pode fazer sendo necessário que haja confissão ao sacerdote. Por isso a indulgência para Lutero não tem poder para perdoar pecados porque não é a sua responsabilidade tornando-as inúteis para a salvação e perdão de pecados. No ponto vinte e um, Lutero critica os pregadores que diziam que a salvação das indulgências do papa. São afirmações duras que foram afixadas. Não só criticava as indulgências que tinham a aprovação do vigário de Cristo como questionava a sua autoridade e todos aqueles que apoiavam as suas decisões. Não queria de forma alguma negar os dogmas e os sacramentos da igreja, mas entendia que a Igreja Católica precisava de uma renovação e deveria começar pelas indulgências. Lutero afirma que o cristão invés de pagar pelos seus pecados deveria ajudar os mais necessitados.

¹⁵ Grimm, Harold, Reformation Era, Dom Quixote, 1984, p 105

1.2 João Calvino

«O Calvinismo cristalizou a Reforma. Lutero e Zuínglio tinham modificado radicalmente a antiga religião, mas para além do vigoroso realce dado à Palavra de Deus, as crenças reformadas careciam duma autoridade precisa, duma direção organizada e de uma filosofia lógica. João Calvino deu-lhes tudo isto e ainda mais (...) A influência que exerceu desde a cidade de Genebra, que praticamente governou a partir de 1541 até a sua morte em 1564, espalhou-se pela Europa inteira e mais tarde pela América¹⁶.»

Calvino foi uma das principais figuras da Reforma Protestante e como visto no excerto apresentado, foi quem permitiu uma organização de uma igreja protestante que se espalhou pela Europa. Visto que o tema do relatório é focado nas ideias calvinista, é necessário mostrar como João Calvino adquiriu o pensamento que tinha em relação à salvação. Por isso começo por destacar a sua jornada através do seu nascimento e a sua educação.

João Calvino nasceu em Noyon, em França em 1509. Era o quarto filho da família, assim a sua educação foi mais para a área religiosa, comum na altura. Era considerado desde o colégio só de rapazes como um génio e o seu tutor era secretário do bispo de Noyon. Devido à sua genialidade, entrou para a universidade, neste caso o seu pai quis que o seu filho entrasse na universidade de Paris. É preciso destacar que a França do século XVI é diferente do Sacro Império Romano Germânico. O sucesso de Lutero além de estar ligado à divulgação das suas teses e da tradução da Bíblia para alemão graças à imprensa, mas também se deu à divisão que existia neste Estado, que era fragmentado. Porém tal situação não ocorria no reino da França, cujo Estado era um só. Era governado por um rei, enquanto o Sacro Imperador era por um Imperador eleito pelos príncipes eleitores. Portanto o cenário político aqui apresentado é diferente.

Na universidade, Calvino teve contato com a cultura clássica e os sermões de Lutero através da tradução feita por Louis de Berquin. Além disso tinha um grande interesse pelas Epístolas Paulinas e os quatro Evangelhos traduzida e comentadas por outro teólogo francês chamado Jacques Lefèvre D'Étaples.

Em 1528, Calvino torna-se mestre em artes. Como já referido anteriormente, Calvino era considerado como um génio por isso o seu pai, Gerard Cauvin desejava que invés

¹⁶ Green, V.H.H, Renascimento e Reforma, Dom Quixote, p187

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

do seu filho entrar na vida religiosa, poderia em contrapartida tirar o curso de Direito. De facto, Calvino começou por tirar o curso de direito em Orleães, mas o seu gosto era mais por línguas e a cultura clássica, aprendendo grego. Com esse desejo criou uma rotina de disciplina sendo considerado um aluno exemplar. Após a morte de seu pai doutorou-se em direito na mesma escola. Em 1531 escreve a sua primeira obra de carácter humanista, Comentário sobre a obra Dois Tratados sobre a Clemência de Séneca¹⁷.

Com os eventos da época com a Dieta de Augsburg, a morte Zuínglio, Calvino ainda não tinha uma voz importante para as problemáticas religiosas, procurando adotar uma figura inspirada em Erasmo. Porém as suas ações vão ser alteradas quando o mesmo diz que se converteu.

É interessante que Calvino estudou teologia, os inícios dos seus estudos estavam ligados à vida religiosa, mas só anos depois é que o próprio considera que se converteu descrevendo como sendo algo súbdito. Não para o catolicismo, mas sim para os modelos da igreja protestante. Não existe dados ou datas que demonstram o ano de sua conversão, visto que o mesmo não o relata¹⁸, por isso crê-se que foi neste momento que Calvino separou-se de fato da Igreja de Roma e passou a “criar a sua versão” que considerava como o verdadeiro evangelho de Deus.

Esta mudança também foi muito influenciada pelas ideias de Lutero no qual Calvino foi exposto desde o seu período na universidade de Paris, sob a direção do reitor Nicolau Cop. Perante esta nova ideia começou por escrever o que seria as bases da igreja calvinista, As Institutas da Religião Cristã. Obra essa que será analisada mais à frente no trabalho. Este escreveu este livro já quando tinha saído de França e mudado para Basileia em 1534.

No ano seguinte mudou-se para Genebra. É preciso destacar que Genebra nesta altura, a população tinha recebido muito bem as ideias luteranas, principalmente os nobres e os burgueses. Havia uma oposição na cidade contra o duque da Saboia, que era cunhado de Carlos V, imperador do Sacro Império. Os que eram contra o Duque apoiaram um homem que ajudou Calvino a ganhar reputação na cidade que era Guillaume Farel. Farel precisava de um apoio intelectual para combater o duque por isso convidou Calvino para

¹⁷ McNeill, John T, The History and Character of Calvinism, p 104

¹⁸ Nos comentários que fez ao livro de Salmos, Calvino descreve a sua conversão, não destacando o ano ou o evento que sucedeu a o mesmo. Esta obra foi escrita em 1557, poucos anos antes da sua morte.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

juntar à oposição dizendo-lhe que era um trabalho de Deus. Inicialmente Calvino recusou a proposta, mas diante dos avisos que lhe foram dados, acabou por aceitar. O sucesso das ideias de Farel foram tão grandes que em menos de dois anos, Genebra tinha aceitado o protestantismo.

Um dos atos dos protestantes sob a liderança de Farel ocorreu em 1535 quando queimaram e destruíram imagens dos santos. Claramente que esta ação trouxe desvantagens para o grupo visto que criou razões de ataque por parte dos seus opositores que desejavam que a Igreja Católica fosse a única igreja da cidade, rejeitando qualquer possibilidade de uma nova fé. Conseguindo cerca de três expulsar Farel e Calvino da cidade.

Depois da expulsão de Farel, Calvino depois de três anos voltou a cidade com o intuito de continuar a tentar “espalhar” as suas ideias sobre Genebra, o que vai acabar por ocorrer. Um ano depois da sua expulsão, os magistrados da cidade já desejavam o seu regresso. Isso acontecera pelo fato dos magistrados estarem descontentes com a ação da igreja, por isso pediram a Calvino que retornasse e não Farel. Calvino era considerado como um génio, porém uma pessoa tímida e sério invés de “destruidor” das imagens da igreja como era considerado Farel. Inicialmente, Calvino rejeitou a oferta¹⁹, mas depois acabou por aceitar acreditando que estava a fazer a obra de Deus e desde então não saiu mais da cidade.

Calvino tornou-se uma figura importante na cidade de Genebra. Acreditava que que deveria haver uma separação na sociedade do poder temporal e do espiritual, embora tornou-se líder da igreja e líder da cidade²⁰. O calvinismo era muito rígido no período de Calvino, não se podia ir ao teatro, não se podia dançar, ou jogar. Também Calvino tinha ideias ao contrário de Lutero perseguindo os seus apoiantes, como também católicos. Dava muita razão a igreja e tinha controlo sobre a vida pessoal dos crentes.

A interpretação da Bíblia pertencia somente a de Calvino, não podendo sofrer qualquer alteração ou crítica em relação à ideia da salvação pela predestinação, podendo ter o Venerável Ministério, um tribunal que era comandado por Calvino que podia julgar as heresias levando pessoas a serem sentenciadas à morte

¹⁹ Calvino havia mudado para Strasbourg, no qual sentia-se confortável nesta cidade. Ter de voltar para Genebra foi um facto muito triste para Calvino, porque não sabia se iria sobreviver na cidade onde outrora fora expulso.

²⁰ A cidade de Genebra era governada por magistrados representados em Conselhos.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Mas além de julgamentos, Genebra tornou-se um placo do mundo protestante, diversos viajantes iam à cidade ou mesmo pessoas de outros estados que mudavam para a cidade. Calvino mandou contruir escolas e uma universidade para a nova teologia, o que permitiu com as ideias calvinistas espalhassem com maior rapidez pela Europa e depois para América.

«Quando em 1564 Calvino morreu, pôde pelo menos repousar com o seguro conhecimento de ter criado um dos mais importantes movimentos religiosos e políticos da história mundial²¹».

O Calvinismo surgiu com o quarto filho do secretário do bispo de Noyon que tinha o mestrado em artes e que depois tornou-se doutor em direito e um especialista em línguas clássicas e após a sua conversão decidiu espalhar o que considerava a verdadeira palavra de Deus. Fez parte da oposição contra o Duque de Saboia sendo depois expulso da cidade retornando poucos anos depois tornou-se líder da igreja da nova igreja e também da cidade até a sua morte em 1564.

1.3 Henrique VIII e a Reforma na Inglaterra

Diferente do caso luterano ou calvinista que surgiram devido a razões teológicas, o caso inglês será um evento particular no período da reforma, no qual será necessário questionar se a separação da igreja católica e a formação de uma nova se deu por motivos espirituais ou temporais? Portanto pretendo ao mostrar através da análise do reinado de Henrique VIII da casa dos Tudors responder essa questão.

De facto, a reforma na Inglaterra não é uma matéria tão trabalhada no programa de História. Porém há eventos que são particularmente interessantes porque vão ser momentos inéditos na Cristandade. A ideia de um monarca ser o chefe máximo de uma igreja era algo novo no seio da religião cristã. Ainda por cima pelas questões que permitiram essa separação fosse considerado como peculiar.

Durante a expansão do luteranismo pela Europa, Henrique VIII de Inglaterra considerava-se como um aliado do papado, tendo como título “O defensor da fé”. Um título que trazia muito prestígio, demonstrando dessa forma que a monarquia inglesa tinha boas relações com a Santa Sé. Contudo no século XV, a Inglaterra procurava aumentar o seu

²¹ Green, V.H.H, Renascimento e Reforma, Dom Quixote, p195

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

poder temporal em função do poder espiritual. Usavam as riquezas da igreja para intensificar a sua força política. Os bispos tinham mais formação em direito do que em teologia, o que permitia o crescimento de heresias como a dos Lollardos ou a expansão das ideias luteranas nas igrejas inglesas. E visto que a sua educação não era tanto religiosa, mas sim civil, estes bispos procuravam o apoio e aprovação da coroa²². Da mesma maneira que as pessoas desejavam uma mudança na igreja e nos sacerdotes, o mesmo problema ocorria em Inglaterra. Há relatos da altura que criticavam a imoralidade da igreja. Casos de roubo, a falta de cuidado com os fiéis, falta de disciplina e incompetência.

Portanto existia nesta época o desejo de reforma na igreja e vê-se que grupos como os Lollardos que existiam desde a Idade Média, tendo como um dos líderes, Wycliffe já mencionado neste trabalho, um aumento de apoiantes que criticavam os abusos da igreja e desejavam que a todas as pessoas tivessem acesso às Sagradas Escrituras e contestavam certos sacramentos da igreja como o da confissão. Também acreditavam que as boas obras não eram necessárias para a salvação do Homem porque a maior obra segundo eles, foi feita por Jesus. Mas quando observamos que apesar desta desaprovação dos fiéis, a coroa inglesa continuava a apoiar a Igreja de Roma. Sendo que Henrique VIII não gostava das ideias de Lutero considerando-as como heresias. Várias obras de Lutero que haviam sido traduzidas foram lançadas à fogueira.

Não obstante disso, a principal razão que permitiu a formação da igreja anglicana foi muito singular.

É de consenso geral entre a comunidade histórica²³ que aborda este tema que o motivo central da reforma foi graças ao divórcio de Henrique VIII com Catarina de Aragão. Esperava-se que o motivo poderia ser através das indulgências ou o reconhecimento da corrupção da igreja, mas a justificação dessa divisão foi por causa de um divórcio.

É possível discutir se a Reforma na Inglaterra foi realizada por um desejo espiritual ou temporal. Todavia, percebe-se que foi por mais questões políticas. Na questão espiritual, apesar dos luteranos estarem a expandir as suas ideias ou os Lollardos, ainda era insuficiente, visto que não eram grupos religiosos unidos. Isso é algo importante de ser destacado, nem todos os grupos religiosos ou figuras que eram contra certas ideias

²² Marshall, Peter, *Reformation England*, Oxford University Press, p 20.

²³ Idem, p27

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

teológicas da igreja católica não significa que eram unidos entre si, muitos deles eram contra uns aos outros. E exatamente sobre isso que acontecia na Inglaterra, os luteranos e os lollardos não se apoiavam, ainda por cima criticavam-se uns aos outros.

O divórcio exigido por Henrique VIII não tinha sido aprovado pelo papado o que levou o monarca a se declarar o chefe máximo da igreja, era algo que na altura não foi entendido como uma separação da igreja católica. Viam simplesmente como um novo título dado ao rei.

A anulação de casamento foi realizada devido às preocupações do rei inglês em relação ao seu sucessor no trono, apesar de Catarina de Aragão ter tido seis filhos, embora muitos tenham morrido muito novos. Visto que a rainha não podia dar filhos ao rei, o monarca decidiu pela via da separação. Visto ter sido desta forma que os Tudors subiram ao poder. Sabia exatamente o risco que era de não ter herdeiros. Também considerava como “pecado” continuar casado Catarina de Aragão pelo que ela tinha sido prometida e casada com o seu falecido irmão, príncipe Artur. Este assunto causou tamanho escândalo que o papa teve de intervir, mas não podemos esquecer que Henrique VIII desejava casar com Ana Bolena, mulher que se interessou pelos estudos dos teólogos protestantes e ajudou que essas ideias pudessem ser expandidas na Inglaterra. Apesar desse desejo, o papa rejeitou o pedido de divórcio do rei.

Visto que o plano do rei de separação não deu resultado, Henrique VIII procurou mais bases teológicas a seu favor. Por isso juntamente com vários teólogos que mais tarde, alguns deles tornaram-se bispos escreveram um documento²⁴ que permitiu que o monarca tivesse o direito de convocar um bispo inglês e este permite-se o divórcio. Porém, somente em 1533 é que Henrique VIII conseguiu alcançar o seu objetivo. Além disso, também alcançou a posição de chefe máximo da igreja em Inglaterra em 1534.

É preciso destacar que o rei tinha poderes, sejam elas temporais ou espirituais. Podia estabelecer novas doutrinas teológicas ou uma nova hierarquia eclesiástica. De facto, é um poder que não se tinha visto na Europa cristã. O desejo antipapal permitiu que tal evento ocorresse, ainda por cima por um rei que detinha o título de “o Defensor da fé”. Demonstrado dessa forma que a Reforma na Inglaterra se realizou por razões políticas, porque de outro modo não seria possível a sua concretização. Não seria necessário o

²⁴ Collectanea satis copiosas, documento escrito em 1530.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

vigário de Cristo determinar as leis que seriam aplicadas na nova Igreja, tal responsabilidade passou para o monarca inglês e para os seus sucessores.

Apesar disso, o monarca inglês não tinha formação teológica para ser um líder espiritual, por isso determinou que as bases da igreja anglicana fossem iguais à igreja católica, sendo a grande novidade a alteração do cargo de chefe da Igreja. Embora é preciso salientar que na igreja anglicana não havia imagens de santos, foi algo que foi rapidamente arrancado das igrejas pelos opositores ao Papa de Roma.

Em 1536 é publicado os “Dez atos” da nova igreja que definiram a nova igreja inglesa. Foi discutido a questão dos santos, dos dogmas da nova igreja, o purgatório e a questão da salvação. Embora o monarca inglês considera-se Lutero como um herege, as ideias sobre a salvação tiveram como base as ideias luteranas. O grande objetivo deste documento era dar uma nova fé ao reino inglês. Além disso, deu-se muita importância à leitura da bíblia, sendo publicadas diversos exemplares.

Henrique VIII também desejava que os grandes mosteiros estivessem sobre o domínio da igreja anglicana, visto que a pequenos mosteiros não tinham muito poder. As riquezas que estes mosteiros tinham muitas riquezas, o que favorecia o estado inglês e mostravam o poder do novo líder espiritual. O monarca não só queria o poder das ordens religiosas, mas também que as grandes famílias inglesas aderissem à igreja anglicana. Ou seja, através da nova igreja, o rei podia ter as ordens e as grandes casas sob o seu poder. O parlamento também aprovava as ideias de Henrique VIII, o que permitia que todas as esferas da sociedade estivessem sobre o controle do rei, demonstrado o seu poder real, não permitindo que houvesse alguma oposição.

1.4 Lutero e a Liberdade Cristã

“A fé cristã parece ser algo fácil para muitos; aliás, não são poucos que o reconhecem apenas como uma virtude social, isto porque eles nunca experienciaram a fé nem obtiveram provas dela, não tendo nunca provado da sua eficácia.”²⁵

Martinho Lutero foi um monge agostinho que trouxe as ideias que mudaram as visões teológicas de sua altura, devido ao seu contributo face à indignação que sentiu com certas medidas da igreja Católica, nomeadamente, as Indulgências. Lutero desejava que houvesse uma reforma na igreja o que de facto aconteceu no século XVI com a afixação das 95 teses na Catedral de Wittenberg, dando origem à Reforma Protestante.

Para demonstrar com maior detalhe as suas ideias é preciso em primeiro lugar analisar as suas obras, neste caso específico “A liberdade Cristã”. Através da apresentação e explicação deste livro será possível compreender com maior detalhe a visão de Lutero em relação principalmente a salvação. Também será abordada, como no excerto apresentado, a questão da fé e como isso irá guiar o crente. Por fim, será preciso primeiro demonstrar as ideias luteranas para que depois ele possa compreender de outras igrejas reformadas como a igreja calvinista e a anglicana. Portanto esta parte será um pronto de partida de todo o conteúdo científico que aprendi e utilizei na sala de aula.

O programa de História dá muita importância a Martinho Lutero e só em seguida fala do Calvinismo e do Anglicanismo. A visão teológica luterana foi a mais discutida com os alunos o que é algo natural tendo em conta, como já foi salientado, que foram as ideias luteranas que deram origem à Reforma.

Lutero inicia esta obra apresentando ao leitor o que é de facto a fé visto acreditar que o único meio de um crente receber a salvação seria através da fé e não através das suas obras.

Lutero para explicar a questão da fé, começa por apresentar as duas naturezas que compõem o ser humano e que são a espiritual e a física. À natureza espiritual Martinho Lutero vai chamar alma que todos os homens possuem e isso é algo interior em cada pessoa. Em contrapartida a segunda natureza do homem seria a física e visível ao homem a qual é dado o nome de carne e que Lutero designa como o velho homem. Lutero vai afirmar que pela forma exterior ou carnal o homem não consegue alcançar a liberdade

²⁵ Lutero, Martinho, A Liberdade Cristã, Biblion, 2017, Queluz, p 10

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

pois a conquista desta última é um processo que advém do seu amago. Ele diz que todas as pessoas do ponto de vista exterior são iguais pois todos comem e bebem e isso vale tanto para os crentes como para os ímpios. Pelo facto de todas as pessoas poderem fazer todas as coisas mesmo as mais simples como comer e beber não as torna merecedoras da salvação. Por outro lado, não é só nestas atividades básicas que todos os seres humanos se equivalem, mas também isso sucede no campo dos sentimentos. As tristezas e dificuldades atingem todos, pois todos enfrentam momentos de tristeza, dúvida e solidão. Portanto pelo exterior não alcança a liberdade que é inerente a todos.

Em seguida ele critica aqueles que possuem grandes riquezas e que ostentam ricas vestimentas e fortuna ou demonstram que seguem as “regras” da sua religião. Isso não permitiria que tenham a salvação porque segundo ele poderia levar à hipocrisia. Como a humanidade não pode alcançar a liberdade do meio exterior seja no comer e no beber ou até mesmo a vestir, orar e jejuar, Lutero vai afirmar que as pessoas só conseguem a salvação pela justificação através do conhecimento da Palavra de Deus pondo-a esta em prática depois. Esta palavra não afeta ou atinge numa fase inicial o exterior do homem, mas sim o seu interior. A alma será alimentada por esta palavra o que permitirá que a humanidade consiga alcançar a verdadeira liberdade. Porém o autor levanta uma questão: como é possível seguir a palavra de Deus quando existem tantas palavras de Deus e como é que esta palavra é usada e praticada? Lutero responde que é preciso a fé e que através dela a pessoa acredita na palavra de Deus e conseqüentemente passa a adquirir a verdadeira salvação.

“Pois a Palavra de Deus não pode ser recebida e honrada pelas obras, mas somente pela fé... pois se fosse possível ser-se justificado por quaisquer outros meios, não seria necessária a palavra e conseqüentemente nem a fé.”²⁶

Através deste excerto percebemos que Lutero diante das interpretações que eram feitas da palavra de Deus quer pelos Doutores da Igreja quer também pela Igreja Ortodoxa sintia ser necessário afirmar que o crente tem de conhecer diretamente a palavra de Deus e por essa razão vai traduzir a Bíblia que estava em Latim para o Alemão. Ele fez isso para que as pessoas pudessem ler e aprender a palavra de Deus e conseqüentemente alcançassem a fé. Não era algo que outra pessoa demonstrava pois era uma interpretação individual que levava à fé. O facto de as pessoas usarem a roupa luxuosa ou fazer jejuns

²⁶ Idem, p15

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

ou orações em alta voz era naturalmente uma crítica à igreja Católica, o mesmo acontecendo com a obtenção do perdão dos seus pecados através das indulgências. Tudo isto demonstra que o crente precisa de conhecer a palavra de Deus e por isso é necessário da sua tradução e divulgação que será feita através de Gutenberg com a criação da imprensa. A partir do momento que o crente conhece a palavra passa a ter fé e a fé como Lutero afirma garante a verdadeira liberdade porque a pessoa deixa de acreditar que as obras é que trazem a salvação e crê que a fé é o único meio possível para a alcançar. Portanto quando Lutero critica as indulgências faz isso porque entende que estão fora da palavra de Deus, que são um meio incorreto de chegar a Deus visto que o crente só necessita da fé e não um de um pagamento para obter a salvação.

“A fé certa em Cristo é, portanto, um tesouro incomparável, que traz salvação universal e que preserva de todo o mal”²⁷.

Está é uma ideia central luterana: a salvação é universal, ou seja, para todos que a quiserem, depende neste caso da fé da pessoa. Mais à frente entenderemos que e segundo João Calvino a salvação é mais restrita. Quero com isto dizer que a salvação é realizada através da eleição. Deus não dá a salvação para toda a humanidade, mas somente para os seus escolhidos. Lutero em contrapartida acredita que a salvação é para todos que querem e tenham fé para isso.

Lutero continua a explicar que Deus não precisa de pessoas que façam grandes obras ou usem vestes luxuosas; o que é preciso é que a pessoa tenha fé em Deus. De facto, parece uma mudança comparada com a visão teológica da Igreja Católica que dava privilégio às obras dando-lhes especial destaque para a salvação do crente.

“Assim todos nós que cremos em Cristo somos reis e sacerdotes em Cristo”²⁸

Está é outra ideia fundamental para Lutero: todo o crente é um sacerdote. Esta ideia tem o nome de Sacerdócio Universal visto que todo fiel, pela fé, torna-se sacerdote, participante do sacerdócio de Cristo, o sumo sacerdote. Porém é de destacar que essa ideia é vista numa esfera espiritual. Além disso trata-se de uma conceção de sacerdote. Na contrarreforma vai ser dada muita importância à formação de um sacerdote. Somente um sacerdote na igreja é podia consagrar a eucaristia e Lutero, neste caso, vem dizer que,

²⁷ Idem, p17

²⁸ Idem, p30

todo crente pela fé, é sacerdote. Também é preciso explicar com maior detalhe esta questão.

Lutero ao afirmar que todos são sacerdotes quer dizer que todos o são através de uma perspectiva espiritual porque o mesmo diz na sua obra que seria impossível que todas as pessoas fossem reis e sacerdotes na hierarquia eclesiástica. O próprio Lutero sabia disso já que a sua formação religiosa vinha de uma ordem religiosa conhecida como os agostinhos. Contudo isto foi dito não significa que Lutero critique a Igreja e pretenda explicar como deve ser a hierarquia eclesiástica. Só demonstra que, pela fé, todas as pessoas num plano interior passam a ser reis e sacerdotes.

É de salientar que o sacerdócio universal é só aplicado para aquele que tem fé visto que um não crente, como Lutero afirma, não pode exercer uma função espiritual se não crê em Deus. Lutero vai afirmar que apesar de todos serem salvos, isso não demonstra que todos possam exercer cargos eclesiásticos: *“Pois embora seja verdade que todos somos sacerdotes, não podemos -ou se podemos não devemos- todos ministrarem e ensinar publicamente”*. Lutero dá, portanto, importância à existência de uma hierarquia eclesiástica.

Mas um ponto que é preciso deixar claro é a questão das obras que levanta uma pergunta: se o crente só precisa da fé e isso basta para a salvação para que servem as boas obras? Lutero diz que a fé é necessária para a salvação para a natureza interior, mas depois que o crente tem essa fé ele demonstra-a pelas obras. Ele acredita que o crente deve disciplinar o seu corpo com jejuns e orações, mas isso é uma consequência da fé. O crente só faz boas obras porque já tem fé e reconhece o seu lugar como sacerdote. Ao saber disso, pratica naturalmente as boas obras *“boas obras não fazem um homem bom, mas um homem bom faz boas obras”*²⁹. Portanto a fé que garante a salvação e as boas obras são a demonstração da salvação que o crente recebeu.

Por isso, a humanidade é escolhida por Deus para receber a salvação, mas para isso é precisa da fé. Mas para receber e ganhar essa fé, mas para receber e ganhar essa fé, o fiel precisa de conhecer a palavra de Deus e para isso é necessário ler as Sagradas Escrituras. Portanto, a imprensa será de extrema importância para este requisito. Tudo isto

²⁹ Idem, p 42

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

torna-se um processo contínuo: a pessoa lê a palavra e ganha fé e ao ganhar a fé torna-se sacerdote e ao tornar-se sacerdote pratica as boas obras.

Deste modo percebemos a visão teológica apresentada por Marinho Lutero através da obra *Liberdade Cristã* e entendemos também todas as ideias que permitiram uma reforma na Igreja o que conseqüentemente levou a criação de outras igrejas que terão ideias diferentes a de Lutero, como por exemplo a Igreja Calvinista e Anglicana.

2. Institutas da Religião Cristã

“Ao poderosíssimo e ilustríssimo Monarca Francisco, Cristianíssimo Rei da França, Seu estimado Príncipe e Senhor, João Calvino, Envio paz e saudações no Senhor³⁰.”

É com esta dedicatória que se dá início à análise da obra de João Calvino, as *Institutas da Religião Cristã*. Obra esta que marcou a Cristandade europeia. Não só pela sua qualidade literária, mas também pelo seu impacto a nível teológico e a nível de profundidade de pensamento. A primeira edição foi publicada em 1536, porém ao longo dos anos foram saindo outras edições que complementaram gradualmente o pensamento calvinista. As ideias de Calvino provocaram tamanho escândalo que foi pedido que deixasse a sua cidade natal, Noyon. Foi considerado como um herege.

Esta não foi a primeira obra de Calvino; já antes tinha começado por escrever os “Comentários aos Salmos”. Por ser considerado como uma pessoa tímida, não gostava de falar em público e por isso expressava-se através da escrita. Como já referido, em Paris teve contacto com o pensamento luterano e discutia com os seus colegas assim “recrutando” o que seriam os primeiros seguidores do calvinismo.

É de destacar que o calvinismo não alcançou em primeiro lugar os grupos mais pobres da sociedade francesa, mas sim os que tinham mais riquezas e cultura. O facto de Calvino ser um humanista acabou por influenciar aqueles que também eram humanistas. O maior exemplo disso é o sucesso do Calvinismo em Genebra, que era uma cidade de intelectuais. Este pensamento teve uma grande força em grandes cidades. Procurou debater com clérigos em França, mas sem grande sucesso. A situação agravou-se quando

³⁰ Calvino, João, *Institutas da Religião cristã*, editora fiel, 2018

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

começou a perseguição contra grupos hereges, sendo muitos presos e mortos. Dessa forma, Calvino saiu de França para continuar a aprofundar os seus estudos em teologia.

Considerava que muitos dos homens que morreram eram santos mártires e não mereciam tamanha morte. Grupos como os anabatistas eram apenas um dos grupos perseguidos por ordem do rei francês. Por isso, Calvino decidiu escrever as Institutas da Religião Cristã para que o rei pudesse aceitar as ideias protestantes, que Calvino considerava a verdadeira religião. Não concordava com as ações do monarca, mas procurava a sua atenção e aprovação; por isso introduz a sua obra através de uma dedicatória que elogiava a pessoa real.

Inicialmente, Calvino e os seus companheiros tiveram receio ao pensar como seria a reação da igreja perante essas ideias. Por isso, concordaram que se deveria dar um nome falso para o autor da obra. Também Calvino não queria muita atenção incidindo na sua pessoa, pois desejava ter liberdade para continuar a escrever o que pensava sobre determinados assuntos religiosos. Porém, a mentira não foi avante e na capa do livro indicava-se que João Calvino era o seu autor.³¹ Calvino permitiu que o seu nome estivesse na capa, mas quando foi publicado já não estava em Basel, pois havia partido para Ferrara.

Calvino acreditava piamente que esta obra pudesse causar algum impacto na monarquia francesa e revertesse a opinião do rei em relação aos protestantes para que prestasse atenção à verdadeira palavra de Deus. Os avanços das ideias luteranas tinham se expandido de forma gradual em França a par que o rei procurava uma força que pudesse acalmar os ânimos que se levantavam no reino. O rei também entendia que deveria haver mudanças na igreja francesa. Diante desta situação, Calvino via-a como a oportunidade perfeita de apresentar esta obra e dedica-la ao rei.

De facto, onde não houvesse espaço de conversação e defesa, Calvino não pretendia avançar, mas uma vez que tinha uma possibilidade de convencer o monarca francês, Calvino avançou com a publicação da obra.

Ele inicia a exposição do seu pensamento ao pedir que o rei francês tivesse misericórdia em relação às pessoas que estavam a ser perseguidas. Disse que elas estavam a levar a verdadeira palavra de Deus. É importante salientar que por agora, Calvino não

³¹ McNeill, John T., *The History and Character of Calvinism*, Oxford University Press, p 121

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

critica a teologia ou os dogmas da igreja Católica, apenas começa a suplicar ao rei pelos perseguidos pela fé.

Calvino declara mais à frente que se o rei atentar às suas palavras e se convencer que o que lê e ouve é a verdadeira palavra seria considerado como um rei que obedecia a Deus, mas se não o fizesse não era um monarca que governava segundo as leis divinas.

“Então cabe a vós, ó sereníssimo Rei, não apartar nem vossos ouvidos nem vosso coração da defesa de uma causa tão justa; principalmente por ser um assunto de tanta importância (...) Isso é sem dúvida digno de vossa atenção, digno de vosso juízo, digno de vosso trono régio! Aliás tal consideração faz um verdadeiro rei, a saber, reconhecer-se como genuíno ministro de Deus no governo do seu reino³²”.

Como já referido anteriormente, o sucesso que havia na expansão das ideias protestantes só era possível através de ações políticas. No caso Luterano através dos príncipes eleitores, no caso inglês através da ação direta do monarca Henrique VIII. Calvino apela para a atenção e reação do rei francês Francisco I. De facto, se fosse pela via espiritual não seria possível a sua concretização. A igreja Católica já tinha iniciado o concílio de Trento, o que dificultaria a aceitação de ideias de outros grupos religiosos ou até mesmo as de Calvino.

Calvino procura confrontar os seus opositores demonstrando ao rei que o que ensina é a verdade. Salienta que os seus inimigos só podem critica-lo se tiverem argumentos suficientes que possam refuta-lo e acredita que só apresenta a verdadeira natureza do homem, que segundo Calvino é uma natureza pecadora pelo que ele como ser humano só pode ser considerado como “lixo” perante Deus e só pode alcançar a salvação através da ação misericordiosa de Deus. Também afirma que os seus adversários desejam que os fiéis sejam ignorantes em relação à fé e por isso torna justa a causa que Calvino e os seus apoiantes andam a fazer, porque acreditam que pregam a palavra de Deus.

Outro ponto que Calvino deseja deixar bem claro para o rei é que a doutrina que ensina não é e não pode ser considerada como nova. Tal facto era encarado por Calvino como uma afronta porque tais ideias já tinham sido apresentadas à Igreja através da leitura

³² Calvino, João, Institutas da Religião Cristã, , Editora Fiel, 2018,p27

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

e interpretação das Sagradas Escrituras. E pelo facto de não conhecerem a doutrina é que perseguiram aqueles que pregavam a palavra de Deus.

Estas palavras até agora apresentadas são um meio de Calvino confrontar os seus opositores, mas ainda assim procura que o rei entenda que os seus argumentos são legítimos ao desacreditar os que o criticam e o perseguem. Por isso apresenta as suas ideias por meio de uma obra, onde tinha uma maior força dado o seu estudo. Portanto Calvino censura-os e diz que não precisa de provar os seus pontos de vista através de milagres, dado que apenas a explanação das escrituras e a revelação que ela transmite já deve ser considerado como algo santo, porque fala de Jesus. O que é verídico não é a demonstração, mas a explicação e o ensino. Calvino ainda reforça esta ideia ao dizer que falsos profetas também podem fazer milagres, mas ensinar a verdade só pertencem àqueles que seguem a Deus.

É interessante este ponto porque Calvino acredita que o que fala é correto e é a verdadeira palavra de Deus enquanto que o resto dos seus rivais estão errados. Promove as suas ideias ao invalidar outras. Utiliza o argumento de que as bases do seu pensamento são inspiradas na visão teológica dos Doutores da Igreja ou como, ele lhes chama, dos Pais da Igreja. E exatamente nesta questão que Calvino vai criticar certos pontos fundamentais na teologia católica: primeiro começa por criticar a existência de santos dentro da Igreja, *“Foi um pai que qualificou como terrível abominação ver uma imagem nas igrejas dos cristãos. Estão longe de permanecer dentro desses limites quando não deixam sequer um canto isento de imagens”*³³. Embora seja um tema que Calvino irá desenvolver mais à frente na sua obra, mas desde já demonstra a reprovação que sente sobre as imagens dos santos dentro da igreja, algo presente na teologia de todas as igrejas protestantes.

Além disso serão tratados outros temas ligados à eucaristia, às preces aos mortos que Calvino afirma que a ideia dos Doutores da Igreja tem sido alteradas pela Igreja Católica. Outro tema que também vai ser presente é a questão do celibato afirmando que também é algo incorreto, que não era algo com que os Pais da Igreja nunca negaram que os sacerdotes tivessem o direito de casar.

Em seguida, Calvino começa por explicar qual é a verdadeira natureza da Igreja. Por isso critica mais uma vez os sacerdotes ao dizer que a igreja não é suposta ser

³³ Idem, p37

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

ornamentada de luxos e riquezas, mas que a verdadeira igreja não é algo visível. Que está apresentado através da Palavra de Deus e o uso correto das leis de Deus. Para Calvino o maior problema da igreja é o vigário de Cristo porque deve ser a imagem de alguém que não possui defeitos, enquanto o que acontece é o oposto. Os papas tinham mostrado diversos erros. Mas reconhece que isso é normal, o homem tende a errar e a pecar, mas acredita que não pode ser mantida a imagem de uma igreja visível e bonita, com um representante de Cristo também sem erros e puro.

Depois Calvino defende que as suas ideias não causam qualquer tragédia à sociedade ou uma afronta ao poder real, mas que simplesmente procura mostrar que elas promovem a paz e o ensino da palavra de Deus.

“Eu, porém, volto a vos falar, ó mui generoso Rei. De modo algum vos deixeis mover por aquelas vãs acusações com que os nossos adversários tentam inspirar -vos terror: de que, por esse novo evangelho (pois assim o chamam), os homens se esforçam e só buscam oportunidade para sedições e impunidade de todos os crimes (...) E somos também injustamente acusados de uma espécie de intenção que jamais se permita suscitar a mínima suspeita.”³⁴

Calvino pede mais uma vez que o rei possa considerar aceitar os seus companheiros, visto que não podem mostrar que são maus, porque todos os seres humanos também o são, segundo o pensamento calvinista. Ou que a sua teologia também está incorreta porque é a mesma que os Doutores da Igreja tinham. Além disso também possuem uma igreja que promove o ensino da palavra de Deus. Por isso, Calvino não vê razões para o rei francês permitir que haja perseguições contra grupos religiosos, principalmente contra aqueles que considera como companheiros. Portanto continuará a explicar com maiores detalhes o seu pensamento de forma que pode provar que as suas ideias são as corretas. Em consequência disso, explica de uma forma mais detalhada quais devem ser as bases desta igreja. Inicia essa explicação com o tema dos dez mandamentos ou Decálogo, presente no livro do Êxodo.

“Quase toda a sã doutrina consiste nestas duas partes: o conhecimento de Deus e de nós mesmos.”³⁵

³⁴ Idem, p49

³⁵ Idem, p 53

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Calvino antes de iniciar a sua interpretação dos dez mandamentos procura provar que o homem merece o castigo eterno. Que o Homem é neste caso, falho. Por essa razão é necessário conhecer a Deus para que em seguida possa conhecer o Homem. Devido aos erros do homem a que dá o nome de pecado, fez com que o ser humano; se afastasse de Deus e merecesse ser condenado à perdição eterna, sendo neste caso necessário que Deus o pudesse perdoar sendo este ato realizado em Cristo Jesus. Calvino diz que esses pecados são apresentados na lei e que essa lei condena o Homem. Através disso a pessoa só pode ser salva por Cristo e não por qualquer obra. Interessante porque Lutero pensava da mesma forma neste aspeto de que as obras não servem para a salvação da alma. Enquanto que para a Igreja Católica a obra tem um papel fundamental. E é nesta discussão altamente teológica que Calvino começa por apresentar o Decálogo que conseqüentemente estará presente em todo o seu pensamento religioso que irá depois ser a base do pensamento das igrejas calvinistas. Salientarei que tudo o que será analisado tem como base a visão de Calvino sobre assuntos já aqui trabalhados e que as suas concepções serão mais tarde comparadas com as ideias de Lutero e com a ação da igreja escocesa e os puritanos.

Inicia O Decálogo com a análise do primeiro mandamento que é “Não terás outros deuses além de mim³⁶. Afirma que o ser humano só pode ter um único Deus, neste caso, o Deus cristão. E que Ele não vê só as obras do Homem, mas sim o seu interior. Por isso o fiel deve ter em consideração que é preciso agradar somente a Deus e prestar-lhe o devido culto e respeito.

Já no segundo mandamento, Calvino começa a debater a questão dos santos com maior profundidade. Explica que Deus é um ser invisível e que não pode de forma alguma ser representado em alguma imagem. Afirma que a idolatria tem sido algo muito presente dentro da igreja dizendo que tem “manchado” a verdadeira religião. Que o fiel tem tomado as imagens dos santos como se fossem deuses. Pelo facto de Deus ser um ser invisível, as pessoas tentam passar a ideia que Dele têm para as imagens, decisão que Calvino considera como um ato de estupidez. Além disso acredita que estes crentes não confiam que existe só um Deus, pelo que têm a necessidade de criar santos e imagens para poderem adora-lo.

“As coisas que dedicam aos santos – o que são senão exemplos da mais celerada luxúria e obscenidade? (...) Aliás, os prostíbulos exibem prostitutas vestidas mais

³⁶ Êxodo capítulo 20, versículo 3

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

virtuosas e modestamente do que as igrejas exibem aqueles objetos que desejam ser vistos como imagens de virgens. Portanto, que componham suas imagens ao menos com moderada decência, para que, com um pouco de modéstia, aleguem falsamente que essas são livros com algum vestígio de santidade!”³⁷

Além de ter criticado a existência das imagens, ainda critica aqueles que as adoram ou tem respeito pela vida dos santos. Calvino diz que essas pessoas são ignorantes e que era uma obrigação da igreja instruir os seus fiéis. Conclui neste ponto que a igreja deve estar unida para adorar somente a Deus e que graças ao ensino das Sagradas Escrituras, o crente deixaria de ser analfabeto na fé.

Em seguida, Calvino no sexto mandamento, declara que é a função do crente ajudar o seu próximo, mesmo que seja o seu inimigo. Interessante de observar que ele fala num momento de perseguição a grupos protestantes. Salienta que em mesmo em perigo, a igreja deve mostrar sinais de bondade e amor e não de destruição. Com efeito, seria através do cumprimento destes atos que a sociedade poderia ver com “melhores olhos” estes grupos religiosos.

No sétimo mandamento, Calvino aborda a questão do adultério. Não utiliza a questão da traição entre um casal, mas sim a situação da igreja como um grupo com Deus. Também critica o celibato, dizendo que não é algo necessário. *“Fazem isso tão somente para enaltecer, com louvores espalhafatosos, alguma sorte de celibato. Como se o celibato fosse uma coisa: e outra, a virgindade, fazendo com isso, particular injustiça aos anjos de Deus³⁸.”* De facto, Calvino considera que o celibato é o sinonimo de virgindade e por isso não se deveria ser algo obrigatório, mas sim opcional, ou melhor inexistente aos sacerdotes essa ordem.

Por último, no décimo mandamento que é “Não cobiçarás”, Calvino alerta os fiéis para não terem o desejo de cobiçar algo que pertence ao seu próximo. Afirma que muitos fazem isso para ter o que o seu irmão na fé conseguiu obter: a mulher de outro homem, dinheiro, herança. Calvino diz que isso é algo que é proibido na comunidade dos santos, onde pelo contrário, todos se devem amar uns aos outros. Além disso aconselha que o rei tenha em conta estas questões vistas que deve governar o seu reino com justiça,

³⁷ Calvino, João, Institutas da Religião, Editora Fiel, 2018, p 66

³⁸ Idem, p79

obedecendo à palavra de Deus e assim seria reconhecido como um rei justo e fiel ao Criador. Por isso é possível compreender que Calvino sugere isto ao rei demonstrando que as suas ideias promovem o amor e cuidado para com o próximo. Se o monarca desejasse seguir os seus conselhos, teria sucesso. Porém estes avisos não são somente dirigidos ao rei francês, mas também aos clérigos. Diz que os bispos e o resto da hierarquia eclesiástica católica têm o dever de ensinar a verdadeira palavra de Deus aos fiéis, mas completa a sua ideia ao declarar que mais importante do que isso, é necessário que os sacerdotes concretizem o ensino através dos seus exemplos. Que não devem cobiçar luxos e riquezas, mas sim ajudarem o seu próximo. Esta é uma crítica tanto a nível temporal como espiritual. Os conselhos de Calvino servem tanto para o rei francês como também para os clérigos católicos e além disso para todos os crentes. Ou seja, é um conselho para toda a sociedade francesa e para o resto da Europa.

Calvino diz que, apesar do ser humano conseguir cumprir todos os dez mandamentos, facto que agrada a Deus e aos homens, isso continua a ser insuficiente para que o ser humano possa receber a salvação por seus méritos e obras. Com efeito, segundo ele basta apenas um pecado para tirá-lo da presença de Deus. Somente a misericórdia divina é que pode salvar o homem da perdição eterna. E a lei só mostra quão pecador o Homem é. De facto, Calvino neste aspeto está de acordo com as ideias luteranas de que o ser humano não tem capacidade ou mérito de receber a salvação; que somente Jesus Cristo é o único capaz de redimir todos. Salienta outro tópico importante que é a validade das boas obras. Apesar de o homem fazer algo bom porque não tem mérito sobre a sua salvação?

Calvino não nega a importância das boas obras, mas afirma que servem para agradecer a Deus visto que esta provém Dele. E que essas boas obras não são para serem divididas entre o homem e Deus. Que apesar do ser humano fazer boas obras, ele é impuro e torna consequentemente impuro as obras. *“Por essa razão, condenamos os esforços dos homens, ou seja, declaramos maldito tudo o que o homem tem ou faz por si mesmo. Mas, por meio de nosso ensino, os corações dos crentes se enchem de ânimo e de notável consolação; com isso, eles são ensinados que essas boas obras lhes são dadas por Deus; e são deles porque foram dadas por Deus.”*³⁹

³⁹ Idem, p 109

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

A lei segundo Calvino só mostra o pecado do homem, por isso não há honra nas boas obras. Ele afirma ser preciso que o homem se arrependa dos seus pecados e peça ajuda a Deus. Cada vez que o ser humano fizer algo bom glorifica a Deus e quebra o seu orgulho perante o divino. Mas para isso acontecer é necessário que o crente possa ouvir o ensino que Calvino e seus companheiros querem transmitir para encontrar a vontade de Deus e a sua verdade. Esse ensino não é algo que é transmitido pela igreja católica ou até mesmo por Martinho Lutero ou muito menos pela igreja anglicana; esse ensino como apresentado no excerto era feito por Calvino. Acredita que Deus é bondoso e amoroso com a Humanidade ao aceitar salvar o Homem e dar-lhe uma recompensa ou galardão chamado de vida eterna. Não é algo que vem por mérito, mas sim pela vontade de Deus sobre a sua criação. Portanto o ser humano não pode ser ingrato perante esse amor e misericórdia. E desta forma, Calvino encerra o seu pensamento sobre o Decálogo.

Em seguida, Calvino apresenta o credo da fé apostólica e aborda um tema que ficou conhecido no seu pensamento que é a predestinação e a eleição.

“Além disso, como a igreja é o povo eleito de Deus, não pode suceder que os que já são realmente seus membros finalmente pereçam ou se percam com dano irreparável. Pois sua salvação repousa em um fundamento seguro e sólido; assim, mesmo que toda a estrutura do mundo viesse a desabar, ela (a salvação) em si não poderia tremer e cair. Primeiro, ela tem a ver com a eleição de Deus.”⁴⁰

Após toda a explanação dos dez mandamentos, Calvino começa por relatar o credo desta nova igreja e ao apresentá-lo aborda a questão da eleição e o comportamento do crente perante tal feito. Calvino deixa muito claro que existe um grupo que foi eleito por Deus para receber a salvação e conseqüentemente a vida eterna, enquanto que há outros foram destinados a ir para o inferno. E mesmo um crente que esteja na igreja calvinista também pode ser excomungado mostrando que não era um verdadeiro fiel.

Esta é uma eleição que não é permeável ao erro, ou seja, não há alteração para quem vai para o céu ou o inferno. Porque assim o homem estaria a questionar a soberania divina de acordo com Calvino. O crente que já foi salvo, mesmo que erre ou saia da igreja ou cometa pecados, já tem a salvação garantida porque Cristo é que o salvou. O cristão tem liberdade para escolher seguir a lei de Deus ou não, mas na questão da salvação da

⁴⁰ Idem, p149

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

alma isso já é através da predestinação. Calvino ainda afirma que Deus santificou alguns vasos para honra e que a misericórdia de Deus é eterna⁴¹.

Além disso, é necessário que o crente tenha confiança na igreja e na sua salvação, visto que já foi eleito e predestinado tal como todos os outros seus irmãos na fé. A igreja não sabe como funciona o processo de predestinação porque isso só cabe a Deus *“É verdade que não podemos compreender a insondável sabedoria de Deus, nem está em nosso poder investiga-la com o intuito de discernir quem foi escolhido por seu plano eterno e quem foi condenado.”*⁴²

É de salientar mais uma vez que mesmo que o crente saia da igreja, segundo Calvino, Jesus não permitirá que essa pessoa pereça ou perca a sua salvação. A confiança da salvação e da predestinação é tão grande que permite que de certa forma, o fiel possa errar sem consequências na sua salvação. Se ele errar, deve pagar pelo seu erro, mas não interfere no “resultado final”. Essa salvação vai permitir que a pessoa seja considerada como filho adotivo de Deus juntamente com os seus outros irmãos na fé que são também participantes da herança de Deus, segundo o pensamento de Calvino.

Esta predestinação dos herdeiros de Deus não é somente restrita à igreja Católica. Outros escolhidos podem estar em outros grupos religiosos, neste caso, os protestantes. Que aquele que ouve a palavra de Deus e a aceita, esse demonstra ser um escolhido. Não há um meio que possa comprovar quem é salvo ou não, mas Calvino afirma que existem marcas externas que podem comprová-lo: primeiro, precisa de ter a mesma fé em Jesus que Calvino e seus companheiros. Ou seja, é muito limitado àqueles que foram predestinados. Pode-se comparar com os hebreus que se consideravam como o povo eleito de Deus. Da mesma forma, Calvino atua com os seus fiéis. Devem participar dos mesmos sacramentos que Calvino considera como certos, que são: o batismo e a eucaristia. Calvino conclui esta parte ao afirmar que nem todos fazem parte da igreja. Nomeadamente aqueles que não a mesma fé, que se gloriem nos seus pecados ou que ainda tem uma confissão que não é a deles. Ou seja, essa pessoa não é eleita e não predestinada para a salvação.

⁴¹ Idem, ibidem

⁴² Idem, p150

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Na questão da excomunhão, Calvino diz que aqueles, que só causam escândalo para a igreja e têm uma vida indigna, devem ser expulsos da comunidade dos escolhidos. Também isso deve ser feito para dar boa imagem à igreja. Mesmo que essas pessoas tenham sido excomungadas, os fiéis não devem perder a esperança do seu retorno. Porém, Calvino declara mais à frente que quando o crente sai da igreja pode perder a esperança da salvação, pois os seus atos mostravam se era escolhido ou não.

Desta forma, percebemos de uma forma geral o pensamento calvinista expresso na obra, “Institutas da Religião Cristã”. Claro que ainda há mais tópicos presentes na obra que serão analisados em comparação com os outros grupos religiosos, principalmente a questão da salvação, a santa Ceia e a hierarquia eclesiástica. Mas o essencial do pensamento calvinista foi aqui exposto, especificamente a questão da eleição e predestinação.

3 – John Knox e a sociedade escocesa calvinista dos séculos XVI e XVII

3.1 Isabel I e as bases do Anglicanismo e os puritanos

O reinado de Isabel I da casa dos Tudors foi muito importante na definição das bases da igreja anglicana e também demonstrou o poder das ideias protestantes. O historiador Harold Grimm afirma que não houve qualquer desafio ao poder da rainha, após a morte da sua meia irmã Maria. O seu período de governação é aqui salientado pelas questões que terão a ver com a Escócia e principalmente com os puritanos que foram os que mais causaram problemas à soberana. Por isso ao estudar este período abordamos também a sociedade escocesa do século XVII.

É preciso destacar que era possível que a rainha Isabel I retomasse as boas relações religiosas e diplomáticas com a Igreja, mas decidiu não o fazer, preferindo escolher o protestantismo. Já sabemos que na igreja anglicana, o monarca é o chefe máximo da igreja. Tal facto confere-lhe muito poder, seja ele político ou espiritual. A rainha desejava possuir esse poder. Foi-lhe oferecida a mão de Filipe II, rei de Espanha, um seguidor das ideias católicas. Porém também não aceitou pois desejava que a Inglaterra fosse unida, independente da influência do papa e da casa dos Habsburgos e que assim pudesse aumentar as riquezas do seu reino.⁴³

⁴³ Grimm, Harold, Reformation Era, Collier MacMillian Students Editions, New York , p 464

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

De facto, Isabel I teve muito apoio político para pôr em prática os seus planos. Pode-se destacar figuras como William Cecil que passou a ser Lord Burhley graças ao pedido da rainha. Outra figura muito importante foi Sir Nicholas Bacon. Todos estes eram protestantes e não desejavam que a igreja Católica voltasse a ser a principal igreja do reino. Ou seja, a maioria dos nobres ou burgueses apoiava a rainha. Isabel I soube aproveitar o momento em que deveria governar e decidir sobre assuntos eclesiásticos.

A rainha procurou uma reforma na igreja. Desejava que não houvesse a existência de protestantes considerados como fanáticos, que causavam problemas ao reino e também não pretendia ter o apoio da igreja Católica. Por isso, a primeira coisa que a rainha decretou foi que a monarca inglesa tinha poder na igreja e no parlamento, tal como havia ocorrido no reinado de Henrique VIII. Em segundo lugar fez com que no parlamento inglês fossem aprovados dois documentos muito importantes para a igreja anglicana: O Ato de Supremacia e o Ato de Uniformidade.

Outro momento importante foi a nova confissão de fé inglesa, os Trinta e nove artigos. Este documento é a base da igreja anglicana, que tanto agradava a luteranos como também agradava a calvinistas.

Outra decisão que a rainha tomou foi a de não utilizar o seu título de líder máximo da igreja, porque não desejava ofender quem era católico ou os protestantes radicais que só consideravam Cristo como o líder supremo⁴⁴. A igreja anglicana até este período não era considerada como uma igreja separada da igreja católica ou diferente de certas correntes luteranas, mas em 1559, já passaram a existir as bases teológicas necessárias para o seu reconhecimento.

A aprovação destes atos foi considerada menos radical do que a igreja calvinista ou até mesmo a igreja católica. Além de ser considerada como moderada, também resgatava certos pontos da reforma de Eduardo VI como o Livro de Oração e apresentava uma divergência das medidas de Henrique VIII. Também estes atos procuravam minimizar o confronto com os puritanos que tinham muito poder na Camara dos Comuns. Isto leva a perguntar, quem são os puritanos e qual a sua importância.

Francis Bremer, especialista sobre os puritanos afirma que muitas pessoas tem uma ideia errada sobre este grupo religioso, considerando-os como um grupo radical, que

⁴⁴ Idem, 466

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

proíbe tudo, que não permite a felicidade dos outros e são assassinos, fanáticos, rígidos. Afirmações que o autor considera como sendo exageradas. Eram apenas um grupo que nasceu no século XVI no espírito do protestantismo. Estes acreditavam que faziam apenas a vontade de Deus e foram escolhidos para espalhar a fé, através de gestos e palavras. Dessa forma conseguiriam que toda a sociedade fosse guiada pela palavra de Deus.⁴⁵

Os puritanos acreditavam que esta era a coisa mais preciosa que um ser humano podia ter. Além disso, a Bíblia era verdadeira e inerente. Nada podia ser superior às Sagradas Escrituras. Ainda eram contra o vigário de Cristo e a sua autoridade. Declaravam que a igreja Católica havia separado o homem de Cristo através da sua corrupção e falta de ensino.

É de destacar que certos pontos das ideias deste grupo religioso mostram semelhanças com as ideias calvinistas e tal pensamento é correto. O ideário protestante havia sido bem recebido pelos ingleses, mas a teologia calvinista foi aquela que mais agradou a todos. Por isso os puritanos são um grupo que possuem bases do calvinismo e a valorização da palavra de Deus é um dos exemplos que podem comprovar esta informação apresentada.

Os puritanos também acreditavam que os sacerdotes deveriam usar as vestes clericais mais simples. E que na consagração da eucaristia, o sacerdote deveria ajoelhar-se primeiro e depois oferece-la aos fiéis. Tal era visto como um sinal de humilhação e reconhecimento do poder de Deus e a confirmação da sua presença na bebida e na comida. Mais um aspeto retirado do pensamento de Calvino.

Outro campo que privilegiavam era o do ensino, não só teológico, mas também de outras áreas do saber humano. Por isso nas regiões de Cambridge e Oxford foram criadas escolas para a formação do clero puritano. Nesta espiritualidade davam muito privilégio à experiência individual com o divino. Declaravam que não era preciso ver Deus para saber que existia. Mas toda a criação seria um indício dessa existência de Deus. E a maior revelação da existência de Deus seria através da Bíblia, pois o resultado desse conhecimento sobre Jesus seria verificável nas atitudes tomadas. Isso podia acontecer tanto para homens como para mulheres.

⁴⁵ Bremer, Francis J, Puritanism: a very short introduction, Oxford university press, p 4

Portanto declaravam que havia apenas um Deus. Também admitiam a existência da Santíssima trindade, sendo ela: Deus Pai, Deus filho e Deus Espírito Santo. Eram contra a existência de imagens, dizendo que era uma forma de limitar o poder de Deus. Não davam valor algum às obras como meio de obtenção da salvação, pois esta era algo que Deus dava ao ser humano por graça e misericórdia. Um dos pontos que mais caracterizou os puritanos foi o uso da autoanálise. Esta análise íntima era acompanhada com a leitura das Sagradas Escrituras que segundo o seu pensamento permitia que conseguissem perceber o que estava de errado em si. Encaravam isso como um combate contra o pecado que deveria ser preciso fazer todos os dias.

Os puritanos também acreditavam na salvação por meio da predestinação. Afirmavam que Deus escolhia uns para o céu e a vida eterna, enquanto que para outros eram reservados o inferno e a morte eterna. E não havia meio possível de Deus alterar essa ordem. O máximo que um Homem pode fazer é reconhecer os seus erros e tentar mudar, visto que a natureza humana é completamente pecadora. É de salientar que este discurso é igual ao que João Calvino fazia a respeito deste tema. Os puritanos são um dos grupos que saíram da base calvinista. Ainda sobre a salvação, eles afirmam que Deus tem o poder de salvar o ser humano que, segundo os seus caminhos, merecia o maior dos castigos, mas Deus amou-o. Porém esse amor e perdão não é para todos. Isso não significa que Deus não o possa fazer, mas segundo o seu pensamento teológico, Deus não tem necessidade de o fazer. Estas ideias foram muito divulgadas no século XVII.

Os puritanos também eram conhecidos pelos seus atos. A comprovação da sua salvação vinha pela sua disciplina e dedicação. Só conseguiam resistir às tentações porque já sabiam que tinham sido eleitos. Consideravam-se como “crianças da luz a caminhar na escuridão”⁴⁶. Por isso deveriam ser rigorosos nas suas atitudes, algo que devia começar logo ao amanhecer do dia. Tratava-se de exercícios espirituais como a oração, autoanálise, ajuda aos seus vizinhos. Depois entravam numa espécie de vigilância para não cometerem qualquer pecado; por isso meditavam na palavra de Deus. Também colocavam em prática o que eles chamavam de dons ou talentos. Diziam que Deus tinha dado um dom para cada pessoa e que era obrigação da mesma pô-lo em prática em benefício do seu irmão mais próximo. Por isso era uma obrigação de um puritano ser o melhor na sua

⁴⁶ Idem, p 49

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

profissão, porque Deus o tinha escolhido para fazer aquela tarefa. Mas essa obrigação não deveria ser somente com o trabalho, mas também com a família e a igreja.

Diante disto é possível perceber o confronto da rainha Isabel I e dos puritanos. A rainha defendia uma fé mais moderada, já os puritanos eram mais radicais no seu pensamento teológico, não esquecendo que havia lugares em Inglaterra e depois na Escócia que tinham mais habitantes puritanos que chamavam aquilo de o “reino de Deus”. Muitos desses conflitos, foram devidos à esperança que depositaram na monarca. Pensavam que seria uma espécie de Débora, personagem bíblica do Antigo Testamento que lutaria contra os seus inimigos e faria uma mudança radical na igreja. Porém tal não aconteceu.

Como já foi dito anteriormente, os puritanos criticavam muito o excesso de luxo nas roupas dos sacerdotes, dizendo que deveriam usar as mais simples, mas no Ato de Uniformidade de 1559, a rainha permitiu que os clérigos anglicanos pudessem vestir roupas mais luxuosas. Também nesse ato permitia a existência da cruz e de outros objetos considerados sagrados dentro das igrejas, sendo semelhante à igreja católica. Para os puritanos aquilo era considerado como um ato de idolatria e por isso esses objetos deveriam ser arrancados. Para evitar qualquer conflito, Isabel I mandou que se publicasse uma obra de um sacerdote calvinista que será mais à frente apresentado: John Knox. Outro aspeto de que nem mesmo os anglicanos gostaram foi a intervenção da rainha na área dos sermões na igreja. Declarou certa vez que era apenas necessário haver três a quatro pregadores em cada condado.⁴⁷

Outro momento que marcou o reinado de Isabel I e que mostrou a fragilidade da união dos grupos protestantes existentes na Inglaterra foi o período da Invencível armada de Espanha.

Filipe II desejava o trono inglês; por isso uma das suas estratégias foi causar conflito na Inglaterra através de grupos católicos. Além disso, o monarca espanhol também possuía o apoio do papa. Mas a sua tentativa de conquistar Inglaterra não foi um sucesso, nem militarmente, nem espiritualmente. Os católicos ingleses já não acreditavam na sua vitória e pensavam que o desejo do rei Filipe II era só o poder temporal e não reconstituição da igreja católica. Este evento mostrou que ainda no reinado de Isabel I, a Inglaterra apesar de ter três documentos importantes que formavam a base teológica da igreja

⁴⁷ Marshall, Peter, *Reformation England*, Oxford University Press, 2003, p 119

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

anglicana mostrou que o reino inglês estava muito dividido do ponto de vista religioso. Devido a este evento aumentou o número de adeptos do puritanismo que tinha como principal objetivo acabar com qualquer influência católica, o que por si só atraiu muitas pessoas. A rainha não desejava decretar uma perseguição contra eles, com receio que a situação pudesse piorar. Para os ingleses era visível essa separação, algo que vai também ser notório com a dinastia dos Stuarts. Mas ainda no reinado da Casa dos Tudors que só acaba no início do século XVII, os puritanos já tinham uma grande força social, política e religiosa. Convém lembrar que eles eram de uma linha calvinista.

Durante o reinado de Isabel I, filha de Henrique VIII, deu-se a confirmação das bases do anglicanismo e da vontade geral de não voltar a ter relações com a igreja católica, assim passando todo o poder para o rei ou rainha. Contudo, apesar do anglicanismo pertencer ao grupo protestante mais moderado, outras comunidades religiosas como os puritanos tal como o nome indica pretendiam ter uma vida pura com a certeza absoluta da sua salvação. Estes eram o grupo que mais crescia em Inglaterra no século XVI e principalmente no século XVII com a governação de Olivier Cromwell, que foi considerada como um governo puritano.

3.2 John Knox e a Escócia Calvinista dos séculos XVI e XVII

Quando falamos da história da reforma e consolidação da fé protestante na Escócia no século XVI e XVII é quase impossível separá-la da história de Inglaterra. Da mesma forma, não é possível compreender totalmente os conflitos teológicos na sociedade anglo-saxónica sem antes ver o que ocorria na sociedade escocesa. Mas a partir da dinastia dos Stuarts em 1603, a Escócia passa a ser vista num plano internacional⁴⁸. Portanto os seus pensamentos políticos e religiosos seriam, a partir daí, amplamente difundidos em diferentes meios.

É do consenso comum que a reforma na Escócia ocorreu inicialmente por questões temporais e espirituais juntamente com o desejo de afirmação política por parte da mesma. Desde a Idade Média que a Escócia tinha problemas com o papado, sendo alguns reis excomungados. Além disso havia um conflito religioso entre o reino de França e a Inglaterra, sendo que a França no decorrer da Reforma Protestante queria que a Escócia

⁴⁸ STEWART, LAURA A. M. "Power and Faith in Early Modern Scotland." *The Scottish Historical Review*, vol. 92, no. 234, 2013, pp. 25–37., www.jstor.org/stable/43773981. Accessed 12 June 2021.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

continuasse católica e a Inglaterra desejava que a Escócia se tornasse um estado protestante.

É preciso destacar que também a Escócia tinha tido, durante séculos, conflitos com a Inglaterra. Os escoceses desejavam ser livres do poder inglês, tendo os ingleses como aliado o papa. Convém não esquecer que antes da Reforma de Henrique VIII, a Inglaterra era um dos principais apoiantes da igreja católica. Portanto podemos dizer que a questão do sucesso da expansão da igreja calvinista foi tida como uma resposta à Inglaterra e à França. Os escoceses eram contra a corrupção dos clérigos católicos e, portanto, antipapais pelo que se compreende a escolha do calvinismo por esta sociedade.

Ainda na questão das críticas à igreja, o caso não foi diferente na Escócia. Criticavam principalmente a incompetência e ignorância dos sacerdotes, algo comum por toda a Europa. Também salientavam a interferência das casas nobres ao mandar os seus filhos para as ordens religiosas.

Porém, as relações entre a Escócia e a Inglaterra alteraram-se no século XV quando o rei inglês Henrique VII, pai de Henrique VIII pretendia resolver a questão que havia com a Escócia; por isso usando a estratégia do casamento, deu a mão de sua filha Margarida em casamento a Jaime IV da Escócia. Contudo, a situação ainda não se tinha alterado. Durante o período de Jaime IV e de Jaime V seu sucessor, as rivalidades com a Inglaterra não se tinham encerrado, havendo casos de guerras e batalhas entre os dois reinos até ao nascimento de Maria, rainha dos escoceses. A mudança diplomática permitiu o afastamento com a França católica no período da Reforma Protestante dado que normalmente, a Escócia seria aliada da França para combater os ingleses, mas tal não ocorreu.

O ponto que marcou o “nascimento” do espírito da Reforma na Escócia foi o momento em se deu o contacto com o Novo Testamento traduzido em inglês⁴⁹. Também a difusão das ideias de Lutero foi impactante. A necessidade de afirmação política e religiosa permitiu que estes pensamentos teológicos fossem bem recebidas pelas pessoas. Essas ideias eram traduzidas e levadas clandestinamente, sendo muito dos livros destruídos, mas mesmo assim continuava a sua divulgação. Uma das figuras que John Knox irá elogiar nas suas obras será Patrick Hamilton. Este tinha-se convertido ao luteranismo.

⁴⁹ McNeill, John.t, The history and character of calvinism, 1967, p 292

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Pertencia a uma família nobre, tendo o seu pai sido um cavaleiro. Decidiu após a sua conversão espalhar a fé protestante na Escócia, o que levou à sua morte na fogueira. Foi considerado como um mártir e fez com que mais pessoas decidissem seguir as ideias protestantes.⁵⁰

Neste período de críticas à igreja e expansão das ideias reformistas, uma das principais ou senão a principal figura do protestantismo na Escócia que começa por pregar e espalhar as suas visões teológicas é John Knox.

Nasceu em Haddigton. Não se sabe o ano em que se deu o nascimento, mas acredita-se que possa ter sido em 1505 ou 1514 como ficou mais conhecido. Estudou na universidade de St. Andrews. Mais tarde decidiu seguir a vida religiosa tornando-se um sacerdote. Foi tutor de filhos de nobres. Devido às suas ideias protestantes, ficou preso em França. Após a prisão decidiu viajar para Inglaterra, mas mais uma vez teve de sair devido à perseguição religiosa no período da rainha Maria Tudor. Já no reino inglês era conhecido pelos seus sermões.

Como já foi dito anteriormente, John Knox teve de sair de Inglaterra e foi para Frankfurt no Sacro Império. Tinha o objetivo de discutir assuntos teológicos sobre os anglicanos e puritanos para que houvesse entendimento e compreensão pelas ideias de cada grupo religioso. Apesar da sua tentativa teve que sair de Frankfurt por ter ofendido o imperador. Por isso decidiu ir para Genebra. Genebra era o palco do calvinismo e John Knox era o representante dos exilados ingleses. Após um tempo de ausência no qual voltou para a Escócia, retorna para Genebra.

Em Genebra é que de facto passa-se a reconhecer a posição teológica de Knox. Inicialmente tinha o pensamento mais voltado para Zuínglio, porém com a publicação de uma das suas obras que era uma liturgia com base nos escritos de Calvino, passou a ser reconhecido como calvinista. Essa mesma obra foi lida por grupos puritanos. Após a morte de Maria Tudor e durante o reinado de Isabel I de Inglaterra, muitos que estavam em Genebra voltaram para Inglaterra. Knox decidiu regressar à Escócia.

Na Escócia, antes do retorno de Knox, tinha sido criado um grupo religioso conhecido por ser o Primeiro Pacto Escocês⁵¹. Tinha como objetivo espalhar a verdadeira

⁵⁰ Idem, p 293

⁵¹ Idem, p 296

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

palavra de Deus. Pensamento visível em grupos calvinistas já aqui analisados. Devido à qualidade dos seus sermões, este grupo de nobres religiosos desejavam que John Knox fosse um dos seus representantes e que através das suas pregações pudesse animar a população a aceitar a palavra de Deus e combater o Regente da altura que governava em nome da coroa. Isto só pode ter sido realizado graças à ajuda da rainha Isabel I.

A rainha inglesa desejava o sucesso de John Knox, facto este que era algo interessante de observar. Por um período de alguns meses, Maria Stuart foi rainha de França, visto ter casado com o rei Francisco, filho de Henrique II e Catarina de Médicis e a monarca inglesa não desejava envolver-se num conflito com a França. Por isso também não queria que a Escócia fizesse um ato de aliança com o seu inimigo. Portanto decidiu apoiar John Knox contra as autoridades escocesas.

Em 1560 é assinado o Tratado de Edimburgo que dizia que a França e a Inglaterra deveriam retirar as suas forças militares da Escócia. Nesse dia, John Knox pregou um sermão a comemorar a saída de ingleses e franceses da Escócia, mas agradecendo a ação diplomática da rainha. O facto de não haver interferência militar permitia o avanço das ideias protestantes na Escócia. Além disso, o meio político também foi um fator que permitiu o seu sucesso.

Não só a necessidade de uma reforma na igreja escocesa era pedida pelos fiéis, mas também o parlamento escocês exigiu tal mudança. Por isso nas suas reuniões decidiram que deveria haver uma substituição dos sacerdotes nas igrejas. O local de culto manter-se-ia, porém quem estivesse na sua liderança já era uma questão a considerar. Ainda por cima muitos haviam aceitado a doutrina calvinista. Foi escolhido a pessoa que deveria lidar esse processo que foi John Knox

Este começou juntamente com os seus companheiros teólogos a preparar as bases da igreja escocesa. Esta iniciativa religiosa teve o apoio de todos os grupos sociais da altura. Esta reforma não era somente na igreja pedia-se que também pudesse ajudar em outras da sociedade tais como educação e alimentação para os mais pobres. Portanto, esta reforma estava além de mudanças teológicas.

Knox juntamente com outros teólogos escreveram a “Confissão da Fé escocesa”, no qual foi lida e aprovada no parlamento. É de destacar que este credo da fé apesar de ser considerado como calvinista diferia em certos pontos da doutrina. Enquanto no calvinismo se dá importância à eleição e predestinação, John Knox diz que está ligado à

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

mediação de Cristo na sua morte e ressurreição⁵². Tal como as outras igrejas protestantes, a igreja calvinista só reconhecia dois sacramentos porque acreditavam que tinham base bíblica. Afirmavam a autoridade das Sagradas Escrituras. Consideravam Deus como Pai e diziam que nenhum cristão deveria ter medo de chamá-lo dessa forma. Algo interessante neste credo é o facto de acreditar que outras igrejas como a Católica também poderiam ter fiéis que seriam salvos e que a salvação é algo que vem pela misericórdia, portanto Ele escolhe quem deseja. Ao contrário segundo as ideias de Calvino, o crente para ser salvo tinha de ser primeiro um fiel da igreja calvinista.

Os clérigos que tivessem a seu cargo uma igreja tinham de passar por longos períodos de estudo de teologia. Depois tinha de receber a aprovação dos sacerdotes mais velhos, tinham de ter a confirmação dos fiéis. Se os crentes concordassem com a escolha aí sim o clérigo assumia a sua posição eclesiástica. Se fosse reprovado pelos fiéis, o caso era enviado para o conselho que assumia a situação.

Na confissão de fé dá-se uma importância muito grande à educação. O sacerdote deveria ensinar as crianças que não tinham condições a ler e a escrever e em cada cidade era obrigatório haver uma escola com uma equipa que deveria ser paga pelas suas funções. Além disso todos os bens da igreja seriam depois distribuídos aos mais pobres, para a educação e por fim aos sacerdotes. Ou seja, um clérigo recebia um pagamento pelo seu trabalho eclesiástico. Muitas destas ideias foram reforçadas numa obra conhecida como “Livro da Disciplina”.

Apesar da igreja escocesa ser mais moderada dentro das concessões calvinistas, o fiel também podia ser excomungado. Isso era apenas válido para casos mais extremos. Além de favorecer uma educação nas áreas seculares, a igreja pedia que houvesse ensino religioso na casa dos crentes para que se evitasse qualquer heresia.

De facto, todo o processo parecia estar a correr muito bem. A rainha como já foi referido, não estava presente, pelo que foi dado poder a um regente que pouco podia fazer: a igreja e o parlamento tinham boas relações e a reforma na Escócia estava num ritmo avançado. Porém, quando a rainha regressou ao reino, decidiu combater a Reforma, mas deparou-se com uma igreja mais organizada. Knox criticou a monarca escocesa e deu início a um confronto do poder temporal contra o espiritual em matéria eclesiástica.

⁵² McNeill, Jon.T, *The History and character of calvinism*, Oxford University Press, p299

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

A rainha Maria no período que esteve na corte francesa compreendeu as manobras políticas que eram precisas para manter o poder e desejava que o mesmo modelo fosse respeitado durante o seu reinado na Escócia. Já por outro lado, Knox acreditava que a rainha era uma inimiga e essa posição vai ser intensificada quando ocorreram perseguições contra grupos religiosos em França. Houve ocasiões em que se encontraram, mas as conversas não foram nada amigáveis. John Knox desejava que houvesse liberdade religiosa e que a intervenção da rainha não se estendesse ao domínio espiritual.

Em 1562, a liturgia que Knox escreveu para a Confissão de fé foi bem acolhida em Genebra, e passado pouco tempo foi revista e atualizada. Também fez com que o livro de Salmos fosse usado como música na igreja. Algo muito presente nas igrejas protestantes. Os louvores sobre Salmos foram ainda muito famosos e revistos no século XVII.

Apesar deste conflito, a igreja liderada por Knox ainda era a principal igreja na Escócia. Porém devido aos casamentos da rainha que desejou alterar certas leis da igreja defendendo o retorno do cargo de arcebispo e manifestando o desejo de que o seu marido se tornasse rei, retirando poder dos nobres, surgiu uma rebelião que fez com que fosse presa. Pouco tempo depois o seu filho Jaime tornou-se Rei da Escócia; conhecido como Jaime VI foi o mesmo que se tornou rei da Inglaterra.

John Knox acreditava que a frágil relação que teve com a rainha poderia ser alterada com a sua prisão. Aliás pregou na abertura da sessão do parlamento, sendo aprovada uma lei que obrigava todos os reis ou rainhas escoceses a manter a igreja protestante e a dar a liberdade religiosa aos crentes⁵³.

Knox morre em 1572 e após a sua morte, a reforma protestante na Escócia perde a sua força. Este era o garante da força deste pensamento e permitiu as bases para uma nova igreja que é a Igreja Presbiteriana. Knox tinha enfrentado a rainha e era muito respeitado por todos os grupos sociais. A volta para o catolicismo era impensável para esta sociedade e o poder das ideias protestantes nunca se perdeu totalmente, visto o rei Jaime VI ser também um protestante. Mas é criada essa nova igreja para ser algo mais moderado que se adequa às políticas do século XVII. Porém não deve ser negada a importância de John Knox para a introdução das ideias protestantes, sobretudo no campo calvinista na

⁵³ Idem, p 304

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Escócia. Com efeito, é difícil referir a existência da igreja presbiteriana sem a sua influência.

Como já referido anteriormente, o rei Jaime vai unir as duas coroas no século XVII: a inglesa e a escocesa, dando início a uma nova dinastia: a dos Stuarts. Na sua política religiosa desejava que houvesse uma união das igrejas. Embora quisesse ter boas relações com o papa, não queria que a igreja católica tivesse o poder que outrora tivera. De facto, é uma ideia difícil de ser concretizada na altura, visto que havia desde o reinado de Isabel I confronto entre puritanos e católicos. Mas o monarca desejava o apoio do papa a nível internacional e também não queria ser excomungado; por isso desejava ter boas relações com todas as igrejas cristãs.

Em seguida, o rei procurou retirar o poder das assembleias e da igreja. As sessões não podiam ser realizadas sem a sua autorização. Se o monarca não estivesse presente ou um dos seus representantes, então a sessão era adiada, até segundas ordens. Já no início do século vai conseguir todo o poder da assembleia, passando o monarca a decidir e a convocar as reuniões.

Jaime VI desejava tornar-se um rei absoluto e por isso necessitava que a sua imagem correspondesse a um rei escolhido por Deus e não como era visto pela igreja calvinista, a um servo de Deus. Portanto percebe-se também a sua aproximação com a igreja católica. A questão religiosa mais uma vez era utilizada para a concretização de objetivos temporais. Também aprovou o “Segundo Livro da Disciplina”.

A partir do momento em que Jaime VI se torna Jaime I da Inglaterra, o desejo de reorganização da igreja escocesa era algo inevitável. A Inglaterra era anglicana na sua maioria, embora os puritanos também tivessem um peso importante para a sociedade inglesa. Também não podemos esquecer que o rei era da linha mais calvinista, o que poderia levar a um confronto com os sacerdotes anglicanos. Por isso procurou novas formas diplomáticas para controlar a situação. Aqueles que protestavam como aconteceu na Escócia diante do aumento do poder real sobre o parlamento e os seus ministros, viram os seus chefes serem executados por mandato real⁵⁴. Também em 1606 vai ser aprovado um ato no parlamento que permite o regresso do estatuto de bispo. Porém em cada igreja escocesa deveria haver um presbítero e esse presbítero era acompanhado de um moderador. De

⁵⁴ Mackie, J.D, A History of Scotland, Penguin Books, 1964, p 196

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

facto, esta medida teve um grande sucesso na Escócia sendo exigido mais presbíteros e moderadores para cada igreja.

É preciso salientar que o cargo de presbítero era uma posição eclesiástica que já existia na hierarquia eclesiástica, mas agora com Jaime VI, os presbíteros passam a ter um poder maior; assim se formou a Igreja Presbiteriana.

Para esta nova igreja com bispos e presbíteros, o monarca decidiu no parlamento que deveria haver uma nova liturgia, uma nova confissão de fé e uma nova educação. As bases formadas por John Knox estavam a ser alteradas. Os bispos eram representantes do rei nas igrejas, e, portanto, havia o controlo do monarca quer no domínio espiritual quer no temporal.

Também durante o reinado de Jaime VI ordenou que teólogos se reunissem e traduzissem a Bíblia para Inglês para estar nas igrejas anglicanas, algo que desagradou os puritanos que desejavam uma mudança na liturgia da igreja inglesa, como por exemplo: não se deveria fazer o sinal da cruz ou a existência de bispos, algo que o monarca não aceitou⁵⁵. Esta tradução ficou conhecida como a versão King James, sendo depois publicado em 1611.

Outro ponto vai marcar o reinado de Jaime I de Inglaterra que será o conflito teológico entre os arminianos e os calvinistas. Os arminianos rejeitavam a ideia da predestinação e acreditavam na liberdade do homem no processo de salvação, ou seja, o homem tinha o livre arbítrio para escolher aceitar a Deus ou não.

Já no período de Carlos I, filho de Jaime VI da Escócia, as suas ações perante a igreja serão mais intensas comparada com os de seu pai. Em primeiro lugar, decidiu no Parlamento que era o chefe da Igreja. Na Inglaterra era uma decisão que já tinha sido aprovada pelo parlamento inglês como um título jurídico desde o período de Henrique VIII. Porém no caso escocês já era diferente uma vez que o pensamento teológico era diferente e a hierarquia eclesiástica também o era. Tentar unir dois pensamentos religiosos diferentes era algo que não agradou à sociedade escocesa.

Como chefe da igreja, o monarca das duas coroas podia decidir o que era heresia ou não. Também podia alterar a liturgia. Esta mudança foi descrita na obra “Livro dos

⁵⁵ Grimm, Harold. J, Reformation Era, Collier Macmillan Students Edition, New York, p 544

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Cânones”⁵⁶. Os sacerdotes entendiam que esta transformação na igreja se aproximava do modelo das ações papais. Também neste período foi criado um feriado religioso chamado “o maravilhoso dia do casamento do Reino com Deus”⁵⁷.

Diante destas alterações surgiram grupos religiosos que contestavam as ordens do rei. Não aprovavam a existência dos bispos na hierarquia eclesiástica da igreja escocesa. O problema da igreja com o rei não vai somente ocorrer na Escócia, mas também na Inglaterra.

O rei era moderado tal como foi o seu pai, porém tendo as mesmas ideias de um rei absoluto. O monarca é escolhido por Deus para governar, mas grupos como os puritanos eram contra a sua autoridade e criticavam o facto de Carlos I ter casado com uma católica, visto que os ingleses e os puritanos não queriam o regresso da igreja católica na Inglaterra.

Enquanto que na sociedade anglo saxónica, o monarca ainda conseguia controlar a oposição, já na Escócia, a situação já era diferente. O rei tinha de afirmar o seu poder, o que não acabou por ocorrer. De facto, no período de Carlos, o monarca da casa Stuarts acaba numa guerra civil e perde o poder da coroa inglesa para Olivier Cromwell, um puritano e é decidido a sua morte em público.

Em conclusão, A reforma Protestante marcou a Cristandade Europeia. Martinho Lutero deu início a um problema há muito pedido na igreja católica que era o combate a corrupção dos clérigos e formação dos sacerdotes. Vimos que através das circunstâncias que permitiram a expansão das ideias luteranas, permitiu o surgimento de outras igrejas protestantes tais como a Igreja Calvinista e a Igreja Anglicana. Estas igrejas protestantes tinham como base as Cinco Solas: Sola Gratia, Sola Fide, Sola Scriptura, Sola Deo Gloria e Sola Christus.

As calvinistas eram as mais diferentes destes grupos protestantes expressos por João Calvino na obra “Institutas da Religião Cristã”. Apresentou a ideia da salvação através da eleição e predestinação diferente da ideia da salvação pela fé de Lutero. Através deste pensamento religioso influenciou a criação de grupos como os puritanismos e a criação da igreja presbiteriana no caso escocês. A Escócia também vai ser um reino

⁵⁶ Idem, p 206

⁵⁷ Idem, ibidem

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

influenciado pelo calvinismo através da ação de John Knox. Também apresentamos como a Inglaterra no reinado de Isabel I permitiu o sucesso das ideias de Knox. Por final, falamos do conflito da Casa dos Stuarts contra os puritanos e a criação da igreja prebeteriana.

Parte 4- Descrição das aulas lecionadas

1.Descrição das aulas dadas

1.1 -1º Aula 11ºD

Primeira aula
11ºD

Reforma Protestante

Sumário: A Reforma protestante: os antecedentes e a rutura teológica iniciada por Martinho Lutero.

A primeira aula é sempre aquela mais especial, aquela que determina se de facto ser professor é ou não a vocação indicada. É o momento em que o professor encara os alunos e pode ver as suas caras, sejam elas acolhedoras ou não e assim ter a oportunidade de poder melhorar a cada aula. Eu disse à minha orientadora que a minha primeira aula foi o início de uma jornada de evoluções em termos didáticos e pedagógicos. Contudo mais do que evoluções, também são momentos em que é necessário analisar as aulas e perceber os erros. E isso vai ser algo muito presente nas descrições destas aulas, onde se notará a existência de muitos erros que foram sendo corrigidos ao longo do trabalho letivo que se seguiu. Por isso, quero mostrar tudo o que fiz e aprendi com os alunos.

Como já referi anteriormente, esta foi a minha primeira aula presencial. Tendo em conta, a situação que o país estava a enfrentar, devido ao covid 19, as escolas em março do ano passado, foram encerradas quando faltavam dois dias para a minha primeira aula presencial. Estava todo contente e ansioso e a minha planificação já estava vista e aprovada pela minha professora. Já tinha todos os materiais também preparados, contudo devido a essa situação de pandemia não foi possível a concretização dessa aula, de modo que não esperava, após essa notícia, dar qualquer aula nesse semestre.

Porém, a meio do semestre passado, numa das aulas do professor João Couvaneiro, este aconselhou-me a ligar à minha orientadora para saber se podia ajuda-la de alguma forma nas aulas à distância.

De facto, decidi seguir o conselho do meu professor e falei com a minha orientadora. Ficou combinado que daria aulas à distância pelo aplicativo Zoom. Para quem não ia dar nenhuma aula, tal facto foi uma ótima noticia.

Dei quatro a cinco aulas com a duração de uma hora às duas turmas. Foram momentos que me senti muito feliz porque ia iniciar a minha atividade letiva como professor. Mas também conhecia as dificuldades de dar aulas à distância: primeiro não conseguia

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

ver as caras dos alunos, porque todos ficavam com a camera desligada; por isso não sabia que estavam a prestar atenção à aula ou não. Só conseguia ver a cara da minha orientadora e do meu colega de estágio, o que de certa forma, era um pouco estranho porque dificultava a interação entre professor e aluno. Além de eles não mostrarem a cara, não sabia o que os alunos estavam a pensar. Muitos ficavam em silêncio, e, portanto, as aulas acabavam por ser expositivas. Eu tentei fazer o máximo de interações, apresentando vídeos, analisando documentos e fazendo perguntas à turma para que eles pudessem participar. Mas o contacto real só se verificaria nas aulas presenciais. A sua impossibilidade de certa maneira dificultava a realização das estratégias planeadas.

Todavia, nem tudo foi negativo. Pelo contrário, estas dificuldades só me deixaram mais animado para dar as aulas. De facto, foi através destas que foi confirmado a minha vocação para ser professor. Houve aulas que foram muito boas e outras que nem tanto, mas que serviram para que eu pudesse evoluir e com a ajuda da minha orientadora e o meu colega do segundo ano, consegui experimentar algo novo. Por isso, o facto de dar a minha aula presencial, fazia sentir-me ansioso.

Esta primeira aula foi dada em turnos. No novo horário da turma este ano, exatamente por causa do covid 19, as aulas na terça-feira são divididas em turnos. A primeira parte da turma tinha aula de história e a segunda tinha de português. Na segunda hora os turnos trocavam, e portanto, eu tinha que dar a mesma matéria nas duas aulas.

Também é de salientar que não houve grandes alterações na turma: entraram dois alunos novos que estavam a adaptar-se. Além disso é de destacar a simpatia e o respeito que esta turma demonstrou por mim, e muito disso provém do facto de eles me conhecerem desde o décimo ano.

Admito que estava bastante nervoso, porque é uma responsabilidade muito grande de dar aulas e os meus colegas de estágio incentivaram-me bastante e também sentia-me confiante porque é um tema que eu gosto muito.

Por isso, a aula teve o seu início quando entrei na sala.

Fiquei calado até chegar ao computador e deixar todos os materiais preparados. A turma inicialmente estava agitada, com os alunos a conversarem uns com outros mas subitamente pararam de falar e foram todos para o seu lugar. A minha orientadora e os meus colegas também já estavam nos seus lugares (era o meu colega do segundo ano e outro

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

do primeiro ano), o que me deixava com mais pressão ainda. Abri o manual, liguei o computador e pedi a um aluno para ligar o projetor porque o comando não funcionava. Em seguida, dei a planificação da aula à minha orientadora e cumprimentei os alunos e todos me responderam educadamente de volta e depois perguntei vamos trabalhar? e eles disseram que sim a rir, porque acharam a pergunta engraçada.

Depois desta pequena brincadeira para os alunos se sentirem mais à vontade, comecei por me apresentar, apesar da maioria da turma já me conhecer. Disse que era do mestrado em ensino, que estava no segundo ano.

Eu queria que a aula fosse “viva”, no sentido em que os alunos participassem, interagissem e por isso tinha muitos materiais como o PowerPoint, vídeos, imagens, documentos do manual.

Antes de começar a dar a matéria pedi que a turma estivesse atenta e disse que ia fazer duas sugestões importantes a que eles deveriam corresponder.

A primeira sugestão era que a turma tirasse apontamentos. De facto, a maioria dos alunos tira apontamentos; contudo normalmente não são os melhores, pois não conseguem sintetizar as ideias gerais da matéria que lhe permitiriam depois estudar. Portanto os apontamentos que eles tiram são incompletos. Por isso pedi que eles prestassem atenção e tirassem o máximo de notas possíveis, porque o PowerPoint que iria ser apresentado teria pouquíssimo texto (o que é uma estratégia minha para que os alunos não fiquem somente focados no PowerPoint, mas sim também no que o professor está a transmitir, permite o aumento da concentração por parte destes).

A segunda sugestão era que a turma não tivesse vergonha em fazer perguntas. Fiz este pedido à turma porque muito destes alunos tem vergonha de participar, e grande causa disso é o medo do ridículo, devido à vergonha de errar e ver os colegas rirem da pergunta que fez. Por vezes, até estão corretos, mas o receio de dizer algo errado segundo a perceção deles, acaba por os prejudicar. Mesmo que estivessem errados, era suficiente porque, logo em seguida, eles teriam a explicação do que era correto. Também compreenderiam que a minha função como professor é ajudá-los a entender a matéria. Por isso eles podiam confiar em mim e deviam participar o máximo possível.

Após ter feito estas duas sugestões, parecia que a turma tinha ficado mais confiante e mais à vontade comigo.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Mostrei a capa do PowerPoint que apresentava as três principais figuras da reforma protestante e das suas respectivas igrejas. Pedi à turma que os identificasse. Martinho Lutero foi de consenso geral, todos ao olhar para a figura conseguiram identificá-lo, Henrique VIII, foi a figura que a turma teve mais dificuldade em identificar, o mesmo acontecendo com Calvino que só alguns souberam reconhecer imediatamente.

Salientei à turma que se eles quisessem compreender toda a matéria que ia ser explicada, primeiro tinham de compreender a cronologia porque para estudar história é necessário ter ideia da época que está a ser analisada. Por essa razão mostrei a cronologia, que continha as principais datas em causa. Não deveria ser algo que eles se limitariam somente a memorizar, visto que deveriam compreender todo o processo que estava a ser estudado, porque isso iria ajudá-los nos testes e também no exame nacional.

Com a apresentação da cronologia, a primeira data que destaquei foi o Cisma do Ocidente, para explicar a divisão da Igreja Católica Romana com a existência de dois papas, um em Roma e outro em Avinhão. Porém tive que lembrar à turma um outro Cisma que eles já conheciam e tinham estudado no décimo ano, que era o Cisma de 1053, que permitiu a divisão da Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica romana. Perguntei à turma se lembravam a matéria e o primeiro turno soube-me responder corretamente. Já o segundo tinha-se esquecido. Tive que chamá-los à atenção para o facto de, não deverem esquecer-se dos processos históricos. Mas fiquei também muito contente da maioria da turma em geral, se lembrar da matéria que eles estudaram, porque isso demonstrou que aprenderam.

Em seguida, pedi que a turma abrisse o manual porque ia ser analisado um documento do mesmo, exatamente sobre o Cisma do Ocidente. Era um mapa que apresentava as heresias presentes na Europa e a divisão da igreja entre os dois papas. Continuando a falar sobre a questão do Cisma, perguntei à turma se eles sabiam o significado de excomunhão. A maioria dos alunos, soube-me responder corretamente, embora eu tivesse que os alertar para o facto de terem cuidado com a forma como transmitissem essa informação. Na maioria das vezes, grande parte da turma sabe responder corretamente, mas a forma como comunicam seja nas aulas ou nos testes, acaba por prejudicá-los. Por isso, ajudei-os na questão da comunicação em história e o uso correto dos conceitos.

Expliquei, logo em seguida, o que era de facto a excomunhão, o que significa para o fiel ser excomungado e as suas consequências nesta sociedade. A turma também sabia

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

quais eram os representantes das duas novas igrejas, o Papa para a igreja Católica e o Patriarca para a igreja Ortodoxa.

No documento que pedi para os alunos analisarem, estava escrito a data, cerca de 1390d.c. Eu perguntei à turma o que neste período, que evento aconteceu na história de Portugal e a turma passou algum tempo, uns alunos deram-me a resposta correta: que foi a crise de 1383-1385.

Em seguida, comecei a falar das críticas feitas à igreja Católica pelos humanistas, homens que desejavam uma mudança no seio da igreja.

A turma estava muito atenta e eu queria que todos eles entendessem a matéria, porque é tema complexo e pode urgir debates na turma.

Depois aprofundei a questão das críticas à igreja com especial destaque às indulgências e à falta de vocação por parte dos clérigos. Através disso, expliquei à turma que na questão religiosa, o Papa precisava de afirmar o seu poder, nem tanto pela necessidade espiritual, mas para o provar através do poder temporal, dando exemplo de guerras em que o papa participou, e o exemplo da existência de um estado papal. Mas dei especial destaque e é o que está no programa, às indulgências.

Perguntei à turma o que eram as indulgências, porque eles já ouviram falar desse conceito quando estudaram as Cruzadas e alguns souberam responder. Pedi a uma aluna para analisar um documento do manual que apresentava os papas deste período. Papas estes como Júlio II que participou das Guerras de Itália, o papa Alexandre VI que tinha filhos facto que a sociedade da altura sabia ou mesmo o papa Leão X que muito jovem já era bispo. O mais engraçado era a reação da turma, pois os alunos não entendiam como estes homens que eram mais jovens do que eles, já estavam à data nas posições mais elevadas da hierarquia eclesiástica.

Também falei sobre as procissões, que também eram alvo de crítica por parte dos humanistas. A turma ainda não conseguia compreender a diferença entre o temporal e o espiritual. Na questão das procissões dei o exemplo da peregrinação a Fátima, que é algo comum para os fiéis, fiz isto para que eles compreendessem mais a continuação destas tradições religiosas na sociedade portuguesa.

Depois perguntei à turma qual foi a principal causa que permitiu que a igreja chegasse até aquele estado, os alunos não me souberam responder, por isso eu expliquei que

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

nas grandes famílias, seja na alta nobreza ou de grandes comerciantes como a família dos Médicis que os filhos entravam para o clero, mas não tinham qualquer vocação para a área espiritual.

Depois comecei por apresentar um dos humanistas que criticava a igreja católica, que era Erasmo de Roterdão, e aliás, a minha orientadora havia pedido aos alunos para pesquisarem quem era Erasmo de Roterdão. De facto, aproveitei essa questão e perguntei à turma quem era Erasmo. Pedi também que respondessem por palavras próprias. Muitas vezes, os alunos quando lhes é pedido algum trabalho, não aprendem, só decoram visto que copiam dados que viram num site que por vezes contem informação errada. Tal facto permite que eles não sejam autónomos nas suas afirmações. Também queria que eles comessem a ter uma opinião crítica em relação à matéria.

Dei muita importância à questão dos conceitos, porque é algo que o programa valoriza e que também os alunos têm de aprender para depois compreenderem melhor a matéria que está a ser dada e ganharem mais vocabulário histórico. Por isso perguntei à turma o que significa a palavra celibato e ela soube responder corretamente à questão.

Nesta aula como foi de turnos, o primeiro turno tem mais raparigas do que rapazes e queria que todos pudessem interagir, até mesmo aqueles que tem mais vergonha para falar.

Ainda em relação às críticas à igreja salientei dois pontos fundamentais: primeiro, a igreja como instituição religiosa e segundo a sua doutrina teológica. Fiz isto para a turma compreender o que são as críticas referentes à igreja como instituição religiosa ou à igreja no aspeto doutrinário.

Em seguida, perguntei-lhes qual era o significado de heresia. Embora a resposta estivesse incorreta, eu gostei do esforço dos alunos em quererem participar, porque muitos do que não falavam já queriam falar e quanto aos que ainda tinham vergonha de responder, eu incentivava-os a intervir.

Pedi a algumas alunas para lerem os documentos do manual que eram de Savonarola e Erasmo de Roterdão. Estes documentos tinham palavras que os alunos desconheciam e por isso, eu explicava o significado das mesmas. Por vezes, eu pedia a alguns que menos participavam que pudessem ler os documentos de forma a encoraja-los a participarem mais.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Em seguida, entrei no domínio mais teológico da matéria, altura em que eu deveria estar mais atento e ter cuidado, especialmente porque é um tema que aborda a fé e as crenças religiosas dos alunos. Exatamente por ser um tema mais delicado, perguntei aos dois turnos quem acreditava em Deus, e muitos rapidamente levantaram as mãos. Como incentivo, eu também disse que acreditava em Deus. Outra parte da turma declarou que estava no “meio”, pois acreditavam em Deus, mas não iam à missa. Simplesmente acreditavam que existia uma força superior a eles. Mas também houve alunos que disseram que não acreditavam em Deus.

Aproveitando exatamente essa interação, eu disse que a história aborda todas as áreas da vida humana, seja ela política, social, económica, militar e também a religiosa. Por isso o que eu ia abordar e explicar não era a fé deles, mas sim a história. A História que é uma ciência que é trabalhada com base em factos e não na nossa fé. Portanto pedi que ninguém ficasse ofendido, porque íamos trabalhar história. A turma compreendeu bem o que eu disse e, portanto, comecei a falar de Martinho Lutero e da questão das indulgências.

Quando comecei a falar de Lutero, expliquei qual era a visão de Martinho Lutero, em relação à salvação e perguntei à turma se eles sabiam o que era o purgatório. Disse que por um lado, um fiel quando morresse podia ir para o céu, ou por outro para o inferno e no meio disso, existia o purgatório. Os alunos que são mais religiosos souberam me logo responder o que era o purgatório e para que servia.

Depois falei mais uma vez da questão das indulgências, que era o pagamento dos pecados através das riquezas dos fiéis para exatamente diminuírem a sua estadia no purgatório e irem mais cedo para o céu. Por isso, perguntei à turma como as pessoas mais pobres poderiam pagar pelos seus pecados. Parece que era algo em que a turma ainda não havia pensado de modo que, não conseguiram responder à minha pergunta. Eu dei-lhes seguidamente algum tempo para eles pensarem. Uns disseram que era preciso ir mais à igreja, uma aluna disse que era preciso rezar mais e quando essa aluna disse isso, eu afirmei que essa ideia estava correta. Expliquei que havia certas regiões da europa cristã, principalmente no Sacro Império Romano-Germânico que adotaram um plano anual de orações, que era basicamente o seguinte: o crente teria de rezar durante um ano, cerca de onze mil pai nossos e onze mil ave marias.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Quando a turma soube dessa curiosidade, ficaram muito espantados e surpresos. Perguntaram logo como era possível. Um aluno disse que nunca conseguiria rezar tantas vezes e perguntou se era para a vida toda e eu disse que não, era um plano anual. Ficaram tão admirados que perguntei à turma se conseguiriam cumprir esse plano, e todos responderam que não e riram.

Exatamente acerca da questão da salvação pedi a uma aluna que lesse o documento sobre as 95 teses escritas por Lutero, que apresentava as principais críticas feitas pelo monge agostinho. Ao analisar o texto eu apresentei a principal ideia de Lutero que era a salvação pela fé. Em virtude deste conceito a salvação não podia ser obtida pelas indulgências ou também pelas boas obras.

Em seguida, quis explicar a importância da imprensa e da tradução da Bíblia para o alemão. E perguntei aos dois turnos, porque foi tão importante a imprensa para a reforma e, mas antes que eles respondessem eu perguntei o que era a imprensa e a turma respondeu corretamente, mas sobre a pergunta original, eles também conseguiram responder, porque ia permitir uma maior divulgação das ideias luteranas por toda a cristandade.

Também expliquei à turma do momento em que Lutero foi excomungado da igreja Católica e que, a partir, daquele momento deu início à formação da igreja luterana. A turma percebeu melhor isso quando viu uma figura do manual que demonstra exatamente esta situação em que Lutero queima a bula papal.

Salientei mais uma vez com a turma a importância da tradução da Bíblia, porque a Bíblia tinha sido traduzida em latim pelo Doutor da igreja S. Jerônimo e Lutero dizia que os fiéis deveriam ter acesso às Sagradas Escrituras. Perguntei à turma se mesmo com a tradução da Bíblia em alemão, todos os grupos sociais conseguiriam ler e eles disseram que não, que por exemplo, um camponês não teria essas condições. Gostei bastante da resposta da turma, porque já estava a mostrar uma opinião crítica sobre a matéria.

Depois da explicação das principais bases do luteranismo como a salvação pela fé e o conceito universal de predestinação. Um aluno perguntou me se não era Calvino que acreditava na predestinação e por causa dessa dúvida que este aluno expôs, eu perguntei à turma se eles sabiam o significado de predestinação e eles responderam corretamente. Não me esqueci e elogiei o aluno pela excelente questão que tinha levantado e ele ficou todo contente com o elogio.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Queria destacar a importância do elogio para um aluno ou aluna no caso desta turma ou mesmo na turma E, mas com especial destaque na turma D.

Esta turma é muito boa em termos de notas. Há alunos que são muito bons a escrever, participam com muita frequência, mas os alunos que não tiram assim tão boas notas acabam por ficar desmotivados porque sabem que há um aluno melhor do que ele, que irá receber todo o destaque. Além disso ficam com medo de participar porque pensam que são menos inteligentes do que os seus colegas e por isso ficam calados a aula toda, enquanto por vezes tem a resposta correta. Por isso mesmo eu dei maior destaque aos alunos que não costumam participar para ler documentos, para analisá-los, para que assim todas as turmas pudessem participar de igual modo, dando oportunidades a cada um.

Em seguida, falei da Dieta de Worms e até fiz uma piada com a turma ao dizer que a Dieta, não queria dizer que Lutero precisava de perder uns quilinhos, mas sim que a Dieta era uma reunião política, mas a turma riu da piada.

Depois mostrei mais o PowerPoint e apresentei uma imagem de Wittenberg, para que os alunos tivessem a ideia, primeiro de tempo com a cronologia e depois do espaço com a imagem.

Após mostrar os cinco principais pontos do luteranismo, que estão escritos em latim e eu fiz a tradução para eles e em seguida expliquei o que significava cada ponto apresentado. Até perguntei à turma se eles entendiam o que estava escrito e a maioria disse que não, mas outros perceberam que havia semelhanças com o português e eu respondi que estavam certos porque a língua portuguesa descende do latim. Quando eu ia dizendo o que cada ponto significava, os alunos escreviam isso nos cadernos ou até repetiam as palavras comigo para poderem memorizar.

Como conclusão da aula, pedi que a turma fizesse um trabalho de casa, que consistia nas respostas a três perguntas do manual. Assim eu encerrei a minha primeira aula.

No segundo turno, o modelo de aula foi o mesmo, mas a transmissão das mesmas ideias já foi mais complicada, porque se tratava já de um público diferente. Por exemplo, o segundo turno não se lembrava do Cisma de 1053, enquanto que o primeiro já sabia o que isso significava. São assuntos que podem estar na planificação de aulas, mas a explicação dessas ideias pode ser diferente; com um turno dei mais destaque num ponto, enquanto no segundo turno, insisti noutro. Mas o mais importante era dar a matéria que o

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

programa exige e para isso deveria valorizar cada opção didática. Por exemplo, o fato do segundo turno não se lembrar do Cisma de 1053, já é algo que deve ser trabalhado porque eles não devem esquecer-se destas datas que lhes permitem compreender todo o processo histórico.

Os alunos do segundo turno são mais calados do que os do primeiro, mas mesmo assim pedi que lessem e interagissem e a minha orientadora disse que nessa aula, alunos que nem falavam habitualmente, estavam bastante participativos, o que me deixou muito feliz.

Como já dito anteriormente eu dei muito destaque aos conceitos como heresia, dogma, predestinação, para os alunos criarem um vocabulário histórico correto.

Porém também é preciso um certo cuidado que tive ao chamar a atenção. Quando faço uma pergunta, os alunos já vão rapidamente para o manual, ao invés de pensarem na resposta correta, e isso é algo que procurei que eles não fizessem; em lugar disso deveriam pensar na resposta. E quando pus uma questão a uma aluna ela foi logo ao manual, mas quando lhe pedi que respondesse por palavras próprias, já não conseguiu, porque muitos destes alunos já estão programados para decorar e não para pensarem por si mesmos. Por isso quando é pedido algum trabalho como foi o caso relacionado com Erasmo de Roterdão solicitei que respondessem pelas suas próprias palavras. Não conseguiram, porque provavelmente não são capazes transmitir de forma correta, porque pesquisaram mal. Por isso nas minhas aulas procurei que eles pensassem por si mesmos visto que assim teriam mais sucesso porque passariam a entender a matéria e não a decora-la.

Também pedi à turma que fizesse o trabalho de casa partindo das mesmas questões, pois não convinha mandar eles fazerem atividades diferentes, mas em termos de matéria eu avancei mais no primeiro turno do que no segundo. Na segunda hora tive mais tempo a trabalhar com eles acerca das críticas à igreja, porque como já fora dito, eles não sabiam bem a matéria, o que acabou que desse menos destaque a Lutero. Mas felizmente, a aula correu bem.

Esta aula foi muito especial para mim porque foi a primeira. Tenho de destacar os erros e os acertos da mesma, e farei um comentário em relação a isso.

Em primeiro lugar, as circunstâncias permitiram que eu desse esta aula, porém o modo como deveria dá-la teria que obedecer a estratégias diferentes, no sentido visto que

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

antes eu havia dado aulas online, enquanto que esta foi uma aula presencial. Normalmente, a turma fica junta, mas neste caso eles ficam divididos, o que é uma estratégia contra os ajuntamentos na sala de aula, por causa do covid -19. E exatamente sobre este vírus que dei a aula com os alunos com máscara, que eu também tive de usar. O que confesso, é muito estranho, porque era uma situação nova e o facto de os alunos estarem com máscara tornava as coisas mais complicadas, porque as expressões faciais contam muito numa sala de aula, visto que demonstram se os alunos estão a entender a matéria ou não. Da mesma forma isso ocorre com o professor, pois alunos não entendem bem as emoções que ele pretende transmitir. Como eu não estava acostumado, eu tinha uma preocupação em relação à minha voz por causa, como já referido, da máscara.

Apesar da máscara poder ser considerada um obstáculo ao longo do tempo porque pode incomodar a voz e as expressões, felizmente nesse requisito consegui sair-me bem, porque os meus colegas e a minha orientadora disseram-me que me ouviram muito bem.

Um dos erros que cometi nesta aula o facto de não ter ditado o sumário. A matéria era tanta que acabei por esquecer, mas não é algo grave. Deve ser feito logo no início da aula para não esquecer. Além disso, também não foi possível a visualização do vídeo que está presente na planificação, pelo mesmo motivo. Não deu para cumprir este ponto, mas em compensação desenvolvi mais conteúdos com a turma.

Outro aspeto que precisa de ser desenvolvido, é a maneira como ponho as questões aos alunos de forma que fiquem adequadas ao seu nível, porque senão pode ser confuso para a turma e eles não acabam por responder corretamente ao que é pretendido. Também convém dar tempo para que eles possam responder, visto de eles ainda não conhecerem bem a matéria.

Com esta turma o principal objetivo e cuidado que eu tinha, era em termos de conteúdo. São alunos que dão mais privilégios à matéria, o que é um ponto positivo. Em termos de comportamentos, a turma porta-se bem, como também portou nesta aula.

Foi uma muito agradável, os alunos estavam muitos interessados e atentos. Gostei de ver os alunos que menos participam normalmente nas aulas, a participar na minha. Um dos comentários feitos pela minha orientadora foi o seguinte: ela disse que a minha comunicação foi muito boa, que era agradável ouvir-me e prestar atenção, que tinha sido rigoroso com os conteúdos, mas que deveria ter cuidado para não ser expositivo. Pelo facto de ser muita matéria é muito fácil ser expositivo e por isso deveria ter cuidado e

atenção com esses detalhes. Mas no final elogiou e disse que foi uma aula muito boa. Por isso, foi algo muito especial e também um belo começo para a série de aulas que irei continuar a descrever.

1.2- Segunda aula

11ºE

Sumario: A Reforma protestante: os antecedentes e a rutura teológica iniciada por Martinho Lutero.

Posso dizer que a segunda aula que dei à turma E correu melhor do que a primeira. Se a acerca da primeira disse que foi muito boa para ser justo tenho de afirmar que a segunda excelente. A matéria foi a mesma, mas o modo como ela foi desenvolvida é que já foi diferente.

A professora Luísa quando me fez a proposta de dar as aulas da Reforma Protestante, sabia que era um tema que eu havia pedido no ano anterior, mas eu não tinha qualquer esperança de vir a dar aulas sobre o mesmo. De facto, é preciso dizer que só dei a reforma protestante e não a contrarreforma porque a minha orientadora queria encarregar-se dessa parte da matéria. Mas pra mim que ambicionava trabalhar esse tema, foi muito importante.

Um dos grandes pontos para o qual a minha orientadora me chamou logo à atenção foi o cuidado que eu deveria ter ao abordar este tema, visto ser um assunto delicado porque envolve as crenças dos alunos. Também deveria ter cuidado em não transmitir para a turma dados sobre a minha fé. Portanto, a preparação que eu tive que fazer foi maior, porque queria provar que era possível dar uma aula que aborda um tema basicamente religioso sem causar quaisquer conflitos de ideias e pensamentos na turma.

A turma 11ºE, não tem uma média de boas notas. Enquanto na turma D, eu dei muito valor ao conteúdo científico, para esta eu dei valor à parte didática e pedagógica, porque os alunos demonstram muitas dificuldades na matéria. A turma está melhor do que ano passado em termos de comportamento e também entraram duas alunas que são estrangeiras, mas se mostram extremamente interessadas o que acaba por influenciar os colegas. Como também reprovaram alguns alunos e a turma já me conhecia bem como à professora Luísa, eles mostravam respeito. São alunos muito educados, e no que toca ao comportamento demonstram muita qualidade.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Como a turma estava mais atrasada na matéria, eu dei a segunda hora, enquanto na primeira, a minha orientadora acabaria a matéria relacionada com o Renascimento.

Estava muito ansioso antes da aula, pensando como a turma iria reagir comigo a lecionar. Mas durante a primeira hora de aula, a professora Luísa mostrou vídeos e um PowerPoint, o que para eles se tornou o foco da atenção desviando-a da matéria que a professora a transmitir.

Na segunda hora, eu comecei a dar a aula.

A professora Luísa apresentou-me à turma e disse que eu ia dar a aula. Os alunos ficaram contentes porque esperavam que fosse uma aula diferente. Por isso desde o princípio, eu já tinha captado a curiosidade deles.

Comecei por cumprimentar a turma e apresentar-me, e eles educadamente responderam-me de volta. Repeti os dois avisos que dei à turma D, dizendo que deveriam tirar apontamentos, porque poucos alunos os tiram. E mesmo os que tiram por vezes organizam as ideias de forma confusa. De qualquer modo todos deveriam registar ideias porque íamos abordar temas que não estão presentes no manual. Também acrescentei que não deveriam ter medo em responder participando na aula, porque a minha função como professor é ajudá-los.

É de destacar que alguns alunos estavam a faltar, por exemplo, um aluno participou da primeira hora, mas na segunda, não. Em relação aos apontamentos, eu queria que os alunos fizessem registos sobre a matéria, mas reparei que por vezes parece que estavam a usar os cadernos para fazer trabalhos de casa para outras matérias.

Em seguida, pedi-lhes que identificassem as figuras que estavam no PowerPoint. A turma já teve dificuldade em reconhecer as principais figuras da Reforma Protestante (Martinho Lutero, Calvino e Henrique VIII). Somente um aluno conseguiu identificar as três figuras, enquanto na turma D, a maioria conseguiu fazê-lo. Mesmo no que se refere à identificação de Martinho Lutero muitos não conseguiram fazê-la.

Após esta reflexão sobre as figuras referidas, apresentei a cronologia da matéria e de imediato os alunos começaram a passar as informações para o caderno, o que é bom, mas parecia que quando eu falava, eles não estavam a prestar atenção à matéria, por estarem focados somente na cronologia apresentada. Por isso decidi passar o slide à frente e perguntei à turma se eles tinham registado as datas referentes a Lutero e eles

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

responderam que sim. Então eu disse que na próxima aula iria falar sobre Calvino e Henrique VIII e a turma gostou dessa decisão.

Comecei por explicar as críticas à igreja. Na outra turma eu fui muito detalhista ao abordar estas questões. Enquanto na E as tratei de forma mais geral e por acaso consegui explicar mais matéria sobre Lutero do que na outra turma D. Sobre as críticas à igreja, a turma não se lembrava do Cisma de 1053 e nunca tinha ouvido falar do Cisma do Ocidente; por isso expliquei de forma geral estes dois pontos, lembrando que a aula era somente de uma hora.

Destaquei estes dois eventos à turma, para salientar que eles deveriam ter a consciência de aprenderem a matéria e não a decorarem. Só assim adquiririam vocabulário histórico. Pedi aos alunos para analisarem o mapa do manual sobre o Cisma do Ocidente e percebi que eles quando eu fazia perguntas sobre o documento não sabiam responder. Por exemplo quando perguntei que século é que o mapa referia, alguns ainda não conseguiam fazê-lo.

Apesar das suas dificuldades, a turma estava a participar muito e também se mostrava muito atenta, isso era algo que os alunos não faziam no ano anterior e comigo estavam a fazer.

Por exemplo, houve uma diferença nessa aula: no decorrer da análise desse documento, falei de um facto que não abordei com a outra. Este facto foi a existência do império Otomano. Apesar de ser um império muito importante, não é um conteúdo que figure no programa de História, mas achei importante fazê-lo para que a turma tivesse ideia do que existiam outros reinos e impérios para além daqueles de que já tinham ouvido falar.

Em seguida, comecei por referir-me a Savonarola e a Erasmo de Roterdão e perguntei à turma se sabia quem era Erasmo. É de salientar que a minha orientadora, não pediu à turma para fazer um pequeno trabalho sobre Erasmo de Roterdão como fez com a turma D. Por isso quando pus a questão à turma, somente uma aluna tinha ouvido falar de Erasmo de Roterdão e eu expliquei em seguida quem ele tinha sido.

Registei no quadro um dos críticos da Igreja neste período que é Jan Huss, porque apesar de estar no manual, os alunos não o haviam encontrado.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

É necessário referir que estava presente a minha orientadora e mais dois colegas (um do segundo e outra colega do primeiro ano). É interessante salientar que nas minhas aulas estiveram sempre presentes duas a três pessoas a observar-me. O que para mim era muito bom, embora constituísse um fator de muita pressão porque era a primeira aula a que a minha colega do primeiro ano assistia.

Os alunos ficaram muito interessados na matéria e gostaram principalmente das críticas à igreja. Ficaram muito curiosos a pensar como era possível que houvesse situações de papas com filhos, ou de clérigos que conseguiam os seus cargos eclesiásticos muito novos, quando eles, como alunos e jovens não conseguiriam assumir essa responsabilidade.

Apresentei a imagem de Wittenberg, para que a turma tivesse a ideia do espaço geográfico. Comecei por apresentar os conceitos bases desta matéria.

Depois pus a mesma questão que coloquei à outra turma perguntando quem acreditava em Deus. Pouquíssimos alunos disseram que não acreditavam, e de imediato a maioria da turma levantou a mão para dizer que acreditava em Deus. Em contrapartida na D, a maioria da turma não acreditava, o que é interessante.

No resto da aula estive a analisar juntamente com a turma, os documentos sobre as noventa e cinco teses de Lutero e a queima da bula papal. Expliquei a Dieta de Worms e os cinco pontos fundamentais do luteranismo e ao identificar cada ponto e traduzir, os alunos tiravam apontamentos. Quando pedi para relembrem a matéria, os alunos conseguiram responder a todas as questões. Os que costumavam ficar mais desconcentrados, nesta aula estavam muito atentos.

Em conclusão, esta aula foi muito especial, creio que foi a melhor que eu já dei, porque o ambiente de aula assim o permitiu. Os alunos estavam atentos e interessados na matéria. O facto de ver os alunos tão atentos, deixou-me muito contente.

Claro que a aula não foi perfeita pois mais uma vez esqueci-me do sumário, mas pedi à delegada de turma para poder lembrar-me na aula seguinte. Também não passei o vídeo porque não tive tempo, a aula era só de uma hora e a turma estava muito interessada e fazia perguntas, mas a matéria que estava planeada foi toda dada.

Uma técnica que adotei para encerrar a aula foi deixar a turma curiosa para a aula seguinte, porque anima os alunos e prende a sua atenção. Por isso perguntei no fim à

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

turma se eles sabiam alguma coisa sobre o calvinismo e o anglicanismo e um aluno disse que sim. Quando ele ia responder, interrompi-o e declarei que iria falar sobre esse tema na próxima aula, e a turma teve uma reação engraçada, como se todos quisessem aprender mais.

E a melhor sensação vivia-a quando acabou a aula. Alguns alunos foram ter comigo e disseram que ela tinha sido excelente; fiquei bastante contente com esses comentários. Assim acabo a descrição desta aula.

1.3 Aula 3

11ºD

Sumário: A expansão das igrejas protestantes :o calvinismo e o anglicanismo

Como sempre eu estava ansioso para dar a aula, como a primeira tinha corrido muito bem, por isso a exigência seria maior. A aula era de duas horas, mas só dei a primeira hora, visto que a minha orientadora daria em seguida a Contra Reforma.

A grande crítica que posso fazer e que vai ser focada na descrição diz respeito ao cuidado com o tempo que está disponível para dar a matéria. O conteúdo histórico pode estar a ser interessante, mas é necessário cuidado com o tempo. Portanto o professor precisa de adaptar a essas questões.

A aula começou quando entrei na sala e cumprimentei os alunos. Todos os que estavam a conversar, pararam quando cumprimentei a turma, o que é bom, porque demonstra que esta já sabe da autoridade e respeito que deve ter pelo professor e também pelos colegas que querem aprender.

Depois de ter feito a chamada, perguntei quem tinha feito o trabalho de casa. Somente um aluno é que não fez o trabalho de casa, o que é bom porque quase toda a turma o fez. Tal facto foi algo que me deixou contente. Depois comecei a fazer a correção do trabalho de casa com a turma, eu pedia que certos alunos lessem a pergunta e depois a resposta, e eu corrigia se estivesse algo mal no final.

Na correção eu pedi aos alunos que menos falam na aula para lerem as suas respostas. Posso dizer que uma aluna que normalmente não costuma participar na aula, deu uma excelente resposta relativa à pergunta, por isso mesmo eu a elogiei.

Outro aspeto que percebi na correção dos trabalhos de casa foi a falta dos documentos nas repostas. Todas as perguntas pediam que um documento do manual estivesse

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

presente na resposta, porém muitos alunos não o fazem, simplesmente escrevem a sua própria interpretação da questão, invés do que é exigido, o que num teste ou num exame pode ser descontado no valor da pergunta.

Outro ponto que os alunos também demonstram sérias dificuldades é responder ao que é pedido, por vezes os alunos querem complexificar as questões, enquanto não é exigido isso. Como referido anteriormente, a aluna que eu elogiei pela qualidade da resposta dada, porque respondeu à questão de forma simples e objetiva. Como há alunos que tiram notas muito altas e querem mostrar as suas capacidades, acabam por fazer respostas extremamente elaboradas e complexas, o que acaba por deixar a resposta confusa. Por isso chamei-os à atenção nesse sentido, para não complexificar a resposta e também começarem a inserir os documentos nas respostas para que fique mais completa e responda ao que é proposto.

Após a correção do trabalho de casa, eu ditei o sumário da aula anterior e daquela aula. É interessante que os alunos já perguntaram logo o que ia ser dado, entusiasmados para aprender algo novo. E exatamente por esse entusiasmo que comecei por fazer um resumo da matéria para saber se a turma tinha entendido o que tinha sido dado. Todas as questões que ia fazendo, a turma soube responder corretamente, até o número das orações, o que confesso não estava à espera.

É de desta animação da turma, como também interesse que uma aluna fez uma excelente questão que era: “como, a igreja sabia que os crentes oravam de facto, onze mil vezes?”. Quando ouvi esta questão fiquei muito supresso, porque não estava à espera desse tipo de resposta, foi uma boa supressa, visto que a turma e esta aluna mostrou que estão a pensar na matéria de forma crítica e lógica. Eu respondi à aluna ao dizer que naquela altura, os crentes de facto colocavam em prática todas os sacramentos e dogmas da igreja e que para não irem para o purgatório, ou diminuírem a sua estadia neste local, pode-se deduzir que sim que cumpriam religiosamente estes requisitos, visto que acreditavam realmente na ideia da salvação, do céu e do inferno e também do purgatório e por causa dei os parabéns à aluna pela pergunta que tinha levantado.

Depois comecei por relembrar os conceitos chaves da matéria para que os alunos não pudessem esquecer, por isso quando perguntava o significado de cada conceito como dogma, celibato, o que era as indulgências, todos conseguiram me responder, o que é um bom sinal, visto que demonstra que a turma tinha entendido o que tinha sido ensinado.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Também perguntei sobre os cinco pontos fundamentais do luteranismo soube responder corretamente.

De facto, este momento de correção e síntese da matéria da aula passada ultrapassou o tempo que tinha determinado, por isso tive que ser mais rápido para poder dar a matéria.

Na questão da matéria tinha que falar outro ponto fundamental do pensamento luterano, que também faz parte do programa que era o sacerdócio universal, no qual todo o crente era sacerdote. Pelo fato de ser algo que pode confundir a cabeça dos alunos pedi a uma aluna para ler um documento do manual que abordava esse tema e depois explicava o que consistia esse pensamento.

Como aula anterior já havia abordado a questão da expansão do luteranismo e ter analisado com a turma o mapa das igrejas protestantes, parti rapidamente para a questão calvinista e o pensamento de João Calvino. Por essa razão pedi que a turma estivesse bem atenta porque ia ser apresentado outro pensamento teológico e que eles não deveriam ficar confusos por causa disso.

O primeiro ponto que apresentei sobre Calvino foi a predestinação absoluta, no qual Deus escolhe uns para a salvação eterna e outros para a condenação eterna. Esta ideia confundiu os alunos e questionaram como era feita essa seleção, expliquei que aqueles que supostamente tinham se tornado calvinistas eram de fato os eleitos ou os escolhidos e que por essa razão, Calvino acreditava que a igreja deveria se expandir, para revelar os verdadeiros filhos de Deus.

Falei da interferência da religião na vida do crente, seja na questão social e política. Falei que Calvino era o chefe desta igreja e que a interpretação da Bíblia deveria ser feita de acordo com a interpretação de João Calvino. Expliquei também que o pensamento calvinista era um pensamento mais rigoroso, tinha regras para as roupas, os hábitos, a cultura era bem restrita para que não levasse o crente a pecar. Também falei que Calvino apoiou a tradução da Bíblia para língua nacional.

Exatamente sobre a questão da importância da Bíblia que pedi à turma para analisar uma gravura do manual que mostrava uma balança e de um lado tinha objetos ligados ao catolicismo e do outro uma Bíblia para os calvinistas. Nessa gravura mostra que o peso da Bíblia dos calvinistas era mais pesado do que todos os objetos religiosos católicos.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Quis deixar claro que apesar do calvinismo fazer das igrejas protestantes, não significava que era igual ao Luteranismo, para que os alunos não confundissem o pensamento religioso de cada igreja. Para que eles entendessem melhor essa ideia, eu disse que o Calvino mandou perseguir luteranos, apesar de ser igrejas protestantes, não havia união entre si.

Como o tempo estava a passar muito rápido, tive que acelerar na matéria e os alunos tinham essa ideia e estavam muito atentos e eu perguntei se a turma estava a compreender, e eles responderam que sim.

Logo em seguida, apresentei o anglicanismo e salientei um ponto fundamental, se de facto, o nascimento dessa igreja foi devido a ideias teológicas ou políticas salientei que Lutero era doutor em teologia como também João Calvino, mas Henrique VIII, não, O que permitiu essa separação foi devido a um sacramento da igreja católica, o matrimónio.

Pedi à turma para que lessem o Ato de supremacia, presente no manual, e entendessem a figura do rei como chefe máximo desta nova igreja e a semelhança da hierarquia anglicana com a católica. Também falei e outros monarcas ingleses da dinastia Tudor para explicar exatamente a questão se a separação da igreja inglesa com a igreja católica foi por causa da teologia ou pelo poder temporal.

Ao acabar de explicar este ponto, a aula tinha acabado eu não tinha consigo acabar a matéria. Por isso pedi uns quinze minutos a minha orientadora para finalizar a matéria e ela permitiu e aconselhou-me a clarificar melhor a questão da interpretação da Bíblia no catolicismo, porque o manual diz que a interpretação bíblica na igreja católica é feita pelo papa, mas as ideias originais e fundamentais tiveram a sua origem com os Doutores da Igreja e o Papa deveria garantir que esses dogmas e normas eram aplicados na igreja e foi o que eu fiz.

Na segunda hora, como tinha quinze minutos, salientei o ponto já referido e pedi à turma para abrir o manual no dossiê da matéria que tem um esquema com todos os dados sobre a matéria e o pensamento de cada igreja, o que era muito bom e nesse momento eu fiz uma síntese da matéria e fiz uma comparação de cada igreja com a turma e fazia perguntas para saber se eles tinham entendido.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Depois disto eu encerrei a minha e fiz uma pergunta à turma, que foi “Como a igreja católica reagiu diante da Reforma Protestante?” e a turma disse que a igreja Católica não aprovou essas mudanças e eu perguntei se eles queriam saber, e eles responderam que sim e eu disse que a professora iria responder a essa questão e a turma gostou e assim acabou a minha aula.

A aula foi muito boa, mas há certas que é preciso ter cuidado que são alguns mais fundamentais.

A primeira crítica seria no controlo do tempo. Como visto na descrição da aula, eu dei muito tempo para a correção do trabalho de casa e síntese da matéria da aula, esperando que pudesse ser resolvido nos dez primeiros minutos de aula, o que ultrapassou muito, o que permitiu que não desenvolvesse tanto o calvinismo e o anglicanismo, sendo eles muito importantes na compreensão da matéria.

O segundo ponto seria o fato eu ter sido mais expositivo pelo facto de não ter controlado bem o tempo, o que não permitia que desse muito espaço para os alunos participarem ou falarem, porque estavam atentos ao que eu ia dizer, mas isso aconteceu mais nos quinze minutos da segunda hora.

De resto, a aula correu muito bem e no final da aula, algumas alunas aproximaram-se de mim e fizeram perguntas sobre a matéria e disseram que tinham gostado muito destas duas aulas e que estavam a começar a gostar muito de História, o que me deixou muito feliz e dessa forma encerrou a aula.

1.4 Aula 4 11ºE

Sumário: A expansão das igrejas protestantes :o calvinismo e o anglicanismo

Esta aula foi a última que abordei a Reforma Protestante, e eu não queria cometer os mesmos erros que tinha cometido na aula anterior, por isso organizei as ideias essenciais da matéria sobre o sacerdócio universal e dei mais foco ao calvinismo e ao anglicanismo.

O primeiro ponto que deixei organizado foi a duração da síntese da matéria e da correção do trabalho de casa, que na outra turma tinha sido demasiado longo, o que não permitiu aprofundar a matéria necessária. Por vezes, os alunos estão interessados na matéria que ao responder tudo pode acabar por tomar muito da aula, portanto a minha função

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

nessa era de conduzir a matéria de acordo com a minha vontade, dando sempre espaço para o aluno tirar as suas dúvidas, mas controlar da melhor forma de como deveria ser gerido a aula.

Outro ponto que queria utilizar como recurso didático para síntese da matéria era o quadro. De facto, tinha utilizado várias os PowerPoint ou fazia perguntas aos alunos, mas a utilização de outros recursos era fraco e por isso queria utilizar o quadro, contudo eu não tinha experiência com o quadro, o que permitiu que eu antecipadamente deixasse as ideias bases para escrever e apresentar aos alunos.

Entrei na sala de aula e comecei por cumprimentar os alunos. Da mesma forma que havia pedido para o D fazer um trabalho de casa, eu também pedi para que esta turma também o fizesse. Perguntei quem tinha feito o trabalho de casa e por surpresa minha, a maioria da turma o tinha feito. Digo que foi uma surpresa porque no ano anterior, a boa parte da turma não fazia os trabalhos de casa, somente poucos alunos, aqueles que tinham mais interesse e pelo facto da maioria da turma ter feito o trabalho de casa tinha sido muito bom, porque demonstra que estavam mais conscientes da sua responsabilidade como alunos e também mostrava que tinham gostado da matéria.

Durante a correção do trabalho de casa, os alunos cometeram quase os mesmos erros que a outra turma, que é na utilização dos documentos. A pergunta presente no manual, pedia que se colocasse na resposta um documento, mas os alunos assim não o fizeram, no qual tive de chama-los a atenção por isso, para que tivessem atento a esse tipo de situação.

Outro ponto que foi diferente da outra turma foi o facto de não complexificar as respostas. Enquanto que a turma D quer mostrar que sabe a matéria e por isso ao desenvolver o tema acaba por não responder o tema, já esta turma fica restringida à pergunta, mas de uma forma muito simples, demasiado simples. Os alunos acabam por não utilizar os conceitos necessários e tem muita dificuldade na escrita o que torna os textos deles muito confusos. Mas, ouvi ótimas de certos alunos e ajudei os na questão da linguagem.

Na correção, pedi a alunos que não participavam para que pudessem ler as suas respostas e de facto nessa confiança nos alunos, percebi que eles estavam mais motivados a querer participar e trabalhar e alunos que não participavam tanto, já o queriam fazer. Claro que pedi que todos que quisessem podiam dar as suas respostas e eu ia corrigindo

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

e ajudando-os, ou usava um determinado ponto e fazia uso dele para explicar uma parte da matéria para que ficasse bem presente nas memórias dos alunos.

Após a correção comecei por fazer o resumo da matéria da aula passada com os alunos. Eu fazia as questões e os alunos respondiam, de facto fiquei muito contente por que a maioria ainda se lembrava da matéria que havia sido transmitido.

Desta vez, eu queria controlar melhor o tempo e por isso decidi que deveria entrar logo na matéria para que não acontecesse o mesmo que aconteceu na aula passada com o D.

Comecei por falar sobre o sacerdócio universal, e um aluno perguntou o que isso significava e eu respondi que todo o crente, segundo Lutero era um sacerdote, mas era necessária uma hierarquia eclesiástica para conduzir a igreja. Alguns alunos inicialmente, não conseguiram compreender bem esta questão e pediram se eu podia voltar a falar nesse ponto, porque não compreendiam a diferença entre o sacerdócio que correspondia à questão espiritual e a hierarquia eclesiástica que era diferente da igreja Católica que deveria guiar a igreja.

Nesta turma, eu não havia explicado tão bem a expansão das igrejas protestantes, por isso queria deixar esse momento para o final da aula, porque já teria explicado como era constituído cada igreja e fazer um quadro de comparação presente no manual com a turma.

Em seguida, comecei a abordar o Calvinismo e mostrei a cronologia presente no PowerPoint, para que a turma tivesse a ideia de tempo, percebendo que a formação das novas igrejas ocorreu tudo no mesmo período.

Expliquei à turma que a base do Calvinismo era a predestinação absoluta e que Lutero também acreditava na predestinação e após eu ter dito isso, a turma ficou confusa em dois aspetos, primeiro em relação à ideia de predestinação, além de terem dificuldade em explicar o significado do conceito, não entenderam como era possível, segundo que Deus escolhesse uns para salvação e outros para a condenação. Tive que relembrar que estávamos a trabalhar com história e não com a nossa fé e que era simplesmente uma outra visão teológica em relação à salvação. E o segundo aspeto que a turma também ficou era como Lutero acreditava na predestinação, visto que falamos que a salvação vinha somente pela fé. Confesso que achei uma excelente dúvida por parte da turma e

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

expliquei que a predestinação segundo Lutero, era o momento que Deus chama o homem para ama-lo, mas invés de ser seletiva como Calvino, era universal.

Como consegui ser rápido na correção do trabalho de casa e na síntese da matéria da aula passada, permitiu que eu tivesse mais tempo para abordar este tema.

Depois analisei documentos do manual com a turma, aliás analisei mais documento sobre esta matéria do que na outra turma e a turma analisou um pequeno texto de Calvino que comprovava a predestinação absoluta e outros documentos sobre a hierarquia na igreja calvinista, que na minha opinião, eu podia aprofundado muito mais.

Após a explicação do Calvinismo, salientei a expansão do Calvinismo pela Europa, dando destaque para as Províncias Unidas e para a Escócia de John Knox e a criação da igreja presbiteriana e dos puritanos. Expliquei também que essa predestinação era usada por grandes comerciantes como o ideal da predestinação absoluta, porque eles eram ricos e essa riqueza era comprovada pelo facto de serem eleitos por Deus e que a igreja deveria expandir para revelar os filhos de Deus.

Em seguida, apresentei a igreja anglicana e foi nessa altura que utilizei o quadro, mas primeiro quis apresentar as conjunturas que permitiram a separação e formação de uma nova igreja protestante.

Após esta explicação, utilizei o quadro para escrever a questão da existência desta igreja, se foi um ato espiritual ou temporal. Por isso, utilizei o PowerPoint e o quadro para explicar essa conjuntura.

Escrevi todos os nomes dos reis a seguir de Henrique VIII até Isabel I e a cada monarca eu descrevia os modelos teológicos que estavam em formação na igreja anglicana. A turma não conseguia compreender esse fato, como era possível, o monarca inglês poder mandar matar as suas mulheres e uma aluna pensava que se eles casaram era suposto, segundo ela, eles gostarem um do outro. Eu expliquei que o conceito de amor nesta altura, era comum não existir num casamento, visto que o que importava era as alianças com outros estados europeus.

A turma não entendia como um rei podia ser luterano e a rainha Maria Tudor ser católica e por fim Isabel I ser Católica e Calvinista e eu expliquei que a formação da igreja anglicana não foi por uma questão espiritual, mas sim temporal, por isso que as bases do anglicanismo só foram firmadas no reinado de Isabel I.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

De salientar que a minha aula era somente de uma hora, mas ainda dei um pouco da segunda hora e quando acabei de falar, eu perguntei à turma como a igreja católica reagiu perante toda esta questão teológica e a turma disse que mau e eu perguntei, quais foram as medidas que a Igreja Católica tomou e não os deixei responder porque disse quem iria dar essa parte seria a minha orientadora. Os alunos tiveram uma reação muito boa, até o aluno mais agitado, disse “Professor, excelente aula” e eu isso deixou me muito contente e assim encerrou mais uma aula.

Em conclusão, esta aula correu muito e fiquei contente por ter corrido bem. É preciso salientar que esta aula foi a última que abordei sobre a reforma protestante. Além disso, também usei o quadro, mas eu dei alguns erros por falta de experiência, as letras eram muito grandes, mas a aula correu muito bem.

1.5 Aula 5

11ºD

Sumário: A Restauração Portuguesa: os antecedentes e a luta pela independência nacional.

Como todas as aulas, esta também foi importante, porque foi a partir desta aula que comecei a mudar as minhas estratégias e também por ser a aula que o meu professor, Miguel Monteiro foi assistir a minha aula e posso dizer que foi uma aula diferente pelas suas circunstâncias.

Como as demais aulas, havia pessoas a assistir, no meu caso, tinha dois colegas de estágio, mais a minha orientadora e o professor e ainda por cima devido à pandemia alguns alunos não puderam estar presentes, e ainda por cima a aula que o professor foi assistir foi de turnos, mas isso ocorreu pelo fato de não saber o futuro das escolas, por isso para o professor ter a oportunidade de assistir a minha aula, foi pedido pela minha orientadora que o professor assistisse essa aula. Para acrescentar a matéria que dei não era uma matéria de aprofundamento, mas sim um tema de introdução para o Absolutismo Português, nem consta no programa.

A aula era de turnos, mas mesmo assim a aula aconteceu. Cumprimentei a todos, e escolhi esta turma por serem muito participativos e o professor coordenador ia assistir somente a primeira hora, porque a matéria seria a mesma no segundo turno.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Visto que era um tema que não é desenvolvido no programa e nem no manual, procurei vários instrumentos educacionais como PowerPoint, excertos de livros de História de Portugal para analisar com a turma, vídeos e também o quadro, para ser uma aula interativa.

Comecei a aula por apresentar o professor Miguel Monteiro à turma e disse que todos podiam estar relaxados e que há aulas que eles são avaliados, neste caso, eu é que seria avaliado, mas que todos podiam continuar a ser participativos e comportar como sempre o fizeram.

Depois das apresentações perguntei à turma o que eles sabiam sobre a Restauração portuguesa e surpreendentemente, muitos não sabiam sobre este evento, exceto um aluno que disse que foi em 1 de dezembro e eu aproveitei aquele ponto para começar a dar a matéria.

Mostrei em seguida, um vídeo sobre a Restauração portuguesa e partir daqui começava a matéria e pedi que todos tirassem apontamentos.

Visto que dei a aula no final de novembro, na semana seguinte seria o feriado do 1 de dezembro que é o dia da Restauração, exatamente sobre a matéria que estávamos a dar e eu perguntei à turma que dia que era e eles reponderam e eu perguntei, para a próxima terça será que dia, eles disseram que seria 1 de dezembro e eles entenderam o que eu quis dizer, e eu disse que eles iam entender porque celebra-se aquele feriado.

Mostrei a cronologia e comecei a explicar a Batalha de Alcácer quibir e a crise dinástica após a morte de D. Sebastião e o Cardeal D. Henrique e comecei a apresentar os candidatos ao trono, sendo o primeiro Filipe II, rei de Espanha da família dos Habsburgos e perguntei se alguém sabia o que eram os Habsburgos e muitos não souberam responder, apesar do meu colega do segundo ano já ter mostrado quem era esta família. Depois os outros candidatos como Catarina de Bragança e D. António Prior do Crato e um erro meu foi o fato de não ter referido o que era ser Prior do Crato, algo que só fiz no segundo turno e escrevi no quadro a frase clássica de Filipe II após conseguir tornar-se rei de Portugal e expliquei como o monarca espanhol conseguiu o poder.

Depois expliquei as Cortes de Tomar e perguntei o que eram as Cortes e os alunos responderam de forma incompleta, dizendo que as cortes era uma reunião de homens

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

ricos, mas salientei como era a sociedade de Antigo Regime. Expliquei as medidas da Corte de Tomar e a existência da Monarquia Dual e também as Cortes de Almeirim Santarém.

Também salientei que Portugal tinha um império que não era somente território nacional e expliquei como deu origem à Restauração e disse que foi um golpe palaciano e que eles deveriam ter ideia dos conceitos e que era algo comum nos Estados europeus.

Depois pedi à turma para a turma analisar o quadro a referir o número de convocação de cortes e a realeza do rei na figura de D. João IV. Falei da importância da nobreza e não esqueci de falar que este período de sessenta anos foi chamado de Domínio Filipino.

Expliquei como foi os preparativos para a guerra contra o império espanhol, em duas áreas, diplomacia e militar e como Portugal aproveitou para o golpe palaciano, enquanto Espanha estava em duas guerras. Falei das alianças que Portugal procurou para afirmar a sua independência a nível internacional como a Inglaterra e a França. Uma aluna falou de outro aliado que foi a Suécia e disse que ela estava correta e dei-lhe os parabéns. Expliquei o fortalecimento das fortalezas em território nacional, visto já ter um grupo diplomático no exterior. E foi conhecida como a Guerra da Restauração.

Depois disso comecei por analisar com os alunos sobre este evento e perguntei qual era o título de D. João IV e a turma não sabia e eu disse qual era e a turma compreendeu e disse que D. João IV já tinha títulos como Piedoso, Magnânimo que depois vão pertencer a reis magnânimos.

Na análise de documentos a turma entendeu as razões para a Restauração portuguesa. Mostrei um mapa com as principais batalhas e acabei com a assinatura do Tratado de Madrid em 1668 e que ali acabava a Restauração e pergunteis e alguém tinha dúvidas, fiz uma síntese da matéria.

Após a síntese, acabei a aula em que o professor Monteiro assistiu.

1.6 Aula 6

11ºD

Sumário: A sociedade portuguesa do Antigo Regime: Tratamentos e valores

O Absolutismo Joanino.

Esta foi a aula após a visita do meu professor coordenador de curso e pelas críticas que ouvi, nesta aula eu procurei melhorar a minha prestação dentro da sala de aula. Queria dar mais espaço para os alunos responderem, como também queria fazer as perguntas corretas para que os alunos pudessem responder. Além do mais o meu principal objetivo era analisar documentos, porque é uma dificuldade que os alunos demonstraram durante a correção do trabalho de casa, respondem bem, mas não usam os documentos. No teste, ocorreu a mesma situação, muitos alunos perderam pontos porque não usaram os documentos, por isso eu nesta aula queria que fosse uma aula de análise de documentos.

Mas também nesta aula de duas horas queria bordar a sociedade portuguesa do século e introduzir o absolutismo joanino, na questão política e as outras aulas seriam sobre a cultura no reinado de D. João V.

A aula também não foi somente análise de documentos, embora foi o principal, mas para deixar os alunos mais interessados, eu tinha um vídeo da escola virtual. Alias, os vídeos da Escola Virtual ajudaram me bastante em todas as aulas devido a ter vídeos curtos e objetivos, funcionou como introdução desta aula. Também utilizei o quadro para marcar certas informações que ajudam nos apontamentos dos alunos.

A aula começou quando entrei na sala de aula.

Comecei por fazer um resumo da matéria da aula passada com os alunos, eu fazia as perguntas e os alunos respondiam, se estivesse algo mau eu corrigia. Quis relembrar com eles os nomes das dinastias porque ainda havia alunos que não sabiam os nomes das dinastias portuguesas, ou alguns alunos ainda dizem que o terceiro é o povo, são detalhes que são importantes e que a turma deve aprender.

Como era muita matéria decidi ser bastante objetivo. Queria explicar como era

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

organizado a sociedade portuguesa do século XVII e a formas de tratamento. Queria que a turma entendesse que as formas como se tratava uma pessoa era diferente do grupo social que estava colocado.

Mas primeiro, eu expliquei à turma que existia uma diferença entre a sociedade de antigo regime francês e a sociedade portuguesa, apesar de estarem no mesmo modelo político, a mentalidade é diferente.

Por isso pedi para que a turma analisasse um documento presente no PowerPoint de Vitorino Magalhães Godinho para demonstrar a mentalidade portuguesa da altura e a turma ficou surpreendida como era o pensamento daquelas pessoas, neste caso de um nobre.

E mostrei à turma noutro documento do manual, os títulos que deveriam dar a um nobre ou a clérigo e a turma demonstrava estar bastante interessada porque percebiam as formas de tratamento. Expliquei que atualmente as relações e formas de tratamentos também continuam e dei o meu caso de professor, que o aluno não pode falar como bem entende para o professor.

Em seguida, expliquei os problemas desta sociedade portuguesa e de facto foi um momento que os alunos ficaram chateados, não comigo, mas sim quando ia explicando a matéria, eles consideravam que os portugueses tinham cometido muitos erros, principalmente com o comércio internacional, mas mais uma vez, eu expliquei que era uma questão de mentalidade e direitos.

A turma sabia bem como era a sociedade de antigo porque já tinham aprendido com o meu colega, Tiago e por isso para eles era algo que tinham presente, mas entenderam como surgiu o cavaleiro mercador, o excesso de clérigos no reino ou predominância dos nobres na administração do reino.

Esta parte da sociedade ocupou grande parte da aula e também mostrei vídeos para a que a turma entendesse.

Depois comecei a introduzir o Absolutismo português e lembrei da queda da convocação de Cortes em Portugal e comecei por falar da nova administração central que começou a ser alterada no período da Restauração, no reinado de D. João IV e que D. João V criou as secretarias de Estado e foi exatamente com esse propósito que expliquei

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

esse processo.

A turma compreendeu tudo o que foi dito e perguntei se alguém tinha dúvidas e todos responderam que não. Fiz a síntese da matéria e assim a aula acabou.

1.7 Aula 7

11ºD

Sumário: Absolutismo Joanino: luxo e ostentação

A aula tinha sido boa, mas esta aula eu queria que fosse mais viva, exatamente pelo tema que ia abordar, enquanto que a matéria da aula passada era política e social, neste caso queria abordar uma questão mais cultural, no qual pudesse chamar a atenção da turma perante a matéria.

Também devido à aula anterior ter abordado mais questões sociais e de mentalidade, nesta queria falar dos principais eventos que ocorreram durante o reinado de D. João V, por isso iria usar o quadro para essa questão.

Também algo que comecei a fazer nestas aulas foi de levar livros de História sobre a matéria para os alunos para que pudessem estudar em fontes confiáveis. A necessidade de levar esses livros partiu do momento que numa das aulas, o professor João Couvaneiro falou que o professor é um exemplo para o aluno, de como se deve comportar, falar e até mesmo nos livros. Se um aluno não tiver alguém que o incentive a ler na sua casa, o professor deve fazer esse papel de inspirar o aluno a ler e visto que, daqui a pouco tempo, esses alunos vão estar numa faculdade e devem aprender a pesquisar pelos livros certos e por isso eu já queria começar a mostrar isso à turma, com a aprovação da minha orientadora.

Comecei a aula por cumprimentar a turma e ditar o sumário. Todos estavam muito quietos e a prestar atenção no que eu estava a dizer e também eles estavam mais à vontade comigo.

Fiz uma síntese com a turma sobre a matéria da aula passada e perguntei se alguém tinha alguma dúvida e todos responderam que não.

Após isso peguei o giz e comecei a escrever um título no quadro, a dizer quais são os eventos que marcaram o reinado de D. João V.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Na aula anterior eu tinha referido de modo muito breve a Guerra de Sucessão de Espanha e foi logo o primeiro ponto que eu destaquei e escrevi esse ponto no quadro e perguntei à turma o que eles sabiam sobre evento, muito não conseguiram responder, então expliquei cada ponto e eu ia registrando no quadro.

Falei dos candidatos ao trono espanhol e analisei as alianças políticas e militares. A turma estava atenta, mas em certo momento os alunos ficaram confusos com os dois candidatos e os respetivos apoiantes. Eu expliquei para que não houvesse dúvidas, porque não tinham entendido bem quem tinha sido vitorioso e a razão para isso. Também pensaram que Portugal tinha apoiado a França e não perceberam porquê. Portugal era partidário do candidato austríaco e eu abordei com maior detalhe, o sistema de alianças em causa segundo o qual Portugal era aliado de Inglaterra e a Inglaterra apoiava a Áustria. Falei da diplomacia portuguesa e do tratado de Utreque destacando o papel relevante que a primeira desempenhou no “xadrez” político europeu de então.

O segundo ponto referiu-se às relações com a Santa Sé que permitiu que o monarca português recebesse o título de O Piedoso, visto que todo o rei absoluto tinha de ter um título conferido pela Santa Sé.

O terceiro ponto foi sobre a análise da entrada do ouro do Brasil e as suas consequências. Perguntei qual foi o estado brasileiro que foi criado devido à extração do ouro e a turma não soube responder. Então eu disse o nome do mesmo: Minas gerais. Nessa altura a turma percebeu a lógica da questão.

O quarto ponto foi a assinatura do Tratado de Madrid. Para abordar esta questão, deveria ter colocado um mapa para os alunos entenderem melhor o que estava em jogo, mas segundo eles, compreenderam o que eu disse.

Seguidamente comecei a falar da cultura e apresentei um livro de História do historiador Joaquim Veríssimo Serrão. A turma ficou surpreendida ao ver o tamanho do volume, mas depois perceberam que era somente um volume de vários que constituam a totalidade da obra. Aproveitei para explicar que será fundamental eles lerem livros. Acerca da questão dos livros, quando falei da criação da Academia Real de História, mostrei um escrito pela historiadora, Maria de Fátima Reis e editado pela academia de História, cuja fundação remonta a 1720 e continua em atividade ainda hoje.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

No final mostrei no PowerPoint, a biblioteca da Universidade de Coimbra e a turma ficou surpreendida com todo o luxo da instalação. Então expliquei que D. João V veio a dar grande importância à cultura para que Portugal fosse reconhecido pelos grandes Estados Europeus. Até brinquei dizendo que qualquer aluno gostaria de estudar naquela biblioteca.

No final da aula, mostrei os coches à turma e falei da embaixada que tinha ido a Roma e tinha deslumbrado pelo luxo. Todos os alunos gostaram bastante.

Depois devido ao pouco tempo, fiz uma síntese da matéria, e perguntei se todos tinham dúvidas e encerrei a aula.

1.8 Aula 8

11ºD

Sumário: Viagem online ao Palácio Convento de Mafra

Esta aula foi muito especial, porque acredito que foi do mesmo nível do que as aulas da Reforma protestante. Embora tenha sido uma aula de apenas uma hora, foi uma aula que a turma estava interessadíssima e fazia várias questões sobre o assunto.

Também foi uma aula especial porque usei uma plataforma digital da Google, chamada de Google arts and culture, que permite uma visita virtual ao Palácio Convento de Mafra, embora não mostrasse tudo, já dava para ver o essencial e além do mais, eu tinha dois vídeos para passar, no qual só consegui passar um que era uma reportagem da TVI sobre o tema da aula. Também tinha fotos do palácio e do jardim para que a turma pudesse compreender de fato o valor desta construção,

Também como já estava a fazer nas aulas anteriores, levei livros para que eles tivessem um apoio para o estudo, mas desta vez, um dos livros que levei era um romance histórico que retratava bem o tem, que era a obra de José Saramago, Memorial do convento.

Além disso, tinha documentos para analisar com a turma, seja do manual ou do PowerPoint para mostrar as razões que levaram o monarca a pedir para construir o convento para treze frades.

Mas antes de entrar propriamente na visita, no início da aula eu perguntei quem já tinha visitado o Convento de Mafra e poucos disseram que tinham ido, então eu disse que

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

íamos fazer uma visita de estudo, mas que eles não precisavam de sair da cadeira, que ia ser uma visita online e após isso ditei o sumário.

Fiz uma síntese da matéria com a turma e perguntei se alguém tinha dúvidas e todos responderam que não.

Comecei por falar primeiro antes do início da visita virtual sobre as academias, porque vai ser um tópico importante quando a turma trabalhar o iluminismo, por isso, comecei por falar sobre as três principais academias deste período como a academia dos Retóricos. A cada academia que ia salientando, eu escrevia no quadro e perguntei à turma se uma pessoa do terceiro Estado podia participar dessa academia e eles responderam que não. Eu disse que esta academia era formada por nobres e clérigos.

Também sobre as academias perguntei o que era um patrono e a turma não soube responder corretamente e depois eu expliquei. Mostrei mais uma vez o livro da professora Fátima Reis e disse que o Duque de Ericeira era um grande patrono das artes e da cultura e disse que o guarda mor da Torre do Tombo também estava na academia de História e perguntei se alguém sabia onde ficava a torre do Tombo e um aluno rapidamente respondeu corretamente.

Em seguida, falei da construção do Aqueduto das Águas Livres e da sua importância.

Após isto, comecei a falar do Palácio Convento de Mafra e por isso mostrei um vídeo de cerca de sete minutos da TVI. Pedi que a turma estivesse atenta e tirasse apontamentos. Depois da visualização do vídeo, comecei a fazer perguntas sobre o vídeo e mostrei o livro de José Saramago. Pedi que a turma tivesse cuidado para que não confundissem esta obra com uma obra histórica, que era simplesmente, um livro que acrescentaria cultura para os alunos.

Depois mostrei umas fotografias do palácio e perguntei qual foi a principal influência para a construção do convento e do jardim e a turma no primeiro instante não soube responder, mas depois de algum tempo a pensarem disseram que era o Palácio de Versalhes, eu disse que estava correto.

Em seguida, a turma analisou um excerto presente no PowerPoint, a amostrar a real razão da construção do Palácio Convento e falei da história que o rei queria um

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

herdeiro e não conseguia e por isso fez uma promessa de construir um convento para treze frades que rapidamente aumentou o número.

Falei também ao apresentar onde os enfermos ficavam, o quarto do rei e da rainha e as alunas da turma pensavam que os reis dormiam juntos e eu disse que não existia amor num casamento, que era feito por dois motivos, para ter filhos e firmar alianças.

Mostrei também a biblioteca e a turma ficou supressa com a quantidade de obras que a biblioteca possuía, também mostrei a basílica, as estatuas presente na igreja feito por escultures italiano.

Por fim, por causa do tempo, perguntei à turma se todos tinham entendido e passei um trabalho de desenvolvimento para a turma e mostrei os tópicos que deveriam estar presentes e queria em papel e que depois enviaria para todos os tópicos que deveriam seguir e a data de entrega e depois disso deia a palavra para a minha orientadora.

1.9 Aula 9

11ºD

Sumário: A Europa dos Paramentos: a recusa do absolutismo na sociedade inglesa.

Esta foi uma aula especial, visto que tive pouco tempo para me preparar, mas recebi ótimos elogios por parte da minha orientadora.

Foi uma aula que não estava programada. Inicialmente era para dar uma aula sobre o mercantilismo, mas devido à escolha do tema do meu relatório final, a professora trocou a ordem das aulas e esta matéria seguiu-se ao Absolutismo joanino. Então tinha de criar uma estratégia de uma hora para conseguir dar uma matéria muito importante, porque conceitos políticos como parlamento eram fundamentais.

Não dei a parte de John Locke e a fundamentação do parlamento através da obra Tratado do Governo Civil, porque a minha orientadora quis encarregar-se dessa parte, visto que tem mais conhecimento do que eu em ciência política. Eu deveria dar a recusa do absolutismo na Inglaterra de uma forma geral e como já referido tinha somente uma hora para abordar a questão. No entanto, foi suficiente.

É necessário dizer que nesta aula, teria que abordar factos muitos importantes. Por isso decidi que utilizaria basicamente o quadro e a dado momento mostraria um Power-Point muito simples para apresentar a cronologia, um quadro de Guilherme, duque de

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Orange e um mapa da Grã-Bretanha para que os alunos tivessem ideia do espaço geográfico.

Como já dito nas descrições de outras aulas, nesta também quis apresentar bibliografia para a matéria lecionada; por isso levei um livro em inglês que foi a base do meu estudo. Na aula anterior a professora pediu-me para introduzir a matéria dez minutos antes de tocar e quando apresentei o livro, a turma ficou espantada. Um aspeto que os intrigou foi o tamanho do livro, facto que os levou a sentir curiosidade sobre eu ter lido a obra. Senti que alguns estavam ligeiramente incrédulos. Eu disse que eles passariam na faculdade a ler livros que não estão em português e por isso deveriam aprender bem o inglês. Perguntei quem era bom em inglês e a turma apontou para um aluno. Todos disseram que ela era a melhor da turma nessa disciplina e eu perguntei se o resto da turma tinha tirado boas notas em inglês. Então a maioria disse que não. Uns disseram que era mais ou menos e outros afirmaram que eram maus.

Depois desta informação eu incentivei-os a estudar inglês, a lerem livros para terem conhecimento de obras históricas ao invés de acederem aos sites que encontram na internet. A turma também ficou surpreendida quando a minha orientadora disse que na faculdade não havia manuais. Este foi o momento que os alunos ficaram espantados, porque acreditavam que na faculdade teriam manuais. Eu completei as afirmações da minha orientadora esclarecendo que a forma de eles estudarem seria, neste caso, através dos livros. Foi interessante reparar na perplexidade que os invadiu.

Por isso, no início da aula apresentei a bibliografia relativa à matéria e coloquei o PowerPoint mostrando as principais figuras deste evento. Perguntei-lhes se conseguiam identificar alguma das figuras e pensei que a turma iria identificar o Olivier Cromwell, mas não conseguiram. Facto que me espantou porque julgava que pelo menos este era conhecido. Disse que no decorrer da aula eu iria explicar a importância das figuras que estavam apresentadas.

Pedi aos alunos que estivessem atentos porque os nomes dos reis que tentaram implantar um regime absoluto em Inglaterra eram quase os mesmos e indiquei os nomes dos monarcas da dinastia de Stuart.

Comecei por falar de uma crise dinástica após a morte de Isabel I, da família dos Tudor e a nomeação de Jaime VI da Escócia como Jaime I de Inglaterra iniciando uma nova dinastia na monarquia inglesa.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Para explicar como surgiu a recusa do absolutismo perguntei à turma quais áreas que a História estuda. A turma não estava a responder e passado alguns segundos, eu disse política. Então peguei no giz e escrevi o título da aula: “política”. Expliquei seguidamente as razões políticas que levaram à recusa do absolutismo.

Em seguida, um aluno disse “social” e eu escrevi social no quadro. Perguntei porque é que eles falaram da sociedade do antigo regime, lembrando que a sociedade inglesa era diferente da francesa. Referi-me então à gendry explicando o que era este grupo. Pretendi fazê-los compreender as diferenças entre esta nobreza rural e a nobreza que estava presente na corte do rei. A Gendry apoiava o Parlamento, enquanto que a outra apoiava as ideias absolutas perfilhadas pelo rei. O campo social estava entrosado com o campo económico como se verá no desenvolvimento da crise desencadeada após o monarca querer que a gendry pagasse o imposto conhecido como ship Money que era algo que só as cidades costeiras deveriam pagar. Depois um aluno disse “militar”, e eu afirmei que estava certo. Falei então da guerra civil, abordando igualmente os eventos já referidos. Seguidamente abordei a morte de Carlos I com a aprovação dada pelo Parlamento, apesar de tal sentença não ter tido a aprovação unânime do povo. Voltando à política falei da República de Cromwell e nesse momento aproveitei para explicar um conceito que aparece no manual que é o conceito de ditadura no período de Cromwell, eu disse para a ter cuidado com esse conceito e queria seria melhor eles utilizarem para as ditaduras do século XX.

Em seguida, abordei a questão religiosa e falei da igreja presbiteriana que surgiu na Escócia e dos puritanos. É preciso salientar que quando abordei a análise da república de Cromwell eu disse que nem sempre um estado que declara ser uma república de facto o é. Afirmo que foi um período em que supostamente o parlamento deveria ter mais poder, mas Cromwell encerrou-o e tornou-se Lord Protetor. Expliquei quais eram as bases teológicas dos puritanos em confronto com a igreja católica, porque os opositores dos reis Stuart eram puritanos, enquanto esses reis eram anglicanos ou católicos. Por isso referi que a recusa do absolutismo também foi feita por razões religiosas.

Outro tema que destaquei foi a Commonwealth. Apresentei o mapa presente no PowerPoint e, por fim, falei da Revolução Gloriosa, com a entrada de Guilherme de Orange e a sua mulher como os novos reis de Inglaterra. Perguntei à turma se tinham compreendido e todos disseram que sim. Dessa forma encerrou-se a aula.

Foi uma aula que correu muito bem, porque a turma participou bastante e certos erros que eu cometi como ser demasiado expositivo, nesta aula não se verificaram. Os alunos é que ajudaram na construção do conhecimento, por isso fazia perguntas que os ajudassem a pensar. Saliento que também já estava a sentir-me muito mais à vontade pelo facto de dar aulas seguidas e de ganhar o ritmo adequado. Também acabei por gostar bastante de utilizar o quadro porque ajuda a sintetizar a matéria.

1.10 Aula 10

11ºE

Sumário: O absolutismo joanino: poder e cultura.

Esta foi a última aula que dei neste bloco didático; por isso era algo especial pra mim. Como todas as aulas já aqui descritas, esta também foi um desafio, não só pela matéria que havia lecionado à turma D, como também pelo tempo e a quantidade de matéria que deveria transmitir. Por isso posso dizer que não há aulas iguais porque, apesar do conteúdo ser o mesmo, as turmas são diferentes e a forma como os alunos encaram a matéria também o é.

O grande desafio desta aula foi falar de D. João V numa hora. Enquanto que na turma D dispus de três horas, neste caso teria que dar a mesma quantidade de matéria em menos tempo. A síntese tinha de ser algo bastante presente nesta aula, embora não pudesse esquecer que ela não devia ser expositiva e que de alguma forma teria de ser uma aula em que a turma pudesse participar para compreender de forma clara tudo o que estava a ser transmitido.

Inicialmente, pensei adotar o mesmo método da aula em que falei sobre a Recusa do Absolutismo na sociedade inglesa; todavia depois percebi que esse não seria o melhor método visto que a turma era diferente. O meu plano era utilizar o quadro, fazendo análise de textos do manual, que é algo comum nas minhas aulas. Apresentei igualmente um vídeo sobre o Palácio-Convento de Mafra, o mesmo que utilizei na aula virtual com o 11ºD e o PowerPoint. Além disso, pensava que podia levá-los a responder a uma pergunta inserida no manual que depois corrigiria com a turma. Isto se sucedeu porque a minha orientadora disse-me que podia ter mais dez a quinze minutos.

Cada aula com a Turma E é sempre de duas horas e eu e minha orientadora íamos dividir o tempo, cabendo uma hora para cada um. Eu daria o primeiro tempo, mas a minha orientadora tinha que corrigir um exercício com os alunos, o que no planeamento seria

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

feito nos primeiros dez a quinze minutos de aula. Depois eu dava uma hora de aula. Enquanto isso, a professora juntamente com o meu colega estariam a corrigir a ficha da turma D e quando eu acabasse a minha uma hora, iria corrigir a ficha com o meu colega do primeiro ano enquanto a professora daria o resto da aula.

Fiquei contente porque era um sinal de confiança por parte da minha orientadora em relação a mim e aos meus métodos pedagógicos, mas o plano não correu como o previsto. Primeiro, a professora ia corrigir o trabalho de casa rapidamente, mas isso não acabou por acontecer, porque começou um debate em relação à situação covid-19 e se de facto as escolas iam fechar ou não. Portanto tive de explicar bem esta situação, visto que alguns alunos já pensavam que iam para casa. Este esclarecimento tomou muito tempo de aula. Ainda por cima, tinha de corrigir o trabalho de casa, pelo que quando a professora terminou, eu só tinha 10 minutos antes do intervalo. Naturalmente que fiquei com todo o segundo tempo, mas já tinha “fugido do plano original”. Segundo, tive que escolher os métodos adequados visto que não conseguia aplicar todos que previamente tinha pensado usar.

Devido ao tempo, tive de preencher os últimos dez minutos da primeira hora e por isso decidi apresentar os livros que estudei para dar aquela aula. O propósito foi o mesmo do trabalho que fiz na outra turma, ou seja, a apresentação de uma bibliografia para que os alunos pudessem estudar. De facto, quando apresentei a obra do historiador português Joaquim Veríssimo Serrão, os alunos ficaram logo surpresos e outros alarmados porque não esperavam que o livro fosse tão grande e ainda por cima por ser um dos vários volumes da História de Portugal escrita pelo autor. Porém tive de lhes explicar que a leitura é fundamental, principalmente se for de obras que abordam as matérias estudadas por conceituados investigadores. Destaquei que, para adquirir a “linguagem histórica”, eram necessários livros de História.

De facto, os alunos nunca estiveram diante desta situação e eu avisei à turma que a leitura seria algo obrigatório para puderem melhorar as notas e também se desejam sucesso no curso profissional ou no ensino superior. Porém eles ficaram mais surpreendidos quando disse que deveriam dar valor ao inglês porque seria também fundamental para os seus estudos. Perguntei à turma se eles eram bons em inglês e somente um aluno me disse que era bom, mas esse deseja mesmo estudar numa universidade alemã e nem sabe o mínimo de alemão. Expliquei que eles vão estar diante de livros e bibliografia que estão

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

escritos em línguas que eles desconhecem. Mostrei um dos livros em inglês que li para dar uma das matérias e a turma ficou surpreendida por esse facto.

Por isso foram dez minutos nos quais a turma aprendeu a necessidade de ler algo além do manual. Então perguntei aos alunos como é que iam estudar se os livros que eles tinham de ler estavam numa língua estrangeira? Uma aluna disse que ia pesquisar em algum site. Isso demonstra que muitos alunos podem ter o mesmo pensamento que esta aluna transmitiu, ou seja procurar em qualquer site da internet que pode contradizer a verdade e estar errado na matéria. Muitos preferem isto a aprenderem uma língua nova; claro que este é um caso específico em sala de aula.

Depois ao verificar o horário percebi que faltavam dois minutos para tocar e por isso mandei os alunos para intervalo.

Quando estavam no intervalo, eu fiquei a corrigir as fichas de avaliação da turma D, depois da professora me ter mostrado os critérios. Após o intervalo, os alunos entraram na sala e rapidamente liguei o projetor e mostrei o PowerPoint. Já que só tinha uma hora para falar do absolutismo joanino decidi apresentar um excerto da obra do historiador Vitorino Magalhães Godinho para explicar a mentalidade da sociedade portuguesa do século XVII. Surpreendente foi o facto de os alunos estarem completamente atentos à aula, não havendo um aluno distraído, o que para mim é muito bom como professor estagiário.

Diante deste excerto, comecei a explicar o conceito de Absolutismo e a visão da altura, segundo a qual nem todos são iguais e pelo facto de não serem iguais, os tratamentos deveriam ser diferentes e que esse tipo de tratamento vigorava até aos dias de hoje. Através do exemplo entre professor e aluno, mostrei que o professor não está no mesmo nível que o aluno em termos de autoridade na sala de aula, porque eu sou o professor e eles os alunos. De facto, a turma entendeu muito bem isso.

Para explicar melhor este modelo de pensamento, dei um exemplo pessoal. Como já foi dito anteriormente, esta turma tem dois alunos brasileiros e outros alunos que são africanos e pelo facto de ser brasileiro, os alunos acharam interessante terem um professor brasileiro. Uns dos alunos acreditava que eu era africano e ficou espantado quando soube que era brasileiro de origem. Ele achou divertido, porque serve como inspiração para eles, o facto de terem um professor jovem e brasileiro. Utilizei o exemplo da bênção da mesma forma que utilizei na outra turma para que eles compreendessem a questão do tratamento

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

em relação a alguém mais velho, neste caso um familiar e os alunos compreenderam bem o exemplo.

É de salientar que a turma estava atenta e muito participativa, exceto um ou dois alunos que ficavam com a cabeça na mesa. Tive de chama-los à atenção, mas com o decorrer da aula, a turma estava tão empenhada que esses alunos que estavam desinteressados passaram a ter curiosidade pela matéria; embora não dissessem nada, pelo menos prestavam atenção ao que estava a ser transmitido.

Após a explicação da mentalidade da sociedade portuguesa do século XVII comecei por propor um desafio à turma e eles perguntaram rapidamente o que era esse desafio. Pelo facto de eu ter apresentado aqueles livros, queria que o “nível da aula” aumentasse, ou seja, pretendia que os conteúdos não fossem apresentados de forma simples, mas que em conjunto com os alunos pudéssemos analisar os eventos que iam caracterizar o reinado de D. João V. Por isso salientei ser necessária a cooperação deles. Grande parte gostou do desafio porque era algo novo para eles. Nunca tinham sido desafiados a pensar além do que os sites ou o manual transmitem. Por outro lado, alguns encaravam com certo receio o repto porque são alunos que só intervêm quando são solicitados ou não gostam mesmo de participar. Mas no decorrer da aula começaram a fazer perguntas.

Então usei o quadro rapidamente para escrever o sumário, que na primeira hora a professora Luísa já havia ditado à turma. Fiz isso para apresentar os principais eventos que caracterizaram o absolutismo joanino e mostrei através do PowerPoint uma pintura do monarca com uma figura mais jovem. Um aluno quando viu a pintura disse imediatamente que o rei português parecia uma dama, o que claro fez com que a turma risse ao ouvir essas palavras facto que chamou a atenção da professora Luísa que estava a corrigir as fichas e ao ver também a pintura, achou muita piada.

Mas quis usar esse exemplo dado por este aluno para eles compreenderem a figura régia e como ela deve ser representada e de que forma o seu poder deve ser respeitado pelos seus súbditos. Por isso usei o exemplo de Luís XIV e da sua famosa pintura que apresenta o monarca francês como tendo pernas de um rapaz jovem. Expliquei que aquelas não eram as pernas verdadeiras do monarca, mas que foram utilizadas modelos, neste caso soldados. Os alunos ficaram logo surpresos pois não esperavam que até na pintura pudesse haver uma “manipulação” do real. Com isto comecei a introduzir o absolutismo joanino.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

A seguir mostrei a cronologia, porém não dei tanto tempo para os alunos copiarem porque comecei a explicar um evento que era fundamental para eles entenderem o absolutismo português: a Guerra de Sucessão de Espanha. Uma das minhas preocupações era como explicar de forma clara uma guerra complexa. Por isso utilizei o quadro e fui explicando a guerra e as suas etapas de forma resumida para que os alunos pudessem acompanhar a posição de Portugal neste cenário político e militar.

Eu queria demonstrar que através desta guerra Portugal adquiriu uma grande importância a nível diplomático, mas não pretendia que eles esquecessem quem foi o vencedor da guerra: Filipe, duque de Anjou, neto de Luís XIV, o que é curioso tendo em conta que Portugal também era uma monarquia absoluta.

Por isso mesmo apresentei os dois principais concorrentes ao trono e fiz uma comparação com a Restauração na origem de uma crise dinástica. Depois perguntei de qual dos dois concorrentes Portugal se tornou aliado: da França ou da Áustria. Os alunos perante esta questão disseram logo em alta voz que era a França. Perguntei o porquê e eles disseram que a França era uma monarquia absoluta e o rei português inspirou-se no monarca francês. Portanto era lógico que Portugal quisesse ser aliado da França.

Elogiei-os pela opinião, de que gostei muito porque estavam a pensar por si mesmos.

Em seguida, perguntei se alguém acreditava que Portugal se tinha tornado aliado da Áustria, e um ou dois alunos aceitaram essa posição, mas sem qualquer argumento, só porque sim. Mas quando disse que Portugal se tornou aliado do candidato austríaco, a turma ficou surpreendida e perguntaram porquê é que Portugal fez isso. Então expliquei a importância das alianças e perguntei qual era o aliado mais antigo de Portugal, e a turma respondeu corretamente que era a Inglaterra. Em seguida disse que a Inglaterra era aliada da Áustria e por isso Portugal também se aliou à Áustria. Uma aluna afirmou que Portugal foi “Maria vai com as outras”. Corrigi e disse para ter cuidado com os juízos de valor e avisei também a turma para não incorrer nestes últimos. Mas usei essa expressão para explicar mais uma vez o sistema das alianças e os seus propósitos que podem alterar-se de acordo com o decurso da guerra.

Inicialmente, eles não compreenderam bem o vencedor da guerra, mas expliquei mais uma vez e no decorrer da aula questionava-os para ver se tinham de facto entendido.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Em seguida registei no quadro, a chegada do ouro do Brasil e tive de salientar que o Brasil não existia como um estado independente na altura, porque na primeira hora, a professora falou do Brasil e uma aluna ficou ofendida no caso do Brasil; por isso tive de fazer essa intervenção para depois não cometerem nenhum erro histórico.

Após falar das relações do monarca português com a Santa Sé referi o modo como D João V conseguiu o título de “Fidelíssimo”. Em seguida, expliquei o Tratado De Madrid, lembrando que o monarca português morreu em 1750 e o tratado foi assinado no mesmo ano, ou seja, foi o último ato diplomático antes da sua morte. Para explicar esta parte, até fiz um desenho no quadro do Brasil, não com a melhor qualidade, mas os alunos entenderam isso. Usei esse método para eles terem uma visão do cenário geográfico e compreenderem as causas que permitiram a assinatura do Tratado entre Portugal e Espanha.

Após a explicação de questões políticas aproveitei o resto da aula para falar da cultura e por isso apaguei o quadro e escrevi a criação da Academia Real de História e perguntei à turma a razão pela qual D. João V dava privilégio à cultura. Os alunos em geral pensavam que o rei fazia isso para mostrar o seu poder absoluto aos portugueses. Gostei muito da ideia, porém realcei o facto de ser mais importante considerar o que já tinha abordado anteriormente, ou seja, a visão internacional, que implicava o reconhecimento por parte dos outros Estados Europeus da importância da monarquia portuguesa. Por isso o monarca português deu prioridade à cultura.

Depois pelo pouco tempo que tinha, mostrei as fotografias da biblioteca da Universidade de Coimbra e a turma ficou surpreendida pelo facto da biblioteca ser revestida de ouro.

Em seguida, mostrei fotografias do Palácio Convento de Mafra e perguntei quem já havia visitado o local e alguns levantaram a mão. Por sinal houve mais alunos que visitaram o convento do que na turma D, o que é muito bom.

Depois disso, encerrei a aula porque já estava a tocar a campainha do intervalo e acredito que foi uma boa aula e a melhor sensação foi no momento em que os alunos saíram da sala para o intervalo. Disseram-me que a aula tinha sido muito boa, e isso é uma experiência fantástica, porque conheço a turma desde o décimo ano e eles não demonstravam tanto interesse como têm apresentado agora pois tornaram-se mais maduros.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

De fato, foi uma aula muito boa e se houvesse uma palavra para caracteriza-la seria “leve”, o ambiente de sala era diferente da sala do D, era um ambiente mais descontraído, mas também de respeito. Utilizei os recursos que costumo utilizar em sala de aula, nomeadamente: o PowerPoint, manual (pedi à turma para ver as fotografias dos coches no reinado de D. João V, eles acharam muito interessante) e o quadro, como também fiz muitas perguntas e deixei-os responder para que a aula fosse dinâmica.

2. A minha opinião das aulas lecionadas

A palavra mais usada até agora neste relatório final para descrever todas as aulas dadas foi a palavra “jornada”. Não só pela quantidade de aulas que dei, mas sim como melhorei de acordo com o avançar do tempo. Certamente disse que as duas primeiras aulas que correspondem ao tema deste trabalho foram as melhores que eu dei, contudo ao longo das descrições deu para compreender a evolução, não no conteúdo científico, porque esse foi algo que dei muito valor, mas sim nas estratégias didáticas.

Neste relatório foram analisadas dez aulas sendo grande parte delas de duas horas. Por isso, foram dadas mais aulas que o estipulado, o que para mim foi fantástico porque permitiu que eu pudesse evoluir. De facto, ter dado aulas seguidas concedeu um maior momento com os alunos e por isso fez com que estes estivessem mais à vontade comigo nas aulas e conseqüentemente participassem mais. Claro que nestas aulas houve erros. Aliás não há aulas perfeitas, mas tive a disposição para ouvir os comentários da minha professora orientadora e dos meus colegas de estágios, cujos conselhos foram fundamentais para mim e na forma como hoje dou aulas. Além da disposição também coloquei em prática o que me foi dito.

Com certeza o início é o mais difícil. Não saber como os alunos iriam reagir perante à exposição da matéria foi algo que me deixava preocupado, por isso procurava vários recursos que pudessem atrair a sua atenção. Porém o meu maior medo não era o conteúdo, porque tinha estudado muito para isso, mas era o facto de ser demasiado expositivo, invés de concentrar o foco das estratégias nos alunos.

Para que a turma estivesse atenta, tinha preparado meios que permitissem que a matéria fosse exposta de forma “divertida” para os alunos. Por isso, procurei em primeiro lugar a ajuda da minha professora cooperante. Fiz linhas conceptuais para deixar organizado os temas que iam ser trabalhados.

Para a organização do trabalho que ia começar com os alunos sobre a Reforma Protestante, queria apresentar a matéria de forma simples, visto que o tema ser mais complexo. O facto de abordar temas religiosos é preciso de um cuidado especial. Uma coisa era abordar temáticas económicas, geográficas ou militares, outra era explicar um assunto que pode tocar nas crenças dos alunos. Por isso, como já fora dito anteriormente, pedi ajuda à minha professora cooperante. Queria saber qual seria a melhor estratégia para

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

realizar esse objetivo. Como já visto na descrição da primeira aula, pedi aos alunos para fazerem separação da sua fé e do estudo do conteúdo científico.

Outro ponto que era preciso especial cuidado era que pontos da matéria que iam ser mais trabalhados, por isso segui o que está determinado no programa de História. Utilizei os conceitos estruturantes e os pontos mais importantes da matéria, porém decidi expandir mais do que o manual exige. Nessa vertente era mais difícil exigir a participação dos alunos já que o tema da matéria era mais complexo. Mas a turma teria a liberdade de perguntar e expressar as suas opiniões. Procurei uma forma que tornava a aula interessante, apesar do tema ser mais difícil de abordar, não significa que não possa ser divertido para os alunos aprenderem. Por essa razão que me sentia receoso em relação à exposição da matéria.

De facto, na primeira aula apesar de ter corrido muito bem revelou o que mais me preocupava que era sobre a exposição. A forma como foi transmitida não deu espaço para que os alunos da turma participassem. A minha professora cooperante disse que muitos alunos da turma D que nem falavam nas aulas, na minha já começaram a participar. A matéria foi algo novo para eles e estes ficaram muito surpreendidos sobre vários pontos do conteúdo científico. Os alunos fizeram muitas perguntas em relação à matéria, muitas delas eram interessantes e era algo que não estava à espera. O ato de fazer perguntas é complexo, porque uma boa pergunta pode suscitar a curiosidade da turma e deixá-los atentos ao que está a ser explicado. Ou pode deixá-los confusos. De facto, nas primeiras aulas, esse aspeto podia ter sido melhor utilizado. Por vezes eu perguntava e respondia quase que instantaneamente, o que é errado. Porque não permite que o aluno tenha tempo suficiente para pensar no que foi perguntado pelo professor.

Os alunos em relação à exposição da matéria foram muito bem. Prestavam atenção e queriam participar. Penso que o facto de a matéria não ter sido transmitida dessa forma para eles permitiu que chamasse a atenção dos alunos. A turma com mais dificuldade foi aquela que foi mais receptiva para ouvir e aprender. Exatamente sobre a curiosidade, que percebi a qualidade das intervenções dos alunos. Uma aluna como já foi descrito nas aulas dadas fez-me uma ótima pergunta demonstrando uma evolução no pensamento crítico. De facto, foi algo que não estava à espera. Não pela questão, porque queria que a turma participasse, mas sim porque a aluna fez uma boa pergunta. Respondi à questão levantada e a dúvida desta aluna fez com que os seus colegas também comessem a expressar as suas dúvidas. Numa outra aula, a turma não estava tão participativa mesmo eu dando

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

tempo para pensarem e um aluno fez uma pergunta sobre a Restauração Portuguesa e essa dúvida chamou a atenção do resto dos seus colegas que a partir dessa questão já começaram a participar mais.

Outro aspeto que preciso de salientar e que acredito que é um ponto positivo foi o facto de elogiar os alunos no tempo certo. Quando eu dizia “bom trabalho”, “ótima questão”, “parabéns”, via-se na cara dos alunos um ar de satisfação pelo elogio recebido. Normalmente estes alunos são chamados à atenção e por vezes não são reconhecidos pelos seus esforços. Por isso quando elogiava os alunos, eles ficavam mais confortáveis e participavam mais nas aulas.

Um ponto que nas minhas aulas foram fundamentais foi a apresentação dos recursos tecnológicos como o PowerPoint, ou o site para a visita virtual. Procurei ser o mais diverso na utilização de recursos disponíveis. Analisei com a turma documentos do manual ou excertos de livro de História. Por exemplo, numa das aulas a turma analisou excertos da obra História de Portugal de Joaquim Veríssimo Serrão. Queria que a turma tivesse ideia de como é a escrita histórica. Também comecei a levar livros para os alunos terem ideia de livros científicos que abordam a matéria que está a ser trabalhada. Também apresentei PowerPoint. Estes eram muito simples, contendo ideias simples, dando privilégio a imagens e figuras, exceto se estivesse presente um excerto de uma obra histórica. No caso da Reforma Protestante, mostrei uma fotografia de Wittenberg. No caso do Absolutismo Joanino mostrei fotos do Palácio Convento de Mafra e da Biblioteca Joanina na Universidade Coimbra. O facto de os alunos conseguirem visualizar estes espaços permitiu que compreendessem melhor a matéria. Também mapas como no caso da matéria da Recusa do absolutismo na Inglaterra, em que mostrei o mapa da Grã-Bretanha. Numa das aulas sobre o reinado de D. João V foi mais difícil explicar o Tratado de Madrid de 1750 sem a utilização do mapa. Por isso no caso inglês já corrigi o meu erro.

Sobre a visita virtual apresentei o site da Google arts and culture para fazer uma visita virtual ao Palácio Convento de Mafra, mostrei vídeos, analisei documentos com os alunos e também mostrei fotografias.

Outro recurso que nas duas primeiras aulas não utilizava era o quadro. Claro que usava o manual, PowerPoint, documentos, mas o quadro não era tão utilizado. Com a ajuda da minha professora cooperante consegui utiliza-lo de forma correta. Inicialmente, escrevia com letras muito grandes, mas depois dos conselhos da minha professora

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

cooperante e com as aulas que fui dando comecei a usar o quadro com mais frequência. Quero destacar duas aulas em que o quadro foi o recurso principal: o primeiro foi na aula sobre o rei D. João V, em que falei dos principais eventos dos eu reinado. Ao apresentar um evento eu registava no quadro e pedia à turma para que registassem os seus cadernos. Outro momento foi na aula sobre a recusa do absolutismo na Inglaterra que foi uma aula no qual só utilizei o quadro e pedia a participação da turma e quando eles falavam eu escrevia e explicava a matéria.

Um ponto que devo destacar era a expressão dos alunos perante as minhas aulas. Devido ao problema da pandemia, os alunos tinham de estar de máscara, como eu também, o que não permitia ter a real ideia das suas expressões. Mas percebe-se quando um aluno está distraído ou não, ou se esta a compreender a matéria. Por isso eu observei que nas aulas os alunos que menos falavam ou participavam eram aqueles que intervirão. Ao ponto como já mencionado nas aulas dadas em que os alunos um dia me disseram que a aula tinha sido muito boa.

Outro ponto que marcou as aulas foi a exposição da matéria em pouco tempo disponível, o que foi muito desafiante. Levantava a questão de como podia explicar os conteúdos científicos sem ser demasiado expositivo. Procurei ser o máximo objetivo possível. De foco aos pontos que o programa exigia e pedia que a turma estivesse atenta e registasse tudo nos seus cadernos. Por vezes tinha de ser mais expositivo, mas não significa que tenha sido algo mau porque o mais importante era dar toda a matéria. Mas mesmo assim, os alunos participaram muito.

Além disso, outro ponto que também tive um certo receio foi a reação dos alunos perante uma chamada de atenção ou de correção do trabalho de casa feita por mim. Por exemplo na turma D pedi um trabalho sobre o Absolutismo Joanino e tinha depois de dar a minha avaliação. A professora cooperante ajudou-me nos critérios de correção. Depois tinha que entregar a cada aluno o seu texto. Felizmente os alunos aceitaram muito as observações que fiz, principalmente nos pontos que podiam ser melhores desenvolvidas.

Reparei que as aulas que dei foram uma grande jornada. Sinto que evolui muito desde o início da primeira aula até à última. Sendo que nem queria parar de dar aulas de tão especial que estava a ser. Tive os problemas já aqui realçados que foi a exposição e fazer perguntas. Consegui isso através dos conselhos dados pela minha professora cooperante e os meus colegas de estágio. Comecei a utilizar mais o quadro, apresentei

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

diversos recursos aos alunos. Apresentei diversos recursos para que a turma estivesse atenta e compreendesse a matéria.

Não existem aulas perfeitas. Há sempre algo a melhorar e a aprender com as aulas e com os alunos. E experimentei isso nas minhas aulas, erros e acertos que me permitiram ser um professor melhor.

Considerações finais

Este trabalho deve ser encarado como conclusão de dois anos fecundos a vários níveis: o primeiro é o contacto com os alunos que se apresentou como particularmente desafiante na medida em que a minha experiência letiva era inexistente. Logo tive de enfrentar uma série de perguntas que povoavam a minha mente relacionadas com a psicologia do nível etário a que eles pertencem e às suas exigências de informação.

A aprendizagem de técnicas de motivação, atendendo à idade deles e a natureza dos assuntos tratados. No que toca ao seu nível etário tive de enfrentar a natural tendência para serem críticos e até tomarem uma posição eventualmente desafiadora, visível em muitas questões colocadas. Isto nota-se logo a partir da primeira aula quando fui confrontado com algumas perguntas que foram colocadas sobre o programa. Outra questão que enfrentei foram as dificuldades decorrentes dos assuntos focados para as quais eles não preparados, visto que muito deles nem sequer tem conhecimentos necessários para abordar a temática relacionada com a espiritualidade.

A avaliação nos seus resultados práticos: de um lado a minha avaliação pessoal que engloba a forma como eu estava a auto avaliar à medida que eu abordava os assuntos e o modo como estava a avaliar a progressão deles a nível da aprendizagem.

Outra questão importante foram as dificuldades encontradas na motivação dos alunos atendendo às características da temática focada. Já anteriormente referi o desconhecimento que muitos tem de assuntos relacionados com a problemática. Este ponto funcionou de forma positiva levando muitos deles a porem questões pertinentes sobre muitos assuntos. É interessante notar o entusiasmo que muitos colocam na sua abordagem pessoal. Muitas vezes pouco científica.

Para colmatar usei diversas técnicas tais como: formação de linhas conceptuais, utilização de vários recursos didáticos tais como vídeos, textos, imagens, mapas. Reparámos que os meios que faziam apelo às impressões visuais obtiveram maior recetividade

Aprendi nestes dois anos de mestrado com os alunos e com a minha professora cooperante o que é ser professor através do diálogo e através da compreensão de uma ideia básica: o professor não é o detentor e fornecedor de verdades absolutas, mas alguém que se interroga a partir das perguntas que os alunos lhe fazem. O professor é que aponta caminhos e os ajuda a por questões e a pensar acerca disso.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

Também achamos importante a combaterem os receios de se exporem ao expressar as suas opiniões, vencendo os seus medos relativos ao julgamento alheios.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”⁵⁸

Assim rematamos a conclusão de dois anos de uma longa jornada que foi um percurso fecundo de autodescoberta e simultaneamente de contacto com um grupo de adolescentes de uma escola em Almada.

⁵⁸ Paulo Freire, 1921-1997

Bibliografia

Betrand, Yves, Teorias Contemporâneas da educação, instituto Piaget, 2001

Calvino, João, Institutas da Religião Cristã, Editora Fiel, 2018

Chaunu, Pierre, O tempo das Reformas (1250-1550), vol II, A Reforma Protestante, edições 70, 1975, Lisboa

Roterdão, Erasmo de Elogio da Loucura, trad Álvaro Ribeiro, 6ªedição, Guimarães Editores, Lisboa

Green, V.H.H, Renascimento e Reforma, Dom Quixote, 1984, Lisboa

Marshall, Peter, Reformation England, Oxford University Press, New York, 2003

McNeill, John T, The history and character of calvinism, Oxford University Press, 1967

Grimm, Harold Grimm, The Reformation Era 1500-1650, Collier MacMillan Student Editores, New York

Febvre, Lucien, Martinho Lutero Um Destino, Edições Asa, 1ªedição, Lisboa, 1994

Mackie, J.D, A History of Scotland, Penguin Books, 1964

Bremer, Francis J. A very short introduction to puritanism, Oxford University press, 2009

Biblioteca online

ESCT história, disponível em:

<https://soliw.org/site/index.php/escola/historia>

Projeto educativo disponível em:

http://soliw.org/site/images/esct/docs_orientadores/ProjEducativo_19_22.pdf

Disponível no site da Jstore:

STEWART, LAURA A. M. “Power and Faith in Early Modern Scotland.” *The Scottish Historical Review*,

Anexos



Anexo 1- Planificação Reforma Protestante

Ano: 11ºano Turma: D Tempo: 60 min Lição nº. ____ Data: 13/10/2020 Mestrando: Victor Barreto Professor cooperante: Luísa Oliveira	Tema: A Reforma Protestante Unidade didática: A renovação da espiritualidade e da religiosidade Subunidade didática: A Reforma Protestante Sumário: A Reforma Protestante: Antecedentes e a rutura teológica iniciada por Martinho Lutero.
---	---

Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
A renovação da espiritualidade e da religiosidade: - A Reforma Protestante	Compreender as razões que levaram à Reforma Protestante e o seu impacto na Europa.	Compreender as Críticas feitas à Igreja. Compreender a questão das Indulgências como principal fator para o “nascimento” da reforma. Explicar as ideias de Lutero e a sua expansão pela Europa.	Heresia Reforma Dogma Predestinação	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos objetivos da aula. • Identificação das principais figuras da Reforma Protestante feito pelos alunos. • Apresentação da cronologia referente à matéria. • Visualização de um vídeo da Escola virtual sobre a Reforma Protestante. • Análise de um mapa do manual, na página 94, documento 1. • Análise do documento 4, A e B feitos pelos alunos sobre as críticas à igreja. • Explicação do conceito de Reforma e Dogma. • Identificação das ideias de Martinho através da leitura do documento 5 C (95 teses contra as Indulgências) da página 97. 	2 minutos 2 minutos 3 minutos 3 minutos 5 minutos 10 minutos 5 minutos 10 minutos	Participação oral dos alunos (qualidade das intervenções) Produção escrita	Computador Projetor Power point Quadro Caderno Caneta Giz Manual

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

				<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão dos ideais de Martinho como Salvação pela fé e predestinação. • Compreensão da tradução da Bíblia e da sua rápida expansão na Europa através da Imprensa (Gutenberg) através da leitura do documento 8 A da página 99 do manual. • Análise do documento 12 referente à Expansão do Luteranismo pela Europa e a formação de novos Estados 	10 minutos		
					5 minutos		
					5 minutos		



Anexo 2- Planificação Reforma Protestante Calvinismo e Anglicanismo



Ano: 11ºano Turma: D Tempo: 60 min Lição nº. _____ Data: 15/10/2020 Mestrando: Victor Barreto Professor cooperante: Luísa Oliveira	Tema: A Reforma Protestante Unidade didática: A renovação da espiritualidade e da religiosidade. Subunidade didática: A Reforma Protestante. Sumário: A expansão das igrejas protestantes: o calvinismo e o anglicanismo.
--	--

Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
A renovação da espiritualidade e da religiosidade: - A Reforma Protestante	Compreender as diferenças teológicas de cada igreja cristã (Luteranismo, Calvinismo, Anglicanismo e Catolicismo).	Compreender a expansão das igrejas reformadas pela Europa. Compreender as ideias principais do Calvinismo e Anglicanismo. Diferenciar as	Sacerdócio universal Sacramento Rito Predestinação Absoluta	<ul style="list-style-type: none"> Síntese da matéria dada na aula anterior. Correção do trabalho de casa (manual página 99 perguntas 1, 3 e 4) feitos pelos alunos. Explicação do sacerdócio universal como base fundamental do luteranismo de acordo com o documento 9 da página 99 do manual. Compreensão da visão luterana em relação aos sacramentos da igreja. Visualização de um vídeo da escola virtual sobre as Igrejas Reformadas. Explicação das ideias fundamentais do Calvinismo com base na análise dos documentos da página 102 e 103. 	5 minutos 10 minutos 5 minutos 5 minutos 3 minutos 10 minutos	Participação oral dos alunos (qualidade das intervenções). Produção Escrita.	Computador Projetor Power point Quadro Caderno Caneta

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

		ideias das igrejas reformadas e católica.		<ul style="list-style-type: none"> • Explicação das ideias fundamentais do Anglicanismo com base na análise dos documentos das páginas 104 e 105. • Identificação das diferenças teológicas de cada igreja com base na página 123 do manual. • Resumo da matéria dada em aula. 	10 minutos 10 minutos 2 minutos		Giz Manual
--	--	---	--	---	---------------------------------------	--	---------------



Anexo 3- Planificação Restauração Portuguesa



Ano: 11ºano Turma: D Tempo: 60 min Lição n.º. ____ Data: 24/11/2020 Mestrando: Victor Barreto Professor cooperante: Luísa Oliveira	Tema: Restauração Portuguesa Unidade didática: A Europa dos Estados absolutos e a Europa dos parlamentos. Subunidade didática: Sociedade e poder em Portugal Sumário: A Restauração Portuguesa: antecedentes e a luta pela independência nacional.
--	---

Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
- Sociedade e poder em Portugal: preponderância da nobreza fundiária e mercantilizada. Criação do aparelho burocrático do Estado absoluto no	Compreender o processo da Restauração Portuguesa.	Identificar as razões que levaram à Restauração. Explicar a importância das cortes na sociedade portuguesa.	Cortes Monarquia Dual	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos objetivos de aula. • Visualização de um vídeo do Youtube sobre a Restauração. • Diálogo orientado com os alunos sobre o vídeo apresentado. • Apresentação da cronologia da matéria em diapositivos. • Diálogo orientado com os alunos sobre a cronologia apresentada. • Explicação da crise dinástica após a morte de D. Sebastião e o Cardeal D. Henrique. • Explicação da importância das Cortes na 	2 minutos 2 minutos 3 minutos 5 minutos 3 minutos 5 minutos	Participação oral dos alunos (qualidade das intervenções). Produção Escrita.	Computador Projetor Power point Quadro Caderno

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

<p>século XVII. O absolutismo joanino -Restauração Portuguesa</p>		<p>Identificar as diversas etapas da Restauração.</p>	<p>Restauração</p>	<p>sociedade portuguesa dos séculos XVI e XVII.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão das medidas definidas nas Cortes de Tomar. • Explicação do conceito de Monarquia Dual. • Identificação da 4ª Dinastia Portuguesa pelos alunos, presente no manual na página 48, documento 18 <i>A dinastia de Bragança, entre 1640 a 1750</i>. • Análise de um excerto da obra <i>História de Portugal coordenado por Rui Ramos, vol4 pp 5</i> sobre a Restauração presente no PowerPoint. • Análise de um excerto da obra <i>História de Portugal coordenado por Rui Ramos, vol4, pp 7</i> sobre as razões que levaram à Restauração presente no PowerPoint. • Breve explicação da Guerra da Restauração ou Aclamação através de um mapa (PowerPoint). • Síntese da matéria 	<p>2 minutos 3 minutos 3 minutos 3 minutos 7 Minutos 10 minutos 10 minutos 2 minutos</p>		<p>Caneta Giz Manual</p>
--	--	---	--------------------	--	--	--	----------------------------------



Anexo 4- Planificação A sociedade Portuguesa do século XVII



Ano: 11ºano Turma: D Tempo: 120 min Lição nº. _____ Data: 3/12/2020 Mestrando: Victor Rodrigues Barreto Professor cooperante: Luísa Oliveira	Tema: A sociedade portuguesa no Antigo Regime e o Absolutismo Joanino Unidade didática: A Europa dos Estados absolutos e a Europa dos parlamentos. Subunidade didática: Sociedade e poder em Portugal. Absolutismo Joanino Sumário: A sociedade portuguesa do Antigo Regime: Tratamento e valores. O Absolutismo Joanino.
--	--

Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
Sociedade e poder em Portugal: preponderância da nobreza fundiária e mercantilizada. Criação do aparelho burocrático do Estado absoluto no	Compreender a sociedade portuguesa no Antigo regime e a formação do Estado absoluto.	Demonstrar a existência de diversos estratos sociais, de comportamentos e valores na sociedade portuguesa. Explicar a necessidade da criação de um	Cavaleiro - mercador Absolutismo	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos objetivos de aula. • Síntese da matéria da aula anterior. • Visualização de um vídeo da Escola Virtual sobre <i>A sociedade portuguesa do Antigo Regime</i>. • Diálogo orientado com os alunos sobre o vídeo apresentado. • Apresentação da cronologia da matéria em diapositivos. • Identificação das principais características dos Três Estados na sociedade portuguesa. • Análise de um documento do manual, pág 45, documento 13, <i>A nobreza de Portugal, no</i> 	2 minutos 5 minutos 3 minutos 3 minutos 3 minutos 8 minutos 5 minutos	Participação oral dos alunos (qualidade das intervenções)	Computador Projetor Power point Quadro Caderno

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

<p>século XVII. O absolutismo joanino.</p> <p>-Sociedade portuguesa no Antigo Regime. -Absolutismo Joanino</p>		<p>aparelho burocrático no Estado absoluto português</p> <p>Identificar as diferenças do absolutismo e o absolutismo português</p>		<p><i>século XVIII.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise de um documento do manual, pág 46, documento 15, <i>A nobreza mercantilizada.</i> • Explicação do conceito de cavaleiro-mercador. • Análise de um documento do manual, pág 46, documento 16, <i>uma burguesia débil.</i> • Compreensão da mentalidade e tratamento dado aos estratos sociais na sociedade portuguesa. • Análise de um documento do manual, pág 34, documento 6, <i>Formas de Tratamento.</i> <p><i>2ª aula</i></p>	<p>5 minutos</p> <p>3 minutos</p> <p>10 minutos</p> <p>5 minutos</p> <p>5 minutos</p>		<p>Caneta</p> <p>Giz</p> <p>Manual</p>
				<ul style="list-style-type: none"> • Explicação da criação do aparelho burocrático do Estado Absoluto. • Compreensão da decadência das cortes na sociedade portuguesa. • Análise de um documento do manual, pág 49, doc 19, <i>A decadência das Cortes.</i> • Análise de um documento do manual, pág 50, documento 20, <i>A administração central.</i> • Análise de um documento do manual, pág 51, documento 21, <i>uma burocracia lenta e pouco eficiente.</i> • Visualização de um vídeo da Escola virtual sobre o Absolutismo Português. • Diálogo orientado com os alunos sobre o vídeo 	<p>3 minutos</p> <p>3 minutos</p> <p>5 minutos</p> <p>5 minutos</p> <p>5 minutos</p> <p>5 minutos</p> <p>3 minutos</p>		

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

				<p>apresentado.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explicação das principais características do Absolutismo Joanino. 8 minutos • Análise de um documento, pág 52, documento 22 A, <i>Linhas de força</i>. 5 minutos • Identificação das diferenças entre o absolutismo português e o absolutismo francês. 5 minutos • Análise de um excerto da obra <i>História de Portugal de Joaquim Veríssimo Serrão, vol V, pág 236</i>(PowerPoint). 5 minutos • Compreensão do papel do rei como centro das atenções e centro do poder. 3 minutos • Análise de um documento do manual, pág 53, documento 23 B, <i>O Sol e o rei</i>. 5 minutos • Síntese da matéria da aula. 2 minutos 		
--	--	--	--	--	--	--



Anexo 5- Planificação Absolutismo Joanino



Ano: 11ºano Turma: D Tempo: 60 min Lição nº. ____ Data: 4/12/2020 Mestrando: Victor Rodrigues Barreto Professor cooperante: Luísa Oliveira	Tema: Absolutismo Joanino Unidade didática: A Europa dos Estados absolutos e a Europa dos parlamentos. Subunidade didática: Sociedade e poder em Portugal Sumário: Absolutismo Joanino: luxo e ostentação.
--	---

Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
-----------	--	-----------------------	-----------	---------------------------	-------	-----------	----------

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

<p>Sociedade e poder em Portugal: preponderância da nobreza fundiária e mercantilizada. Criação do aparelho burocrático do Estado absoluto no século XVII. O absolutismo joanino.</p> <p>-Absolutismo Joanino</p>	<p>Compreender o Absolutismo português e o luxo e ostentação no reinado de D. João V.</p>	<p>Identificar os principais eventos que marcaram a monarquia Joanina.</p> <p>Compreender a política de luxo e ostentação por parte do monarca português como comprovação da sua magnificência.</p>	<p>Absolutismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos objetivos de aula. • Síntese da matéria da aula anterior. • Explicação das principais características do Absolutismo Joanino. • Realização de exercícios do manual págs 46 e 55 perguntas 5 e 2. • Correção das perguntas propostas. • Compreensão do luxo e ostentação durante o reinado de D. João V. • Análise de um texto do manual, pág 55 documento 25, <i>A ostentação das embaixadas</i>. • Instrução de um texto de desenvolvimento (anexo 1) a realizar pelos alunos sobre Da Restauração ao Absolutismo Joanino. 	<p>2 minutos 3 minutos 10 minutos 10 minutos 5 minutos 10 minutos 5 minutos 15 minutos</p>	<p>Participação oral dos alunos (qualidade das intervenções)</p> <p>Produção escrita</p>	<p>Computador</p> <p>Projector</p> <p>Power point</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno</p> <p>Caneta</p> <p>Giz</p> <p>Manual</p>
--	--	---	--------------------	---	--	--	---



Anexo 6 - Planificação Visita virtual ao Palácio Convento de Mafra



Ano: 11ºano Turma: D Tempo: 60 min Lição nº. _____ Data: 10/12/2020 Mestrando: Victor Rodrigues Barreto Professor cooperante: Luísa Oliveira	Tema: Absolutismo Joanino Unidade didática: A Europa dos Estados absolutos e a Europa dos parlamentos. Subunidade didática: Sociedade e poder em Portugal Sumário: Viagem online ao Palácio-Convento de Mafra.
--	---

Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
Sociedade e poder em Portugal: preponderância da nobreza fundiária e mercantilizada. Criação do aparelho burocrático do Estado absoluto no século XVII. O absolutismo joanino. -Absolutismo Joanino	Compreender o Absolutismo português e o luxo e ostentação no reinado de D. João V.	Compreender a importância das academias na sociedade portuguesa do século XVIII. Compreender a construção do Palácio -Convento como símbolo do poder régio.	Luxo Absolutismo	<ul style="list-style-type: none"> Síntese da matéria da aula passada. Correção do trabalho de casa, manual, página 55 pergunta 2. Explicação da importância das academias durante o reinado de D. João V. Visualização de um vídeo sobre o Convento de Mafra. Diálogo orientado sobre o vídeo apresentado. Análise de um excerto da obra História de Portugal de Joaquim Veríssimo Serrão, vol V, pp 260 (PowerPoint). Apresentação do Palácio Convento através do computador e manual (Google Arts & Culture). 	5 minutos 10 minutos 10 minutos 6 minutos 5 minutos 5 minutos 20 minutos	Participação oral dos alunos (qualidade das intervenções) Produção escrita	Computador Projetor Power point Quadro Caderno Caneta Giz

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

				<ul style="list-style-type: none">• Síntese da matéria.	5 minutos		Manual.
--	--	--	--	---	-----------	--	---------



Anexo 7 -Planificação Recusa do Absolutismo na sociedade inglesa



Ano: 11ºano Turma: D Tempo: 60 min Lição nº. _____ Data: 18/12/2020 Mestrando: Victor Rodrigues Barreto Professor cooperante: Luísa Oliveira	Tema: A recusa do Absolutismo na sociedade inglesa Unidade didática: A Europa dos parlamentos: sociedade e poder político Subunidade didática: A recusa do Absolutismo na sociedade inglesa Sumário: A Europa dos parlamentos: a recusa do absolutismo na sociedade inglesa.
--	---

Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
A recusa do Absolutismo na sociedade inglesa A primeira revolução e a instauração da república A restauração da monarquia. A Revolução Gloriosa. -Recusa do absolutismo em Inglaterra.	Compreender as causas que levaram à recusa do absolutismo em Inglaterra.	-Caracterizar a sociedade inglesa do século XVII. - Compreender as causas que levaram à Guerra Civil. -Compreender a diferença da Inglaterra em	Absolutismo Parlamento	<ul style="list-style-type: none"> Síntese da matéria da aula passada. Compreensão da diferença política na sociedade inglesa comparada com os Estados absolutos na Europa. Explicação do conceito de Parlamento. Compreensão da importância da Magna Carta na sociedade inglesa. Análise da cronologia da matéria (PowerPoint). Análise de um mapa sobre a matéria através do dispositivo. Identificação das causas que levaram à Revolução Inglesa. Análise de um documento do manual, página 65, documento 32, <i>A condenação de Carlos I.</i> 	2 minutos 5 minutos 3 minutos 3 minutos 3 minutos 5 minutos 10 minutos 7 minutos	Participação oral dos alunos (qualidade das intervenções)	Computador Projetor Power point Quadro Caderno Caneta Giz Manual

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

		relação aos Estados Absolutos da Europa.		<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão da República de Cromwell e a Commonwealth. • Explicação da restauração da monarquia na pessoa de Carlos II. • Análise de um documento do manual, documento 33, <i>A declaração dos direitos (1689)</i>. Síntese da matéria. 	5 minutos		
					5 minutos		
					10 minutos		
					2 minutos		

Anexo 8- linha conceptual Reforma Protestante

(Pontos Gerais e fundamentais da matéria)

- Explicação dos Antecedentes da Reforma Protestante (Cisma da Igreja do Ocidente (1378-1417) e novas práticas religiosas).
- Explicação das críticas feitas à Igreja Católica no período Moderno (John Wycliff, Erasmo de Roterdão, Savonarola).
- Apresentação de uma pequena biografia de Martinho Lutero; vida e obra.
- Martinho Lutero e a afixação das 95 Teses contra as Indulgências (31 de outubro de 1517).
- Explicação do pensamento Luterano e a sua expansão pela Europa. (Justificação pela fé, predestinação, a autoridade da Bíblia e os sacramentos) (Criação do ducado da Prússia e expansão para o Norte da Europa como a Suécia e a Dinamarca).
- Compreensão da importância da tradução da Bíblia e da sua rápida expansão na Europa através da Imprensa (Gutenberg).
- Explicação do surgimento de outras igrejas no período da Reforma: O Calvinismo, (João Calvino) e o Anglicanismo, (Henrique VIII)
- Compreensão dos conceitos que serão abordados na aula tais como: Sacramento, Dogma, Heresia e Predestinação.

Identificação dos pensamentos e ideias das três novas Igrejas em comparação com a Igreja Católica e entre si. (Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo)

Anexo 9 - Linha conceptual Restauração

Restauração-Pontos gerais e fundamentais da matéria

- Explicação da crise dinástica após a morte de D. Sebastião e o Cardeal D. Henrique.
- Explicação sobre a importância das Cortes de Tomar em 1581.
- Compreensão da importância das cortes na sociedade portuguesa.
- Compreensão do conceito de monarquia Dual.
- Compreensão do conceito de Restauração.
- Importância da Casa de Bragança como os “sucessores naturais “da realeza portuguesa sob a figura de D. João IV.
- Explicação do processo de 1 de dezembro de 1640 como um golpe palaciano e origem do processo de Restauração.
- Identificação das principais batalhas durante a Guerra da Restauração ou Aclamação.
- Explicação do Tratado de Paz de Madrid em 1668 com interferência da Inglaterra e França no processo de paz entre Portugal e Espanha.

Cronologia

- 1578 Expedição e derrota em Alcácer Quibir, com a morte do rei D. Sebastião. Aclamação régia do cardeal D. Henrique.
- 1580 Cortes de Almeirim-Santarém. Morte do cardeal D. Henrique.
- Aclamação régia de D. António, prior do Crato, em

Santarém.

- Invasão de Portugal pelo exército espanhol. Entrada de Filipe II de Espanha em Portugal.
- 1581 Aclamação régia de Filipe I de Portugal nas Cortes de Tomar, comprometendo-se o rei a respeitar o princípio da monarquia dualista.
- 1581-1582 Rebelião açoriana contra o domínio espanhol.
1582 Criação do Conselho de Portugal.
- 1582-1590 Suspensão das alfândegas fronteiriças com Castela.
- 1583 Juramento do infante D. Filipe como herdeiro do Reino de Portugal nas Cortes de Lisboa. Regresso de D. Filipe I a Madrid, delegando o governo de Portugal no cardeal-arquiduque Alberto de
- Áustria, seu sobrinho.
- 1585 Proibição do comércio com a Holanda.
- 1586 Ruptura das relações diplomáticas e proibição do comércio com a Inglaterra. 1587 Ataques à costa do Algarve por Francis Drake, sendo tomada a vila de Sagres. 1588 Derrota da «Invencível Armada».
- Ataques ingleses ao Brasil.
- 1589 Auxílio naval dos ingleses a D. António, prior do Crato, com ataque falhado a Lisboa. 1591 Criação do Conselho da Fazenda.
- 1593 Regresso a Castela de Alberto de Áustria, tendo sido substituído pelos governadores D. Miguel de
- Castro, D. João da Silva, D. Francisco de Mascarenhas, D. Duarte de Castelo Branco e Miguel de Moura.
- 1595 Revolta popular em Lisboa.
- 1596 Tentativa holandesa de conquista de S. Jorge da Mina. 1598 Morte de D. Filipe I e início do reinado de D. Filipe II. Restabelecimento do monopólio régio sobre o comércio na Ásia. Cerco da barra de Lisboa pelos ingleses.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

- 1603 Publicação das Ordenações Filipinas.
- Início do domínio português no Ceará, com a expedição de Pêro Coelho de Sousa. 1604 Criação do Conselho da Índia.
- Ataque dos holandeses à fortaleza de Moçambique. Início dos ataques holandeses a Macau.
- Perdão geral aos cristãos-novos.
- 1605 Conquista holandesa da ilha de Amboíno.
- Instalação da Companhia Holandesa das Índias Orientais nas ilhas das Molucas. 1609 Conquista de Ceilão pelos holandeses.
- Estabelecimento da primeira feitoria holandesa no Japão. 1613 Conquista do Pegu por Filipe de Brito.
- 1615 Conquista definitiva do Maranhão aos franceses. 1617 Expulsão dos portugueses do Japão pelos holandeses.
- Assalto mouro à ilha de Porto Santo, fazendo cativa quase toda a população.
- 1619 Juramento do infante de Espanha como herdeiro do trono português nas Cortes de Lisboa. 1621 Morte de D. Filipe II e subida ao trono de D. Filipe III.
- Formação do estado do Maranhão.
- Início das viagens dos bandeirantes no Brasil.
- 1622 Conquista de Ormuz pelos ingleses, aliados aos persas, que ficarão com o domínio da cidade. Tentativa holandesa de conquista de Macau.
- Ataques holandeses à costa portuguesa.
- 1623 Expedição pelo rio Ankobra, a partir de Axém; fundação de um forte em Duma e início da exploração aurífera no local.
- Motim anticastelhano em Lisboa.
- 1624 Conquista da Baía pelos holandeses. Cerco holandês, infrutífero, à baía de Angola.
- 1625 Segunda tentativa holandesa de conquista de S. Jorge da Mina.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

- Derrota do ataque holandês a Espírito Santo. Reconquista portuguesa da Baía.
- 1628 Ocupação e fortificação da ilha de Palma, a sul de Cabo Verde, pelos holandeses.
- 1629 Motins em Santarém e no Porto.
- 1630 Conquista de Olinda e Recife pelos holandeses.
- 1631 Batalha de Abrolho entre os habitantes de Pernambuco e os holandeses. 1631-1636 Luta contra os holandeses em Pernambuco.
- 1634 Conquista de Paraíba pelos holandeses. Tumultos populares no Porto.
- Nomeação da duquesa de Mântua para vice-rainha de Portugal. 1635-1636 Motins generalizados no reino.
- 1637 Alterações de Évora e motins no Sul. Motins dos pescadores de Lisboa.
- Conquista da fortaleza de S. Jorge da Mina pelos holandeses. 1638 Tomada de Arguim pelos holandeses.
- Ataque holandês fracassado à cidade da Baía.
- 1638-1654 Ocupação da capitania do Ceará pelos holandeses. 1639 Armada para a restauração de Pernambuco.
- Reuniões preparatórias da conjura contra o governo espanhol.
- 1639-1640 Conquista holandesa das fortalezas de Batavolau e Galé (Ceilão).
- 1640 Restauração da independência do Reino de Portugal e início do reinado de D. João IV (dinastia de Bragança).
- 1641 Cortes de Lisboa. Conspiração contra D. João IV. Tratado de aliança com a França.
- Tratado de aliança com os Estados Gerais das Províncias Unidas. Tratado de aliança com a Suécia.
- Conquista holandesa de Sergipe, Maranhão, ilha de S. Tomé e Angola.
- Rendição de Malaca aos holandeses. Conquista de Luanda

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

pelos holandeses. 1642 Cortes de Lisboa.

- Tratado de paz anglo-luso. Criação do Conselho Ultramarino.
- Reforma do Conselho da Fazenda.
- Abolição dos monopólios reais na Índia e na Guiné, salvo o da canela. Conquista holandesa do forte de Axém.
- Ataque espanhol ao Algarve.
- Revolta anti-holandesa no Maranhão. 1644 Batalha do Montijo.
- Cerco de Elvas.
- 1645 Cortes de Lisboa.
- Insurreição de Pernambuco contra os holandeses.
- Batalha do Monte das Tabocas, com a vitória pernambucana.
- Conquista de várias zonas brasileiras em poder dos holandeses (Sergipe, Rio de S. Francisco, Porto Calvo, Napareth).
- 1646 Cortes.
- 1646-1647 Lutas no Brasil contra os holandeses. 1647 Tentativa frustrada de regicídio.
- 1648 Primeira batalha nos montes Guararapes, com a derrota do general holandês Von Schoppe.
- Reconquista de Angola e S. Tomé.
- Assinatura do Tratado de Vestefália, com exclusão de Portugal das negociações. 1649 Cortes de Tomar.
- Segunda batalha nos montes Guararapes, com derrota total dos holandeses.
- 1652 Conquista holandesa de Calaturé (fortaleza de Ceilão). 1653 Reconquista de Pernambuco aos holandeses.
- 1653-1654 Cortes de Lisboa.
- 1654 Constituição da Casa do Infantado.
- Tratado de Westminster, celebrando a paz e a aliança entre Portugal e a Inglaterra. Tratado de capitulação dos

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos

holandeses residentes no Brasil.

- 1656 Morte de D. João IV e início da regência de D. Luísa de Gusmão. 1657 Estado de guerra entre Holanda e Portugal.
- Rendição de Olivença. 1658 Cerco de Badajoz.
- Conquista holandesa das últimas praças de Ceilão. 1659 Batalha das Linhas de Elvas.
- 1661 Paz luso-holandesa.
- Bombaim e Tânger são entregues à Inglaterra, como dote de D. Catarina, noiva de Carlos II.
- 1662 Golpe de Estado para pôr fim à regência de D. Luísa de Gusmão e entregar o governo a D. Afonso VI.
- Nomeação do conde de Castelo Melhor como gentil-homem da câmara do rei e, em seguida, escrivão da puridade.
- 1663 Conquista de Évora e Alcácer do Sal por D. João de Áustria. Vitória do Ameixial.
- Conquista e incêndio de Cochim pelos holandeses. 1664 Batalha de Castelo Rodrigo.
- 1665 Batalha de Montes Claros.
- 1667 Afastamento forçado do paço do conde de Castelo Melhor e do secretário António de Sousa de Macedo, por pressão dos partidários do infante D. Pedro.
- Tratado de aliança com a França contra Carlos II de Espanha. Abdicação de D. Afonso VI e início da regência de D. Pedro. 1668 Paz entre Portugal e Espanha (Tratado de Madrid).
- Cortes de Lisboa.

Cronologia retirada do livro História de Portugal, coord Rui Ramos, Esfera dos livros, 2009, Lisboa

Anexo 10- Linha conceptual Absolutismo Joanino

A Sociedade Portuguesa no Antigo Regime e o Absolutismo Joanino-Pontos gerais e fundamentais da matéria.

- Compreensão da sociedade portuguesa durante e pós Restauração da independência.
- Identificação do tratamento e da mentalidade dos Três Estados sociais (Clero, Nobreza e Terceiro Estado).
- Explicação da debilidade da burguesia portuguesa.
- Compreensão da nobreza mercantilizada e origem de um “tipo social específico”: o cavaleiro-mercador.
- Explicação da criação de um aparelho burocrático do Estado Absoluto.
- Compreensão da decadência da convocação de Cortes.
- Compreender D. João V como rei Absoluto.
- Identificar as diferenças entre o absolutismo português e o absolutismo francês.
- Explicação da importância do luxo e da ostentação no reinado de D João V como demonstração de autoridade do monarca.

Anexo 11 – PowerPoint Reforma Protestante



REFORMA PROTESTANTE

Victor Barreto



CRONOLOGIA

- 1378-1417-Cisma do Ocidente
- 1517:31 de Outubro, Lutero afixa as 95 teses na Igreja de Wittenberg.
- 1522 : Lutero traduz o Novo Testamento
- 1531-35: Henrique VIII rompe as relações com a Igreja Católica e torna-se o Chefe da Igreja Inglesa.
- 1536: Início da Reforma Calvinista em Genebra.





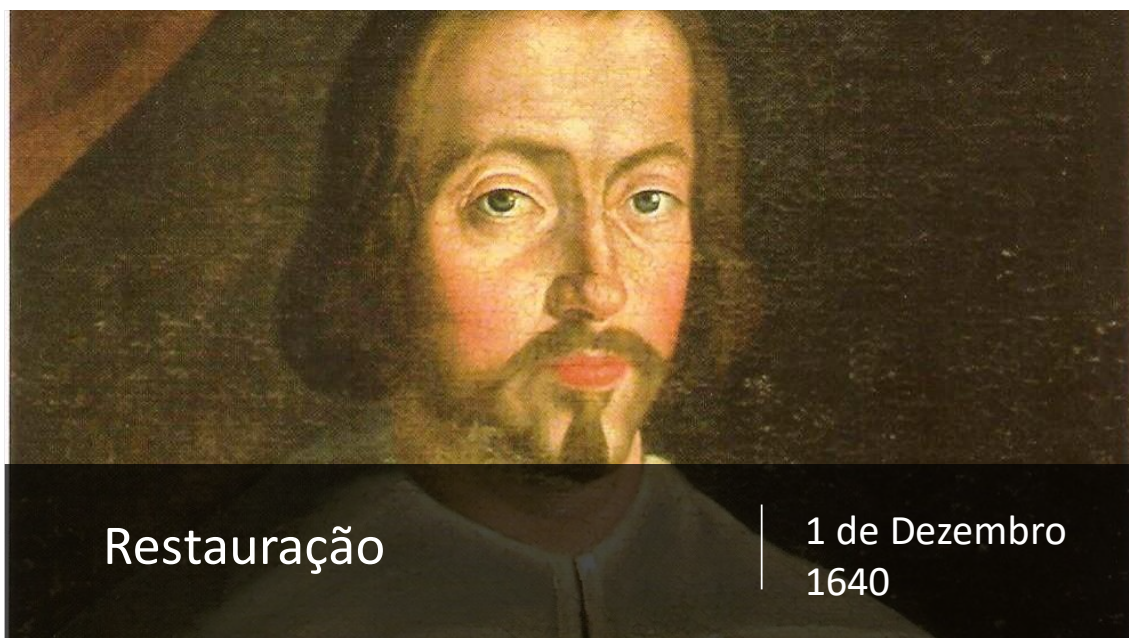
Anexo 12-PowerPoint Restauração Portuguesa







Dinastia Filipina 1580-1640



Restauração

1 de Dezembro
1640



Restauração

- «Sábado, primeiro de Dezembro de 1640 (dia memorável para as idades futuras), a nobreza da Cidade de Lisboa, para remédio da ruína em que se via, e ao Reino todo, aclamou por Rei o Duque de Bragança Dom João, príncipe benigníssimo, magnânimo, fortíssimo, piedoso, prudente, nos trabalhos incansável, no governo atento, no amor da república cuidadoso, de seu acrescentamento ardentíssimo, e vigilante, legítimo sucessor do Império Lusitano.»

História de Portugal, coord Rui Ramos, Esfera dos Livros, 2009, Lisboa



Restauração

- «Nas Cortes convocadas para 1641, e que o reconheceram como rei, ficou definido o discurso de justificação da Restauração: desde logo, a afirmação da legitimidade dinástica da Casa de Bragança (...) agora reforçada pelo facto de o Bragança ser "rei natural";

História de Portugal, coord Rui Ramos, Esfera dos Livros, 2009, Lisboa

Guerra da Restauração ou Aclamação

<http://histgeo6.blogspot.com/2017/10/guerra-da-restauracao-ou-da-aclamacao.html>



Anexo 13 - PowerPoint Sociedade Portuguesa no século XVII



Sociedade e poder em Portugal

Victor Barreto



Cronologia

- 1706 Morte de D. Pedro II e início do reinado de D. João V.
- 1713 Assinatura de armistício com a França no Congresso de Utreque.
- 1717-1735 Construção do Convento de Mafra.
- 1748 Concessão papal do título de «Fidelíssimo» a D. João V.
- 1750 Tratado de Madrid, ou dos Limites, entre as possessões portuguesas e espanholas na América do Sul.



Sociedade Portuguesa

- " Nom devemos ser comuns/senam pera Deos amarmos / e servirmos /nam sejamos todos uns / em ricamente calçarmos e vestirmos."

Godinho, Vitorino Magalhães , Arcadia, 2ª edição, 1975, Lisboa

Anexo 14 – PowerPoint Absolutismo Joanino



Absolutismo Joanino

- *“Da realeza de D. João V pode afirmar-se que raramente ascendeu ao domínio do providencialismo, ficando-se por uma glória de quase total fundamentação terrena. (...) O que nunca impediu a expressão de uma grandeza que se manifestou sobremaneira nas relações externas .*

Serrão, Joaquim Veríssimo, História de Portugal, volume V, pp236, Verbo, 2006



Absolutismo Joanino

- *.D.João V desempenhou muitas vezes o papel de árbitro das nações europeias e exigiu as marcas de deferência que eram privilégio dos maiores Estados , ao ponto de os nossos embaixadores se comportarem sempre como representantes de um grande monarca.”*

Serrão, Joaquim Veríssimo, História de Portugal, volume V, pp 236, Verbo,2006





Da Restauração ao Absolutismo Joanino: Linhas orientadoras

- Texto a ser entregue dia 10 de Dezembro.
- Formatação: texto justificado, letra Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5.
- Recursos:
 - fontes históricas, historiográficas e cronologias do manual.

Da Restauração ao Absolutismo Joanino: Linhas orientadoras

• Tópicos:

- As causas que levaram à Restauração da Independência.
- Caracterizar a sociedade Portuguesa do Antigo Regime e as formas de tratamento (ex: Cavaleiro-mercador, nobreza mercantil).
- A decadência das Cortes.
- Caracterizar o Absolutismo Joanino:
 - Diferença entre o absolutismo francês e o absolutismo português.
 - Os eventos que marcaram o reinado de D. João V.



Anexos 15 - PowerPoint Palácio Convento de Mafra



Convento de Mafra

- "A ideia de edificar um grande palácio nas imediações da capital assistiu a D. João V desde a sua ascensão ao trono .Para tal influenciou a moda europeia , em especial francesa, de as cortes buscarem lugares isolados para as distrações de caça e os prazeres de convívio".

Serrão, Joaquim Veríssimo, História de Portugal, volume V pp 259, Verbo,2006



Convento de Mafra

- " Era um novo tipo de mentalidade e que correspondia ao cansaço provocado pela agitação das grandes urbes buscando-se o mundo natural na sua beleza e dons".

Serrão, Joaquim Veríssimo, História de Portugal, volume V pp 260, Verbo,2006



Convento de Mafra

- "A miragem de Versalhes , para onde a corte se deslocava em certas épocas do ano , esteve decerto presente nos gostos do magnânimo, que pretendeu criar um figurino próprio para a concretização desse ideal".

Serrão, Joaquim Veríssimo, História de Portugal, volume V pp 260, Verbo,2006



Anexo 16 – PowerPoint Recusa do Absolutismo na Inglaterra



RECUSA DO ABSOLUTISMO NA INGLATERRA

Victor Barreto



CRONOLOGIA

- 1603- Jaime I sucede a Isabel I como rei de Inglaterra.
- 1628- Petição dos Direitos.
- 1642- Inicio da Guerra Civil.
- 1653 Cromwell dissolve o Parlamento , é nomeado Lord Protector.
- 1660- Restauração da monarquia na pessoa de Carlos II.
- 1688- Revolução Gloriosa.

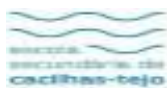


A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos



REVOLUÇÃO GLORIOSA

Anexo 17- Teste sumativo Critérios de avaliação



TESTE SUMATIVO DE HISTÓRIA A – 11º Ano - Turmas D e E

outubro de 2020

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

GRUPO I

1. 20 pontos

Tópicos de resposta:

Identifica três técnicas de navegação ou instrumentos náuticos:

- navegação astronómica;
- navegação com bolina ou navegação à bolina;
- estabelecimento da latitude dos lugares, com base em tábuas de latitudes e cartas de marear;
- astrolábio náutico;
- quadrante;
- bússola.

A classificação final da resposta resulta da soma das pontuações atribuídas em cada um dos parâmetros seguintes

A – Conteúdos / Compreensão histórica.....	16 pontos
C – Comunicação	4 pontos

Domínios	Níveis	Descritores de Desempenho	Pontuação
A - Conteúdos	3	Identifica, de forma completa, três dos aspetos solicitados.	16
	2	Identifica, de forma completa, dois dos aspetos solicitados.	11
	1	Identifica, de forma completa, um dos aspetos solicitados OU identifica com incorreção técnicas ou instrumentos.	5
B - Documentos	3		
	2		
	1		
C - Comunicação	2	Utiliza, de forma globalmente adequada, a terminologia específica da disciplina. Apresenta um discurso globalmente articulado e pode apresentar falhas que não comprometam a sua clareza.	4
	1	Utiliza a terminologia específica da disciplina com muitas imprecisões. Apresenta um discurso com falhas que comprometem parcialmente a sua clareza.	2

Nota - Qualquer resposta que não atinja o nível 1 de desempenho no parâmetro (A) Conteúdos é classificada com zero pontos nos restantes parâmetros.

2. 20 pontos

Tópicos de resposta:

Distingue significados de experiência presentes no documento:

tipo de experiência 1:

- funcionou até ao séc. XVII conotada com um paradigma qualitativo, fomentador de conhecimento simples da realidade, de base empírica;
- conjunto de vivências do indivíduo;
- elaboração (acrescento ou atualização) do conhecimento sobre dados anteriormente conhecidos “saber de experiência feito”;

tipo de experiência 2:

- associado à experimentação e a um método científico;
- quantitativo, moldado pela matematização do real, pela experiência laboratorial, pelas leis universais;

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos



TESTE SUMATIVO DE HISTÓRIA A – 11º Ano - Turmas D e E

outubro de 2020

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

- dois significados de experiência: experiência diferente de experimentação (experiência científica).
- o conceito de *experientialismo* surge da importância da experiência nas navegações portuguesas, que permitem obter novos conhecimentos fundamentados, mas distingue-se de experimentação ou experiência científica por não dar origem, pelo menos de imediato, a tratados ou teorias científicas que sustentem novo conhecimento.

A classificação final da resposta resulta da soma das pontuações atribuídas em cada um dos parâmetros seguintes:

A – Conteúdos / Compreensão Histórica	7 pontos
B – Documento / Interpretação 10 pontos
C – Comunicação Histórica	3 pontos

Domínios	Níveis	Descritores de Desempenho	Pontuação
A - Conteúdos	3	Distingue entre os dois tipos de experiência, explicando claramente, com base no texto, os dois significados.	7
	2	Distingue, entre os dois tipos de experiência, de forma incompleta ou com incorreções.	4
	1	Aborda a distinção de forma pouco clara, com erros ou falhas	2
B - Documentos	3	Recorre ao texto para exemplificar o significado em análise, citando corretamente ou identificando claramente as ideias em análise.	10
	2	Recorre ao texto, com falhas ou interpretação incompleta.	6
	1	Transcreve incorretamente e com falhas ou utiliza informação com pouca clareza.	2
C - Comunicação	2	Utiliza a terminologia específica da disciplina com alguma imprecisões. Apresenta um discurso com falhas que comprometem parcialmente a sua clareza.	3
	1	Utiliza a terminologia específica da disciplina com muitas imprecisões. Apresenta um discurso com falhas que comprometem parcialmente a sua clareza.	1

Nota - Qualquer resposta que não atinja o nível 1 de desempenho no parâmetro (A) Conteúdos é classificada com zero pontos nos restantes parâmetros.

3. 10

pontos Versão 1 - (C); (E); (A); (D); (B)

Versão 2 - (C); (E); (A); (B); (D)

4. Versão 1 – (C); Versão 2 – (B) 10 pontos

5. Versão 1 – (C); Versão 2 – (C) 5 pontos

6. Excerto: 10 pontos

«Nicolau(...) ajudava generosamente todos aqueles que mostravam qualidades»

«Nicolau (...) protegia os pintores, os escultores, os arquitetos, bem como os homens de letras e tinha um profundo conhecimento das suas técnicas.»

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos



TESTE SUMATIVO DE HISTÓRIA A – 11º Ano - Turmas D e E

outubro de 2020

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Níveis	Descritores de Desempenho	Pontuação
2	Transcreve integralmente o excerto solicitado, respeitando as regras de transcrição.	10
1	Transcreve o excerto correto com erros de transcrição.	7

Nota – As respostas que apresentem, além do excerto correto, a transcrição de outros excertos sem correspondência com o solicitado são classificadas com zero pontos.

GRUPO II

1. 20 pontos

Tópicos de resposta:

- composição em forma piramidal;
- serenidade e harmonia prevalentes sobre a emoção da situação retratada;
- expressividade das personagens;
- representação da Virgem como jovem e sobredimensionada relativamente a Cristo;
- criação direta a partir do bloco de mármore, sem construir modelos prévios (talhe direto);
- realização material da forma idealizada pelo artista;
- tratamento anatómico rigoroso;
- composição segundo cânones clássicos;
- autonomização da escultura

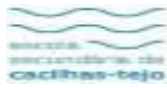
A classificação final da resposta resulta da soma das pontuações atribuídas em cada um dos parâmetros seguintes:			
A- Conteúdos		11 pontos.....	
B- Documentos		5 pontos	
C- Comunicação		4 pontos	
Domínios	Níveis	Descritores de Desempenho	Pontuação
A - Conteúdos	4	Explicita, de forma completa, duas das características solicitadas.	11
	3	Explicita uma das características de forma completa e uma de forma incompleta.	8
	2	Explicita, de forma completa, uma das características OU explicita, de forma incompleta duas características.	5
	1	Indica, de forma incompleta, uma das características solicitadas OU refere aspetos genéricos relativos ao solicitado.	3
B - Documentos	2	Integra elementos relevantes do documento para fundamentar dois aspetos solicitados podendo apresentar falhas pontuais.	5
	1	Integra, com falhas, elementos relevantes do documento para fundamentar um dos aspetos solicitados.	3
C - Comunicação	2	Utiliza, de forma globalmente adequada a terminologia específica da disciplina. Apresenta um discurso globalmente articulado podendo apresentar falhas que não comprometam a sua clareza.	4
	1	Utiliza a terminologia específica da disciplina com muitas imprecisões. Apresenta um discurso com falhas que comprometem parcialmente a sua clareza.	2

Nota - Qualquer resposta que não atinja o nível 1 de desempenho no parâmetro (A) Conteúdos é classificada com zero pontos nos restantes parâmetros.

2. Versão 1 (C) Versão (B)..... 5 pontos

3. Versão 1 (B) Versão (C)..... 10 pontos

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos



TESTE SUMATIVO DE HISTÓRIA A – 11º Ano - Turmas D e E

outubro de 2020

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

GRUPO III

1. 20 pontos

Tópicos de resposta:

- O papa, que representa a vontade de Deus na terra, é severamente punido por se comportar como um príncipe, esquecendo as suas obrigações.
- Os evangelistas, como autores dos principais livros do novo testamento representam a autoridade original da Igreja.
- O apedrejamento era o castigo reservado aos grandes pecadores, nomeadamente às mulheres acusadas de adultério.
- A violência da cena revela o grau de revolta dos reformistas contra a atuação papal.

A classificação final da resposta resulta da soma das pontuações atribuídas em cada um dos parâmetros seguintes:			
A- Conteúdos		11 pontos.....	
B- Documentos.....		5 pontos.....	
C- Comunicação		4 pontos	
Domínios	Níveis	Descritores de Desempenho	Pontuação
A – Conteúdos	4	Interpreta, de forma completa dois dos aspetos solicitados.	11
	3	Interpreta um dos aspetos solicitados de forma completa e outro de forma incompleta.	8
	2	Interpreta, de forma completa um dos aspetos solicitados OU, Interpreta de forma incompleta os dois aspetos solicitados.	5
	1	Interpreta, de forma incompleta um dos aspetos solicitados OU refere aspetos genéricos relativos ao solicitado.	3
B- Documentos	2	Integra elementos relevantes do documento para fundamentar dois aspetos solicitados podendo apresentar falhas pontuais.	5
	1	Integra, com falhas, elementos relevantes do documento para fundamentar um dos aspetos solicitados.	3
C – Comunicação	2	Utiliza, de forma globalmente adequada, a terminologia especificada disciplina Apresenta um discurso globalmente articulado podendo apresentar falhas que não comprometem a sua clareza.	4
	1	Utiliza a terminologia especificada disciplina com muitas imprecisões. Apresenta um discurso com falhas que comprometem parcialmente a sua clareza	2

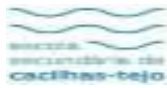
Nota - Qualquer resposta que não atinja o nível 1 de desempenho no parâmetro (A) Conteúdos é classificada com zero pontos nos restantes parâmetros.

2. 20 pontos

Tópicos de resposta:

- Calvino defendia a autoridade exclusiva da Bíblia como fonte de Fé (“a Sagrada Escritura, é a verdadeira regra para.. nos ensinar o verdadeiro serviço de Deus.”), criticando a Igreja Católica por defender que, a par da Bíblia, também se deve considerar a Tradição e as decisões dos Concílios como fontes de Fé.-
- Segundo Calvino, nenhum crente deveria ser privado da leitura da Sagrada Escritura”, pelo que se impunha a sua tradução para língua vulgar. Já a Igreja Católica insistia na publicação da Bíblia na versão latina.

A Dinâmica calvinista aplicada na Igreja escocesa no século XVII- exemplos práticos



TESTE SUMATIVO DE HISTÓRIA A – 11º Ano - Turmas D e E

outubro de 2020

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

- Calvino defendia que Deus decidiu na criação o destino do Homem, ordenando uns à vida eterna (salvação), outros à condenação – teoria da predestinação, criticando na Igreja Católica a doutrina de salvação para todos os Homens.

A classificação final da resposta resulta da soma das pontuações atribuídas em cada um dos parâmetros seguintes:			
A- Conteúdos		11 pontos.....	
B- Documentos.....		5 pontos	
C- Comunicação		4 pontos	
Domínios	Níveis	Descritores de Desempenho	Pontuação
A – Conteúdos	4	Explícita, de forma completa, três dos aspetos solicitados.	11
	3	Explícita dois dos aspetos de forma completa.	8
	2	Explícita, de forma completa, um dos aspetos OU explícita, de forma incompleta dois dos aspetos solicitados.	5
	1	Indica, de forma incompleta, um dos aspetos solicitados. OU Refere aspetos genéricos relativos ao solicitado.	3
B- Documentos	2	Integra elementos relevantes do documento para fundamentar dois dos aspetos solicitados podendo apresentar falhas pontuais.	5
	1	Integra, com falhas, elementos relevantes do documento para fundamentar um dos aspetos solicitados	3
C – Comunicação	2	Utiliza, de forma globalmente adequada a terminologia específica da disciplina. Apresenta um discurso globalmente articulado podendo apresentar falhas que não comprometam a sua clareza.	4
	1	Utiliza a terminologia específica da disciplina com muitas imprecisões. Apresenta um discurso com falhas que comprometem parcialmente a sua clareza	2

Nota - Qualquer resposta que não atinja o nível 1 de desempenho no parâmetro (A) Conteúdos é classificada com zero pontos nos restantes parâmetros.

3. Versão 1 (B) Versão 2 (A) 5 pontos

4. 10

pontos Versão 1 - (B); (D); (E); (C); (A)

Versão 2 - (B); (D); (C); (E); (A)

5. 30 pontos

Tópicos de resposta:

Tema de desenvolvimento: **“A renovação da religião na Europa do século XVI**

A resposta deve abordar **três** elementos de cada um dos seguintes tópicos de referência:

A contestação no seio da Cristandade.

- Movimentos de contestação no seio da Igreja católica ao longo do século XV (doc. 1) assumindo por vezes caráter herético;
- afirmação do poder de reis e príncipes e contestação da autoridade dos papas (docs. 1 e 2);
- sentido crítico desenvolvido por humanistas e artistas do Renascimento (docs. 1 e 2);
- cisma do ocidente e consequente desautorização da autoridade de Roma;
- manifestações de riqueza e corrupção no seio do clero (doc. 1);
- o escândalo das indulgências (doc. 1) como detonador da rutura com Roma.

As Igrejas reformadas e a perda de influência de Roma.

- rutura pública entre Martinho Lutero e o papa em 1517;
- instituição de uma Igreja Luterana com o apoio de príncipes e populares na Alemanha (doc. 1);
- difusão de doutrinas de caráter evangélico (docs. 1, 2 e 3);
- rejeição do culto dos santos, das obras pias, dos sacramentos não sancionados pelo novo testamento;
- tradução da bíblia e celebração da missa nas línguas nacionais (doc. 3);
- adesão à Reforma por parte de suíços e Escoceses, (Calvinismo), Alemães e nórdicos (Luteranismo) e Ingleses (Anglicanismo) (docs. 3 e 4);
- contestação à atuação do papa na própria Itália (doc. 2).

A classificação final da resposta resulta da soma das pontuações atribuídas em cada um dos parâmetros seguintes:			
A-Identificação e Explicação		14 pontos	
B-Articulação temática e Organização		8 pontos	
C-Integração dos documentos.....		8 pontos	
Dominios	Níveis	Descritores de Desempenho	Pontuação
A-Identificação e Explicação	4	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresenta e explica, de forma completa, 6 ou 5 elementos, distribuídos equilibradamente pelos dois tópicos de orientação. ● Utiliza, de modo adequado, a terminologia específica da disciplina, podendo, no entanto, apresentar algumas imprecisões. 	14
	3	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresenta e explica, de forma completa, 4 ou 3 elementos, distribuídos pelos dois tópicos de orientação, podendo apresentar outros de forma incompleta e/ou com imprecisões OU apresenta e explica, de forma completa, 2 elementos, distribuídos pelos dois tópicos de orientação e, de forma incompleta e/ou com imprecisões, pelo menos outros 2 elementos, distribuídos pelos dois tópicos de orientação. ● Utiliza, de modo adequado, a terminologia específica da disciplina, podendo, no entanto, apresentar algumas imprecisões. 	10
	2	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresenta e explica, de forma completa, 3 elementos de um dos tópicos de orientação OU apresenta e explica, de forma completa, apenas 2 elementos distribuídos pelos dois tópicos de orientação. ● Utiliza a terminologia específica da disciplina, podendo, no entanto, apresentar algumas imprecisões e omissões. 	6
	1	<ul style="list-style-type: none"> ● Identifica apenas elementos dos dois tópicos de orientação, utilizando a terminologia específica da disciplina com imprecisões e omissões. 	2



TESTE SUMATIVO DE HISTÓRIA A – 11º Ano - Turmas D e E

outubro de 2020

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

B-Articulação temática e Organização	3	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolve o tema proposto, mostrando, de forma pertinente e clara, o modo como a contestação no seio da Cristandade latina conduziu à emergência das Igrejas reformadas e à perda da influência de Roma. Organiza os conteúdos de forma coerente. 	8
	2	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolve o tema proposto, mostrando, de forma pertinente, embora nem sempre clara, o modo como a contestação no seio da Cristandade latina conduziu à emergência das igrejas reformadas e à perda da influência de Roma. Organiza os conteúdos com algumas falhas de coerência. 	5
	1	<ul style="list-style-type: none"> Refere-se ao tema proposto de forma superficial, aludindo de forma vaga à relação entre a contestação no seio da Cristandade latina e a emergência das igrejas reformadas. Organiza os conteúdos com algumas falhas de coerência. 	2
C-integração dos documentos	3	<ul style="list-style-type: none"> Integra, de forma pertinente, informação relevante contida nos quatro documentos para fundamentar a análise apresentada. 	8
	2	<ul style="list-style-type: none"> Integra, de forma pertinente, informação relevante contida em três ou dois documentos para fundamentar a análise apresentada. OU Integra, de forma pertinente, embora com algumas falhas, informação relevante contida nos quatro documentos para fundamentar a análise apresentada. 	5
	1	<ul style="list-style-type: none"> Integra, de forma pertinente, informação relevante contida em apenas um documento para fundamentar a análise apresentada. OU Integra, com falhas e de forma pouco pertinente, informação contida em, pelo menos, dois documentos para fundamentar a análise apresentada 	2

Nota - Qualquer resposta que não atinja o nível 1 de desempenho no parâmetro (A) Conteúdos é classificada com zero pontos nos restantes parâmetros.

FIM

Anexo 18 - Teste sumativo



HISTÓRIA A - CCH - 11º ANO – TURMAS D-E

ANO LETIVO 2020-2021

TESTE SUMATIVO – Módulo 3 - (Recuperação de Aprendizagens)

Versão 1

GRUPO I

DO ALARGAMENTO DO CONHECIMENTO DO MUNDO AOS CAMINHOS ABERTOS PELOS HUMANISTAS

1

Documento 1

As viagens portuguesas dos séculos XV e XVI e o novo conhecimento

Os Portugueses dos séculos XV e XVI provaram pela experiência e pela dedução científica: que o oceano Atlântico era navegável e estava livre de monstros; que o mundo equatorial era habitável e habitado; que era possível navegar sistematicamente longe da costa e conseguir perfeita orientação pelo Sol e pelas estrelas; que a África tinha uma ponta meridional e que existia um caminho marítimo para a Índia; que as pseudo-Índias, descobertas por Colombo, eram, na realidade; um novo continente separando a Europa da Ásia oriental e que as três Américas formavam um bloco territorial contínuo; (...) que os três oceanos comunicavam entre si; (...). Traçaram os contornos dos continentes e dos oceanos, esboçando, pela primeira vez; uma geografia ecuménica da terra. Desenharam o primeiro mapa dos céus do hemisfério austral. Trouxeram ao conhecimento do mundo ocidental grande número de civilizações e culturas desconhecidas, pondo muitas outras em contacto permanente. Encararam e puseram o problema de fundir, adotar soluções de compromisso ou separar radicalmente culturas e religiões por vezes altamente complexas. Tiveram de achar maneira de comunicar com línguas diferentes, de estrutura inteiramente diversa da sua, e com sinais de escrita variados. Experimentaram numerosas plantas novas ou insuficientemente conhecidas, frutas e alimentos, trazendo-os para a Europa. Acharam e descreveram novos animais.

OLIVEIRA MARQUES, A.H., *Breve História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1995

Documento 2

A Experiência e o Conhecimento do Mundo

Enquanto o tipo de experiência que funcionou até ao século XVII está conotada com um paradigma predominantemente qualitativo fomentador de um conhecimento "simples" da realidade, de base empírica; a experiência resultante do clima científico em acelerado progresso no século XVII, é associada à experimentação, ou seja, estamos perante um mundo quantitativo, moldado pela matematização do real, **pela experiência laboratorial, pelas leis universais. Nesta dicotomia, (...) não podemos deixar de concluir que, durante o período das viagens dos Descobrimentos, a palavra experiência não ultrapassou - exceto nos estudos de D. João de Castro - duas formas de emprego: a) conjunto de vivências que influíram no carácter e no comportamento do indivíduo; b) elaboração cognoscitiva sobre dados anteriormente conhecidos (o «saber de experiência feito» de Luís de Camões). Assim, quando falamos de experiência é necessário ter alguma precaução, o que nem sempre acontece por exemplo quando, indevidamente, se confunde a experiência do século XVI com aquele tipo de experiência científica (experimentação) que imperou a partir do século XVII. Contudo, nos séculos XV e XVI o uso da palavra experiência funcionou como uma das marcas mais visíveis do definhamento dos paradigmas tradicionais do saber. As navegações portuguesas assumiram, nesse clima de crise paradigmática, um papel chave no valor dado à experiência individual como forma de contradizer os antigos textos.**

Carlos Manuel Valentim, "Experiência", in *Navegações Portuguesas*, <http://www.instit.ufocamoes.pt/cvt/navegaport/f03.html>

Documento 3

Nicolau Nicoli, um florentino da primeira metade do século XV

Nicolau era de boas famílias; era um dos quatro filhos dum rico mercador [...] Por vontade de seu pai, entrou no comércio ainda jovem [...]. Depois da morte do pai (largou os negócios) para fazer o que lhe agradava. Senhor duma bela fortuna, estudou as letras latinas, em que se tornou rapidamente muito instruído [...] trabalhou muito o latim e o grego [...]. Era um belo homem [...] sorridente e de agradável convívio. Nunca se casou para não ser perturbado nos seus estudos [...]. Era muito exigente com a alimentação, como em tudo o mais, fazia servirem-lhe as refeições em belas travessas antigas. Tinha a mesa carregada de vasos de porcelana e bebia por uma taça de cristal ou talhada numa bela pedra [...]. Nicolau era conhecido no mundo inteiro, e aqueles que queriam dar-lhe prazer enviavam-lhe estátuas de mármore, vasos antigos, esculturas, inscrições em mármore, quadros pintados por mestres célebres e mosaicos. Tinha um belo mapa do mundo com todas as indicações de lugares e numerosas ilustrações da Itália e da Espanha [...]. Tinha um grande conhecimento de todas as partes do mundo [...]. A sua casa estava sempre cheia de homens distintos e de jovens notáveis da cidade. Quanto aos estrangeiros que vinham nessa época a Florença, todos pensavam que se não visitassem Nicolau ficariam sem conhecer Florença [...]. Tinha uma bela biblioteca e procurava todos os livros raros, sem olhar ao seu preço [...]. Vendeu várias das suas propriedades e gastou o dinheiro com a sua biblioteca [...]. Além das suas notáveis qualidades, tinha uma opinião esclarecida não somente sobre as letras mas também sobre a pintura e a escultura. Possuía em sua casa grande número de medalhas de bronze, de prata e de ouro, assim como figurinhas antigas de cobre e bustos de mármore [...].

Nicolau encorajava sempre os estudantes bem dotados a prosseguir na carreira literária e ajudava generosamente todos aqueles que mostravam qualidades, fornecendo-lhes professores e livros, pois nessa época não eram tão numerosos como hoje. Pode dizer-se que ele fez reviver as letras gregas e latinas em Florença, onde estavam há muito tempo esquecidas e, se bem que Petrarca, Dante e Boccaccio tivessem tentado reabilitá-las, não tinham ainda atingido a importância que obtiveram graças aos trabalhos de Nicolau; com efeito, ele levava muitos dos seus contemporâneos a estudar as letras e, persuadidos por ele, numerosos eruditos vieram a Florença estudar e ensinar [...]. Nicolau protegia os pintores, os escultores, os arquitetos, bem como os homens de letras, e tinha um profundo conhecimento das suas técnicas. Favoreceu particularmente Filippo Brunelleschi, Donatello, Lucca della Robbia, Lorenzo di Bartoluccio e conhecia-os intimamente.

Vespasiano da Bisticci, *Vida dos Homens Ilustres*, em G. de Freitas, 1975
- 900 Textos e Documentos de História, Lisboa, Ed. Plátano, vol. II

1. Identifique no documento 1 três técnicas de navegação ou instrumentos náuticos que permitiram aos portugueses, nos séculos XV e XVI, "(...) navegar sistematicamente longe da costa e conseguir perfeita orientação pelo Sol e pelas estrelas."
2. Distinga entre os dois significados de experiência presentes no documento 2.

TESTE SUMATIVO – Módulo 3 - (Recuperação de Aprendizagens)

Versão 1

3

3. Ordene cronologicamente os seguintes acontecimentos, que marcaram o alargamento do conhecimento do Mundo pelos Europeus, nos séculos XV e XVI. *Escreva, na folha de respostas, a sequência correta das letras.*
- (A) Utilização da nau na primeira viagem de Vasco da Gama à Índia.
 - (B) Defesa do heliocentrismo por Copérnico.
 - (C) Início da utilização da caravela para a navegação à bolina.
 - (D) Primeira representação do litoral brasileiro, no Planisfério de Cantino, dois anos após a descoberta do Brasil.
 - (E) Passagem do Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias.
4. Nicolau Nicolí (documento 3) é apresentado como um exemplo de sociabilidade das elites cortesãs e burguesas renascentistas na medida em que *Selecione a opção correta*
- a) foi um bem-sucedido homem de negócios.
 - b) criou uma corte famosa, que rivalizava com as cortes de reis e papas, na qual os homens de letras e os artistas eram protegidos.
 - c) sobressaiu pela civilidade, pelos conhecimentos literários e artísticos e pela proteção das atividades culturais;
 - d) sobressaiu pelos talentos físicos e intelectuais.
5. A descrição que V. da Bisticci faz de Nicolau Nicolí (Documento 3) evidencia o ideal renascentista conhecido pelo nome de *Selecione a opção correta*
- (A) espírito crítico.
 - (B) consciência da modernidade.
 - (C) Antropocentrismo.
 - (D) teocentrismo.
6. Transcreva uma afirmação do documento 3 que reflita a prática do mecenato por Nicolau Nicolí.

GRUPO II

OS NOVOSCAMINHOS DA ARTE

4

Documento 1

Miguel Ângelo, *Pietà*, 1499



in http://rezinate.files.wordpress.com/2012/02/michelangelos_pieta2.jpg (consultado em fevereiro de 2020)

Documento 2

Villa Rotonda, projeto de Andrea Palladio, Vicenza, 1552



TESTE SUMATIVO – Módulo 3 - (Recuperação de Aprendizagens)

Versão 1

1. Explícite, com base no documento 1, duas características da escultura de Miguel Ângelo.
2. Além de escultor, Miguel Ângelo também se notabilizou como arquiteto.
Selecione a opção que indica uma obra arquitetónica de Miguel Ângelo.

(A) Cúpula da *Catedral de Santa Maria das Flores*, em Florença.
(B) *Mosteiro dos Jerónimos*, em Lisboa.
(C) Cúpula da *Basilica de S. Pedro*, em Roma.
(D) *Palácio Barberini*, em Roma
3. As preferências estéticas de A. Palladio são visíveis na *Villa Rotonda* (documento 2) através da adoção, entre outros, de
Selecione a opção correta
(A) uma abóbada de ogivas, colunas e entablamento clássicos;
(B) uma cúpula, colunas e entablamento clássicos;
(C) uma planta de cruz latina e arcobotantes;
(D) arcos ogivais.

GRUPO III

Documento 1

A Reforma Protestante na Alemanha

6

Quando Lutero se ergue contra Roma, o «manto sem costura» do Ocidente cristão já foi danificado pela longa crise da Igreja e da fé na Idade Média tardia, pelos «novos monarcas», pela crítica dos humanistas; mas ainda continua inteiro. Uma geração mais tarde, já está em farrapos. A revolta do monge Agostinho contra os abusos da Igreja (as indulgências...) e as soluções que ele encontra para o angustiante problema da sua salvação pessoal (a onipotência da graça, justificação pela simples fé, a revelação da Palavra unicamente através da Escritura numa Igreja constituída pelo conjunto dos crentes iguais à face de Deus) acham terreno propício numa Alemanha desunida, sedenta de reformas, minada por rivalidades principescas e oposições sociais e cada vez mais impaciente perante a tutela romana. [...] Lutero oferece às cidades o meio de se desembaraçarem de um clero rico, ocioso e detestado, aos príncipes um poder finalmente não partilhado, a toda a gente uma fé simples, nacional, inteligível, bebida na fonte do Evangelho.

Atlas Histórico, (Pierre Vidal-Naquet (coord.), Círculo de Leitores, p.162

Documento 2

Os Quatro Evangelistas apedrejam o Papa pela sua mundanidade e corrupção



Pinura de Girolamo di Treviso (séc. XVI) in História Universal, (E. Wright coord.), Alfa, vol. III, 1983, p.10

Documento 3

Recomendações de Calvino

(...) Três pontos a expor.

O primeiro seria mostrar que a Sagrada Escritura é um tesouro, plena de excelente dignidade e com um aproveitamento incalculável. (...) É a verdadeira regra para discernimos entre o bem e o mal e nos ensinar o verdadeiro serviço de Deus.

TESTE SUMATIVO – Módulo 3 - (Recuperação de Aprendizagens)

Versão 1

Assim, eu considero como diabólica a pretensão daqueles que ousam privar o vulgar povo desse benefício de Deus, proibindo-o da leitura Sagrada Escritura, como se Deus não tivesse declarado que a sua intenção era de a publicar para todas as categorias sociais e em todas as línguas.

Demonstrarei como é cruel tirar as pobres almas o seu sustento, para as alimentar de vento. (...)

João Calvino, Bíblia de Genebra, 1546

7

Documento 4

A dinastia Tudor, quadro de Lucas de Heere e Hans Eworth, c. 1589-1595



Da esquerda para a direita Filipe II, marido de Maria Tudor; Maria Tudor; Henrique VIII; Eduardo VI e Isabel I.

1. Interprete a pintura de Girolamo di Treviso (documento 2), fazendo uso dos dados disponibilizados pelo documento 1.
2. Explique os três aspetos que Calvino criticava na Igreja Católica, a partir das recomendações que constituem o documento 3.
3. A consolidação do Anglicanismo em Inglaterra (documento 4) ocorreu no reinado de
Selecione a opção correta

(A) Maria Tudor.
(B) Isabel I.
(C) Henrique VIII.
(D) Eduardo VI.

TESTE SUMATIVO – Módulo 3 - (Recuperação de Aprendizagens)

Versão 1

4. Ordene cronologicamente os seguintes acontecimentos relativos à renovação da espiritualidade e da religiosidade na Europa do século XVI. Escreva, na folha de respostas, a sequência correta das letras.

- (A) Ratificação pelo Parlamento Inglês do "Ato de Supremacia".
- (B) Pregação das Indulgências no Norte do Sacro Império.
- (C) Adoção em Inglaterra da "Declaração dos Trinta e Nove Artigos".
- (D) Afixação por Lutero das "95 Teses contra as Indulgências".
- (E) Excomunhão de Lutero pelo Papa Leão X.

8

5. Desenvolva o tema **A renovação da espiritualidade e da religiosidade na Europa do século XVI**, abordando os tópicos de orientação seguintes:

- a contestação no seio da Cristandade.
- as Igrejas reformadas e a perda de influência de Roma.

Na sua resposta,

- analise os dois tópicos de orientação, apresentando três elementos para cada tópico;
- relacione os elementos apresentados com o tema;
- integre, pelo menos, uma informação relevante de cada um dos documentos 1, 2, 3 e 4.

FIM

Cotação (em pontos)

	1	2	3	4	5	6	TOTAL
GRUPO I	20	20	10	10	5	10	75
GRUPO II	20	10	10				40
GRUPO III	20	20	5	10	30		85
							200 pontos

Anexo 19- Ficha de avaliação



Questões – Aula – 11º Ano - Turma D – 12 janeiro de 2021

VERSÃO

A RECUSADO ABSOLUTISMO NA SOCIEDADE INGLESA

Documento

A Declaração dos Direitos

“... Os Lordes espirituais e temporais e os Comuns, hoje reunidos [...] constituindo em conjunto a representação plena e livre da nação [...] declaram para assegurar os seus antigos direitos e liberdades:

1. Que o pretensão de autoridade real de suspender as leis ou a sua execução [...] é ilegal;
2. Que o pretensão de autoridade real de dispensar as leis ou da sua execução [...] é ilegal;
4. Que qualquer levantamento de dinheiro para a Coroa ou para o seu uso [...] sem o consentimento do Parlamento [...] é ilegal;
1. Que o recrutamento e a manutenção de um exército no reino, em tempo de paz, sem o consentimento do Parlamento é ilegal;
8. Que as eleições dos membros do Parlamento devem ser livres;
9. Que a liberdade de palavra das discussões no Parlamento não podem ser impedidas ou discutidas em qualquer tribunal ou lugar que não seja o próprio Parlamento;
13. Que para remediar todos os agravos, e para a alteração, ratificação e observância das leis, o Parlamento deve ser frequentemente reunido [...]

Tendo sido particularmente encorajados pela declaração de Sua Alteza o Príncipe de Orange, a fazer esta reclamação dos seus direitos, considerada como meio de obter o seu completo reconhecimento e garantia, [...]

Os ditos Lordes espirituais e temporais e os Comuns, reunidos em Westminster decretam que Guilherme e Maria, príncipe e princesa de Orange, são declarados rei e rainha de Inglaterra, de França e de Irlanda e dos territórios seus dependentes.”

Declaração dos Direitos, promulgada pelas câmaras do Parlamento em 22 de janeiro de 1689

Documento

As ideias de Locke sobre o poder político (1690)



John Locke, filósofo inglês,
1632-1704.

[...] A liberdade, na sociedade civil, consiste em não estar submetido a nenhum poder legislativo que não seja o que foi estabelecido pela sociedade [...]

Os homens, tal como ofendido, são todos naturalmente livres, iguais e independentes, e ninguém pode ser tirado deste estado, e submetido ao poder político de outro homem sem o seu consentimento podendo ser conveniente com outros homens, reunir-se em sociedade para a sua conservação para a sua segurança mútua, para tranquilidade da sua vida, e para que possa gozar pacificamente dos bens que lhe pertencem [...]

Se os que são constituídos em autoridade tiverem má conduta, perdemos o seu direito e poder [...] o poder supremo retorna à sociedade, e o povo tem o direito de agir

consoante o seu poder soberano, e exercer a autoridade legislativa para estabelecer uma nova forma de governo [...].

John Locke, *Tratado do Governo Civil* [adaptado] 1690.

1. Nomeie o regime abolido em Inglaterra com a aprovação da *Declaração dos Direitos* (documento).

2. Ordene cronologicamente os seguintes acontecimentos:

- (A) Execução de Carlos I.
- (B) Início dos “Onze anos de tirania”.
- (C) Dissolução do Parlamento por Cromwell.
- (D) Publicação da obra “Segundo Tratado do Governo Civil” de John Locke.
- (E) Assinatura da Magna Carta.

3. Desenvolva o tema “A vitória do parlamentarismo em Inglaterra”

A resposta deve integrar, para além dos seus conhecimentos, os dados disponíveis nos documentos 1 e 2.